



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

O MESTRE ANDARILHO EM NIETZSCHE

Florianópolis

2015

KELLY CRISTINA SCHERER

O MESTRE ANDARILHO EM NIETZSCHE

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito
parcial à obtenção do título de
mestre em Educação.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Lúcia S.
Hardt

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

SCHERER, KELLY CRISTINA
O MESTRE ANDARILHO : O MESTRE ANDARILHO / KELLY
CRISTINA SCHERER ; orientadora, LUCIA HARDT -
Florianópolis, SC, 2015.
152 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. ESTILO.MESTRE.ANDARILHO.ESCOLA. I.
HARDT, LUCIA . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

KELLY CRISTINA SCHERER

O MESTRE ANDARILHO EM NIETZSCHE

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de mestre em Educação e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 30 de setembro de 2015.

Professora e orientadora Dr.^a Lúcia S. Hardt
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Dr.^a Rosana Moura
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Dr. Wilson Antonio Frezzatti Junior
Universidade estadual do oeste do Paraná

Professor Dr. Jean Gabriel Castro
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a meu filho
João Wauters.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à Universidade Federal de Santa Catarina — que é minha segunda natureza — pela oportunidade de estudo e pelo tempo que me beneficiou de sua estrutura.

À Capes/DS pela possibilidade de fomentar minha pesquisa.

À Professora e Orientadora Dr.^a Lúcia S. Hardt, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) — agradeço pela paciência e sabedoria, pois soube como dar asas e freios para que este trabalho fosse concluído.

À Professora Dr.^a Marlene de Souza Dozol (UFSC) — agradeço pela atenção, dedicação de suas aulas e especialmente pela inspiração (jamais esquecerei os devaneios que vivenciei com base em suas questões e posições).

À Professora Dr.^a Rosana Moura (UFSC) — agradeço sua profícua interpretação no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Professor Dr. Wilson Antonio Frezzatti Junior, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) — agradeço pela disposição de ter lido cuidadosamente meu trabalho: cuidado que o aluno necessita desenvolver em si. Em sua sabedoria, conseguiu ver o processo do outro, que é, na maioria das vezes, obscuro e infértil. Teve a sensibilidade de não desprezar, em meio ao caos de palavras inúteis, ideias que acarretariam raízes profícuas no texto. Ou, se ainda não está tão firme como uma raiz, pode, com seu olhar, despertar uma palavra semente.

Agradeço às inúmeras provocações dos colegas em debates, bem como em trabalhos produzidos em conjunto, instigando a tensão

necessária à investigação em Nietzsche. Dessa maneira, tornei-me mais atenta e forte!

A meus Pais e familiares que, juntos, testemunharam minha constante agonia na compreensão dos conceitos, na busca constante em aprender a ver, ler e escrever um texto acadêmico.

“Para que alguma coisa advenha, é preciso que alguma coisa parta, a primeira figura da esperança é o medo, a primeira aparição do novo, o terror.” (Heiner Müller)

RESUMO

Analisaremos, neste trabalho, duas imagens que configuram tipos distintos de mestre traçados por Nietzsche, a fim de pensarmos a questão da escola contemporânea, uma vez que está contido, nas duas ideias de mestria, o problema da cultura — logo, o da formação humana. Inicialmente apresentaremos a figura do mestre inspirado em sua juventude e que figuraria um período estético romântico de sua obra. Outra representação estratégica nos escritos de Nietzsche, que exerce importante papel ao analisarmos os tipos distintos de mestre, é o protagonista de *Assim falou Zaratustra*. Com base nessa obra, demonstraremos que o conceito de mestre é desconstruído, para compor outra ideia de sabedoria ou ensino. Trata-se da evocação da imagem do andarilho (*Wanderer*), representada pela experiência de travessia do mestre — profeta que, ao traçar caminhos diversos, rompe valores basilares, ou seja, valores morais embasados no que Nietzsche denominou “ideais ascéticos”. Pois Zaratustra, absorto em reflexões, intenta cancelar tábuas avoengas, a fim de averiguar questões do conhecimento sobre a formação da cultura e criação conceitual sobre a ideia de homem.

Palavras-chave: Estilo. Filosofia. Mestre. Andarilho. Escola.

ABSTRACT

Keywords: Style. Philosophy. Master. Wanderer. School.

In this work, we are going to analyse two images that sets up the different kinds of master strokes by Nietzsche, in order to think in the contemporary school, since it contained, in both ideas of mastery, the problem of the culture — before long, the human formation. Initially we are going to introduce the figure of the master inspired in his youth that would figure in a romantic aesthetic period of his work.

Another strategic representation in Nietzsche written, that exercises an important role in the analyse of the different kinds of master, is the leading figure of “Also sprach Zarathustra”. Based on this work, we are going to demonstrate that the concept of master is deconstructed to compose another idea of wisdom or teaching. It is the evocation of the image of the Wandering, represented by the experience of the master crossing that trace different paths, tear basic values, in other words, values based in what Nietzsche called “ascetic ideals”. Because Zarathustra, absorbed in reflections, attempts to destroy older boards. Therefore, we are going to use the track lived by Zarathustra, in order to inquire the problem of knowledge about the formation of the man and the creation about the idea of the man.

PRELÚDIO

Blanchot afirma que Nietzsche, pensando o mundo, o pensa como metáfora: “O mundo: um texto; o mundo, jogo divino para além do bem e do mal”. Assim, pergunto ao lermos a trajetória da ideia de homem na travessia do mestre em Nietzsche: O que vemos em nossa travessia pelo mundo? E o que é possível interpretarmos nessa rápida travessia?

Pensar a ideia de um andarilho que escolhe andar para ensinar é infinitamente maior do que associarmos o caminho com a ideia de um método linear de ensino. Pois, a nosso ver, a história da formação do homem no mundo não pode resumir-se à troca de informações acerca do conteúdo das idealizações que prefiguram a concepção de homem. Resumir-se ao lisível das formas não é somente a experiência marcada por trajetos históricos, pelas fendas indecifráveis do mundo, medidas por avaliações e julgamentos de verdade traçados pelo ideal do mestre-profeta da antiguidade e/ou experiência continuada pela formação canônica nas torres dos medievos! Dos monges copistas ou mesmo a formação dos clássicos etc. (. . .). O mundo visto pelo viés de Nietzsche, ao analisar a linguagem, não passa de fábula. “E Nietzsche acrescenta, com uma profundidade que não cessou de surpreendermo-nos: Receio muito que não nos desembaracemos jamais de Deus, pois ainda acreditamos na gramática.”¹

Caminhar é atravessar a ideia de homem e pensar! Vivenciar o caminho da humanidade é viver o perigoso jogo de interpretar. Talvez pensar a história do pensamento é como escolher uma trilha errada. O

¹ Blanchot, p. 132-133.

caminho induz a certos desdobramentos que podem culminar em algo muito perigoso, pois sempre haverá caminhos diferentes e o próprio risco de errá-los. De qualquer modo, errar leva-nos a pensar se, de fato, existe o caminho certo! E, se caminhar através do pensamento fosse como copiar, borramos com tinta negra as palavras copiadas no manuscrito da vida. De certa forma, borramos, dado que a vida não é exatamente apenas cópia. Nem tudo pode ser ensaiado: a vida é como é!

Mas sobre o caminho podemos ainda afirmar: caminhar é iniciar um movimento qualquer. Assim, a qualquer tempo dizer: quero andar! E lá deixarmos o corpo livre, tropeçando em sua saga. Um passo, dois, e iniciamos “o caminho”. Também se pode pedalar, dançar, voar. Quem vai pelo caminho (aéreo, terrestre ou marítimo) pressupõe o deslocamento. Não se trata de metáfora o caminho ao qual nos referimos agora, senão condição para o movimento; caminhar pela superfície do mapa. Corpos andando para chegar a um lugar. O percurso é essa condição: trajeto do corpo em movimento. Acerca disso e andar sobre um trajeto, podemos afirmar conhecê-lo ou não, pois o caminho é o lugar da rota certa. Mas há caminhos que não conhecemos, endereços fixos os quais esquecemos o mapa; outros estamos inaugurando, não porque fomos os primeiros a pisar, mas porque jamais tínhamos passado por tal rua, lugar, tais espaços desconhecidos de nossos sentidos.

E aí hoje vale de tudo: seja pelas manobras tecnológicas e seu Global Positioning System (GPS), seja pelo fato de que, quando alguém sabe indicar o caminho, por vezes, temos a curiosidade de explorar sozinhos e desviar-nos de rotas demarcadas ou encontrar outras saídas, as quais somente você explorou — aquele que decidiu escolher trilha diferente, só ele poderá revelá-la. E isso não quer dizer que, no

fim do trajeto, não possamos todos comemorar a chegada? Mas que chegada? Aonde queremos chegar? Qual o objetivo de caminhar em direção a algum lugar? Por que não ficamos parados, acomodados confortavelmente em nossos apartamentos, casas, dormitórios, jardins? E por que todos? Quem são esses todos? Amigos, pessoas que resolveram estar lá naquele lugar por uma mesma razão? Ou seja, percorrer caminhos ou “o caminho”.

A escola enquanto espaço da formação no mundo contemporâneo pode ser, na vida de todos, o lugar de comum chegada. Pois representa, na vida de qualquer cidadão temporal/ lugar a que todos querem chegar, indiferentemente se por obrigação ou direito, ou se, em alguma época, alguns poderiam participar desse encontro e outros não! Não pretendemos definir a escola somente um lugar de sociabilidade; de poder condicionado pela via dos melhores. Talvez seja sim, o lugar de amigos, de inimigos. Talvez anterior ao lugar; a escola convive com seus singulares. Por que pessoas singulares? Porque cada indivíduo percorreu seu trajeto, cada qual têm caminhos diferentes e sua chegada — que é única. Porque tem que ver com o, trajeto amplamente aberto pela pluralidade da existência, espaço infinito de discursos entreabertos e enigmáticos. Nesse sentido, atravessar a floresta do conhecimento é explorar diferentes caminhos. E por isso o caminho também é motivo para diversos deslocamentos. Ele sempre é racional, porque equivale estar em uma determinada ordem, mas, o caminho pode ser inclusive de desvios e, por vezes, motivado por alterações, buscas e erros que são inevitáveis.

Enquanto o que orienta a vida, temos a civilização que, através do conceito de homem e das diversas mudanças, tornou a vida parte na

história da humanidade. Desse modo, carregamos o histórico do surgimento das civilizações e espécies vivas; testemunhamos a extinção de ideias e seres. Aprendemos a suportar — ou não —, mas, de algum modo, experimentamos o que é vida!

Assim, a civilização apresenta-se como o espaço maior em que “todos” experimentam, aprendem a transitar, mesmo que não em todas as épocas de modo livre; hoje, no entanto, mais livremente e que, ao nascer, assimilamos no espaço da urbanidade traços que definem, através história da civilização, o que é vida!

O certo é que ao chegarmos nesse lugar em que chamamos escola, guardamos na memória cada trajeto de experiência de vida que já foi percorrida, e de algum modo, todos que chegam à escola, não há dúvida, fizeram inúmeras escolhas que o conduziram a esse trajeto. Deste modo, chegam acometidos por essas impressões — que são únicas —, porque o trajeto até a escola é parte dessa ampla civilização. É chão batido nesse labirinto da cultura que podemos denominar realidade do mundo.

O caminho da escola são memórias de um trajeto em que descobrimos a vida. Descobertas não são invenções! Mas, ao descortinarmos as ruas, descobrem-se invenções, aprende-se algo sobre o que significa vivenciar o caminho. A escola é um espaço importante, mas não poderá contemplar-se como única juíza ao avaliar o conhecimento humano. O caminho, como é o estudo desta análise, pode ser metafórico: palavra que é esconderijo do texto, ou seja, caminhar pode ser lida como interpretar um texto. Um lugar, uma imagem ou olhar. Portanto, a palavra da poética do filósofo é parte de um caminho

que é traço na história dos homens, linha em que percorreu caminhos diversos, caminhos itinerantes.

Tal ideia de travessia é de fio a pavio. Palavra e traço que se desviam de seu centro de gravidade, ou seja, aqui, especificamente, pretende-se denominar de centro da ideia de homem (humanidade), porque estaremos, entre outros conceitos, tratando da questão dos valores morais e de como eles modulam o homem por meio da fábula do mestre. Entretanto, para não ampliarmos demasiadamente o texto, trataremos de esclarecer a moral a que estamos nos referindo. Considerando que os leitores desconhecem as obras do autor, indicamos tratar-se da crítica refinada pelo conceito cristão de moralidade. Mas, obviamente, não trataremos de aprofundar a questão da moral em Nietzsche, pois é um tema que atravessa toda a obra do filósofo e, portanto, haveria necessidade de um trabalho específico sobre tal.

Mesmo porque, por vezes, deparamo-nos com muitos problemas em Nietzsche ao falarmos da moral, dado que, num momento, ele nega certa moral; noutro, afirma um tipo de moral. Ademais, se fôssemos aprofundar o tema, teríamos de conceituar a palavra “amoral” e, inclusive, extrairmos a compreensão do que ele denominou “imoral”. Pois, muito se é comentado em Nietzsche com base em sua obra *Genealogista da moral* a ampla crítica que faz em relação a sua ética que não está dissociada de sua estética. Em outras obras de referência, como *Aurora*, Nietzsche tende a uma definição mais incisiva a respeito da moral, autoproclamando-se o primeiro imoralista e/ou amoralista.

Assim, não nos ateremos especificamente ao problema da moral em Nietzsche e de suas definições acerca da moral, mas pretendemos

verificar os efeitos que pode trazer tais indagações da questão da superação da ideia de mestre com base na autossupressão da moral em Nietzsche e, de um modo particular, apresentar o conceito de “andarilho mestre/profeta”, visando ensinar aos homens sobre o problema causado pela moral ascética na civilização e que insiste anunciar ao leitor de Zaratustra que este é um tipo específico de mestre que nasce para cancelar tal moral; um tipo de mestre enganador, visto que revela em *Ecce Homo* que o leitor deva ter cuidado, pois Zaratustra poderia tê-lo enganado. E qual seria esse grande engano? Zaratustra, aparentemente, é o espelho de um mestre/sábio, homem profeta que ambiciona anunciar uma boa nova. Será que nosso grande engano não seja o de percebê-lo como profeta-mestre, condutor dessa “boa nova”?

Pois parece que o engano — erro fatal do qual tratou de falar Nietzsche — está no ímpeto do homem em acreditar numa moral particular: a moral que deu origem à ideia de “Bem” e “Mal”. Moral da qual Nietzsche trata vigorosamente. E que, desde sua origem, foi interpretada de distintas maneiras, modificou-se no caminho de sua trajetória, mas, de alguma forma, essa representação teve uma mesma finalidade. Segundo o autor, foi a de amansar o homem mediante seus instintos, assim, o profeta ou terapeuta ascético cumpre seu papel de moralizar o homem, criando métodos e coerções tendo em vista civilizar a humanidade.

Em *Genealogia da moral*, Nietzsche intentou traçar radicalmente esse caminho do profeta, esse mestre que soube como um feiticeiro conduzir o homem.

A figura nômade de Zaratustra traz à tona outras questões, por exemplo, o confrontar-se consigo mesmo em relação a esse erro do

profeta ascético, porque percebeu que é necessário reinventar-se para autosuperar-se. Nesse trajeto, Zaratustra torna-se quem é. . . segue seu próprio caminho, buscando cancelar os valores morais acéticos e propondo nova concepção de homem com base na transvaloração de todos os valores. Por essa razão, interpretaremos as figuras de mestria, dando-lhes objetivos distintos. O mestre andarilho é efetivamente a representação desse “tornar-se o que se é”; é aquele que, além de ensinar o caminho do além-do-homem e do eterno retorno, ensina que essa via só é possível através da autoexperimentação (caminho que é busca constante), por isso Zaratustra é o mestre que se autosupera, e o inventor de si mesmo, ou seja, a busca pela mestria de si mesmo. Embora já havia demonstrado isso com base em sua leitura de Schopenhauer como educador, e mais claramente com figura fictícia do mestre na floresta onde deveria ensinar os jovens a refinar o estilo, este trabalho pretende ressaltar tal tarefa por meio do conceito de andarilho que encontramos na obra *Assim falou Zaratustra*. Este, como mestre, não parece atrelado a questões de estilo, mas visa trasvalorar e inovar fundamentado em seu estilo. Pois compreende que a cultura está em decadência por causa de valores que Nietzsche denominou doentios à cultura (e são partes da formação moral no homem) — conceitos como niilismo surtem como exemplo dessa decadência no seio da noção de humanidade. Portanto, mais que ensinar um estilo a discípulos doutrinados, o andarilho percebe que, primeiramente, é necessário eliminar o niilismo passivo da humanidade, dado que tais valores enfraquecem o corpo e o espírito, bem como paralisa o senso crítico. Portanto, Zaratustra, como mestre resignificado por si mesmo, compreende que é necessário cancelar esse modelo de moral que paralisa a busca pela filosofia.

Zaratustra ensina ao homem que ele não é determinado por uma essência divina que designa todas as coisas, mas, pelo conjunto de suas forças, o homem de uma dada cultura é produzido ou não. Isso pressupõe uma educação que pode elevar o homem cuja cultura elegeu compor no seio de sua cultura: homens preparados para tornarem-se criadores, homens grandes. E, fundamentado no projeto de Zaratustra, Nietzsche demonstra que tais homens são espíritos livres, por isso o mestre andarilho fala a toda gente que é possível o além-do-homem.

Mas esse homem supostamente livre tem uma responsabilidade um tanto perigosa e que pode ser fatal, pois ele tem a tarefa de cultivar os homens. Embora Zaratustra quisesse isso, veremos que renunciará a isso. Talvez Nietzsche objetivasse mostrar que a tarefa de superação não pode ser uma tarefa ordenada, condicionada pela alteridade de outrem, mas interpretada em si mesmo por uma busca incansável de si mesmo. Portanto, o andarilho se exime dessa responsabilidade de ensinar o outro para torna-se mestre de si mesmo.

Durante sua juventude, Nietzsche mostrou-se fascinado por uma ideia: transformar a cultura por meio de uma educação refinada. Uma cultura que fosse maior que o próprio conceito de civilização? Uma cultura em que o homem do tipo nobre fosse exaltado; cultura em que o mestre poria em prática sua mais laboriosa instrução. A ideia de homem do tipo nobre está presente na obra *Genealogia da moral*, onde se lê a distinção daquilo que o próprio Nietzsche entendeu como moral. Ele considera muitos tipos de moral. Por exemplo, a moral do tipo nobre em Zaratustra recebe distintas facetas. Um exemplo disso é o modo como o equilibrista compreende a superação do além-do-homem. Dessa maneira, leva em conta aspectos que diz respeito à educação e formação

humana. Em sua juventude, Nietzsche já proferia várias conferências sobre os estabelecimentos de ensino, colocando em xeque questões fundadoras da cultura. Mas foi com Zaratustra que essas críticas tomam proporção mais profunda em relação ao projeto do filósofo.

Não intentamos interpretar o projeto de Nietzsche com fascismo ou métodos reacionários, mas um Nietzsche do tipo elitista no sentido de propor o caminho da formação para os poucos bem logrados — os mais adubados. Nietzsche, especialmente nos escritos de sua juventude, pareceu mais idealista e, desde Zaratustra, tornar-se gradativamente desatrelado de sua panfletagem institucional para refletir acerca do papel do conceito de homem, apresentado em Zaratustra.

Mas o que nos interessa especificamente são “os caminhos do pensamento de Nietzsche”, isto é, suas dobras conceituais. E que, a nosso ver, parte de um período mais romântico, por isso mais idealizado, mas pende, em certa medida, para o pensamento nômade. Portanto, em seu primeiro momento filosófico ele reflete sobre o ideal de mestre que poderia cultivar na escola, aqueles bem logrados que, se fossem bem treinados, seriam os novos heróis da civilização. Nietzsche foi influenciado pelas discussões sobre a formação da cultura na Alemanha, e tais movimentos oscilavam entre alas mais radicais do classicismo, romantismo e misturados com a apropriação do trágico nos gregos. E que têm como principais motivadores desse movimento pensadores de renome, como Hölderlin, Lessing, Schiller, Goethe, Winckelmann, dando destaque a este último. Por ter estudado profundamente a história do helenismo, foi o primeiro a estabelecer distinções entre arte grega, greco-romana e romana, o que seria decisivo para o surgimento e a ascensão de outros movimentos, como o

neoclassicismo. Afinal, Nietzsche acompanhou toda essa literatura crítica que oscilou entre o classicismo (e suas vertentes) e o romantismo.

Nesses termos, Nietzsche estabeleceu relação: de um lado racional, ao definir as características do mestre; de outro, nostalgia oriunda da história do Velho Mundo. Nietzsche foi apaixonado pela Grécia arcaica e sua concepção de homem trágico.

Essa valorização do homem grego e seus feitos nutriam, em Nietzsche, forte sentimento em relação ao passado, aproximando-o do romantismo. De algum modo, ao partir da Alemanha, o filósofo deu início a outros movimentos. Estes marcados por epifanias e reflexões de si mesmo por meio de Zarathustra; e Nietzsche, como andarilho, pareceu ainda conter traços do romantismo, em virtude de seu caráter solitário. Porém, parece extrapolar qualquer moral, buscando superar seus limites.

O andarilho, nesse sentido, inspira a inauguração de caminhos outros. E certamente Nietzsche abriu caminhos. Mesmo na evidência de que não são “todos” os que poderão tornar-se espíritos livres, pois tornar-se livre não é uma questão de sistema, mas de superação da moral; tampouco uma questão de formação escolar ou política, senão de compressão de si diante da cultura, do mundo e espaço de criação. Autosuperação das ideias e crenças que nos impedem de pensar, isto é, em termos Nietzscheanos, nos impedem de continuar andando.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	29
2 O CAMINHO DA FORMAÇÃO (<i>BILDUNG</i>) NOS ESCRITOS DO JOVEM NIETZSCHE	49
2.1 A SABEDORIA DO FILÓSOFO E O ENSINO PARA OS JOVENS	62
3 O ANDARILHO — OUTRO CONCEITO DE SABEDORIA EM NIETZSCHE	77
3.1 O ANTIMESTRE E O ÚLTIMO-HOMEM, PERANTE A FIGURA DO HOMEM SUPERIOR	97
4 A ESCOLA DEMOCRÁTICA E O CANCELAMENTO DA MORAL	107
4.1 EXPERIMENTAÇÃO, TRANSVALORAÇÃO E A APRECIÇÃO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA	127
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	149

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisaremos duas imagens que configuram tipos distintos de mestria traçados por Nietzsche, para pensarmos o ensino e suas possíveis indagações na atualidade. O problema da cultura e a crítica aos estabelecimentos de ensino estão contidos em ambas as ideias de mestre. Logo, da formação humana. Para tanto, partiremos da concepção de que Nietzsche é o criador de caricaturas, no sentido de representar características exageradas em suas definições conceituais. Construindo/desconstruindo conceitos/valores por meio da criação dessas personagens, em que se revela o estilo² literário do autor. Escrever sobre tais imagens enleva o filósofo a um estilo próprio, demonstrando a complexidade de sua autoria, fruto do modo como ele experimentou, por meio das palavras, a filosofia, e fez surtir desse estilo sua assinatura única.

Segundo a visão de Deleuze, este estilo apresenta-se em Nietzsche em um plano de imanência conceitual. Sobre isso, Deleuze em conjunto com Guattari, na obra – *O que é a filosofia?* – Tratam de demarcar as características que mais se aproximam na atualidade de um fazer filosofia pela diferença, isto é, a habilidade do filósofo “de criar, fabricar, inventar conceitos”. Essa habilidade que segundos consta na obra é o legado dos filósofos, isto o de produzirem conceitos. Ainda sobre isso, cada filósofo possui nesta perspectiva uma marca registrada. Uma autenticidade ao renomear as ideias, pois nada viria do vazio, “Evidentemente todo conceito tem uma história”³. Isso tornou-se

² Ver em LÉXICO DE Nietzsche, p. 189.

³ DELEUZE; GUATARI, 2010, p. 23- 25

recorrente nas obras de Nietzsche, pois ele carregou cada personagem de muitos aspectos, traços filosóficos, e, ao que tudo indica, as caricaturas representam, grosso modo, “máscaras, entidades singulares”⁴. Todavia, ao investigar as imagens que aparecem frequentemente em seus escritos, pode-se verificar os tantos conceitos a partir dos personagens, onde Nietzsche abrigou os germes acerca de sua filosofia ou a questão de o quanto precisamos desviar-se de formulações fixas. Portanto o filósofo, ao apropriar-se de conceitos, não os retira do nada, e, sobretudo, Nietzsche pesca- a de tal forma, tornando uma escrita filosófica de modo único.

Pois segundo o veredito Nietzscheano, você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um solo, que não se confunde com eles, mas que abriga seus germes e os personagens, que os cultivam. O construtivismo exige que toda criação seja uma construção sobre um plano que lhe dá existência autônoma. Criar conceitos, ao menos é fazer algo.⁵

Deleuze afirma que “Não há conceito simples e que todo conceito tem componentes, e se define por eles”, carregando, portanto, “uma cifra”, Nietzsche propõe, ao fabricar máscaras, desviar-se do modo tradicional de escrita filosófica. E através desta perspectiva Deleuzeana, parece ter sido um escritor “fronteiriço”. Pois, além de ter crítico é um criador fervoroso, não apenas em relação aos sistemas filosóficos, mas, como filólogo/filósofo limítrofe, ousou articular essa espécie de demarcação no conhecimento, tais como a educação, a

⁴ Ibid., 32-33

⁵ Ibid., p. 14.

filosofia, a estética, a ética, a ciência, o campo da poética, metafísico e até mesmo o epistemológico. Portanto, ao criar tipos e figurações conceituais em seus escritos, ele institui estilo próprio de pensar, pois elabora, através de sua história, novo estilo conceitual e de fazer filosofia: espaço sem fronteiras para o pensar, colocando à frente do pensamento a questão da vida, da arte e da experiência.

Inicialmente, abordaremos a dimensão de uma imagem que é estética e romântica em um de seus primeiros escritos, as chamadas *Conferências*. Isso porque a história narrada pelo autor, na 1ª conferência, faz parte de uma época em que a menina dos olhos da Europa era o tema da *Bildung*. Era necessário responder à cena dos movimentos estéticos: qual movimento intelectual poderia melhor definir qual educação (*Bildung*) poderia elevar a Alemanha, tornando-a culturalmente elegante, no sentido de compor-lhe um estilo.

Com base em seus escritos, faremos recorte de Nietzsche em um dos temas discutidos pelo autor. Seleccionamos um texto em que ele expõe, na primeira conferência, o tema sobre a cultura alemã e de como poderia, por meio do mestre ideal, ser cultivada. Nietzsche o faz fundamentado na configuração fictícia de um mestre ancião e seu discípulo. Portanto, será abordada, num primeiro momento, a visão do jovem Nietzsche, levando-se em conta a história da época e a visão da cultura definida por Nietzsche por meio de suas críticas aos estabelecimentos de ensino nesse período.

Num segundo momento, outra imagem de mestria emerge estrategicamente nos escritos de Nietzsche, que será analisada em *Assim falou Zaratustra*. Trata-se do conceito de andarilho. Nele é discutido o problema do mestre como profeta de outra visão ética e moral. Acredita-

se, com isso, que tal imagem baseia-se numa possível desconstrução do ideal de mestria, ou seja, Zaratustra surge como contra ideal, pois, se para Nietzsche a metáfora e/ou linguagem mítica torna verdade através da crença na fábula, Zaratustra conta a fábula do além-do-homem, que é o andarilho. Por isso, o mestre é uma espécie de antígeno à fábula de verdade no mundo, de maneira que pretende superar os valores morais diagnosticados por ele através da cultura da época, denominada, pelo autor, cultura doente (decadente) niilista.

Pretendemos analisar, entre aspectos e indagações com base nesse diagnóstico do filósofo, a presença do niilismo na educação contemporânea e a projeção de tais valores. Nietzsche propõe um contra ideal a isso, de modo que é apontado pela travessia do mestre andarilho como espírito livre que deseja continuar buscando o caminho da criação e da superação da ideia de homem.

Nesses termos, este trabalho pretende indagar com Nietzsche, através das imagens de mestria suscitadas por ele, a condição de professores de filosofia (em que estamos constantemente avaliando a prática pedagógica, sendo desafiados a dar-lhe estilo), Nietzsche pode trazer questões relevantes a essa prática e/ou ser inspirador para novas experiências de ensino, ou seja, podemos visualizar muitos horizontes por meio de suas inúmeras obras, outras "Auroras" — em suas palavras. Mas quais são as "Auroras" que ainda não brilharam na escola? Ou que devem ser mantidas ou excluídas na escola contemporânea com base nas indagações dessas caricaturas de mestrias? O que podemos deduzir com os paradoxos do filósofo que insiste em anunciar através dos tipos distintos de mestres. Pois, se de um lado ele faz emergir o mestre ideal para o cultivo dos jovens no ginásio, de outro, anuncia a morte de todos

os ideais, porque, como andarilho, buscará superar toda verdade tornada fábula.

Certamente, esbarramos em outros conceitos, por exemplo a questão dos discursos de verdade em Nietzsche que está longe de esgotar-se, mas poderá alimentar a inquietação de professores, pedagogos, filósofos que não cessam de questionar as caminhadas infinitas acerca do conhecimento. Enfim, não há pretensão de aprofundarmos a questão da verdade em Nietzsche, tão pouco discutirmos afirmar tal cancelamento da moral em Nietzsche, mas, ao mencionar tamanha tarefa, não há como evitar de esbarrar em outros temas, tais como a verdade, a moral, a relação escola/ensino, (tão imbricados), pois tanto a escola quanto a filosofia são espaços em que a linguagem torna possível o ensino das coisas na cultura.

Segundo Paschoal - Para Nietzsche, em *Verdade e mentira*, mesmo ao atuar no campo dos fenômenos o intelecto não produz senão ilusões, as quais pela força do hábito o homem convencionou chamar de verdades. Nas palavras do filósofo, tais “verdades”, contudo, não passam de “um batalhão de metáforas, metonímias, antropomorfismos, em resumo, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias” (WL 1). Diferentemente do que se tem com Kant, que neste momento é tomado em função tanto de sua preocupação com a possibilidade do conhecimento ou não dos objetos quanto em colocar limites seguros e determinados à razão, no interior dos quais se possa confiar nos seus resultados (KrV B 21). Kant parece ainda crer na possibilidade da verdade, ao menos no campo dos fenômenos.⁶

⁶ Paschoal, Antonio Edmilson. Kant e-Prints, Campinas, Série 2, v. 4, n. 2, p. 323-340, jul-dez, 2009, p. 324.

Talvez seja por isso que é instigante interpretarmos Nietzsche como o filósofo da diferença (da suspeita, se preferirem), porque não há como não deparar com uma série de problemas que são cuidadosamente encadeados pelo autor. Nietzsche é, sem dúvida, inventor de conceitos da concepção humana.

Assim, procura, através das visões desses mestres, externar outra visão de mundo, cultura, homem. Pretendendo, como filósofo, indagar e/ou mesmo suprimir valores morais decadentes em *Os desprezadores do corpo*, vê-se mais apuradamente o que essa crítica intenta revelar. Pois corpo e alma são indissociáveis pelo viés do filósofo. Assim, Nietzsche ensina a dançar, permitindo que transbordemos o conhecimento, mesmo ao ensinar a morte de Deus e apontar seus assassinos. Enfim, a questão da “verdade” tão imbricada no meio escolar pode servir como fonte de inúmeros questionamentos sobre como Nietzsche pode ser superado na escola ou na relação ensino-cultivo.

Para ele, todas as verdades são fatos interpretativos, pequenos recortes da concepção de homem. Nietzsche, ao ensinar a superarmos a culpa pela morte de determinado conceito, ensina a continuarmos vivos em nossas ações e criações! Portanto, como professores, parece ser uma oportunidade pensar acerca do tema, uma vez que temos a responsabilidade de fabricar, inventar o homem no molde escolar.

O que significa não somente conservar as tradicionais idealizações, atitudes morais, mas, talvez, seguir as suspeitas de Nietzsche em relação à questão da moral, de modo que os professores,

por meio dos conceitos de mestria, possam analisar a relevância daquilo que manifestou como a supressão da moral em Nietzsche.

Deve-se pensar a educação com base em outros valores morais e/ou mesmo discutir a importância ou não do aspecto moralizante ao cultivar certos valores para o futuro. Por isso, a imagem do andarilho sugere uma peculiaridade: suprimir a moral do tipo negadora da vida. Mas isso não significa somente desconstruir valores, senão abrir espaço ao exercício da filosofia, do pensamento que é ou pode ser perigoso. Exercício despertado pela ideia de travessia, busca, encontro; pois o conhecimento do sábio parece ser invertido através do exercício incansável de pensar, apresentado pelos traços do andarilho, dado que é algo para experimentar, e não somente tem o cunho de representar uma ideia, mas parece ser efetivado pelas tantas vivências e experiências de Zaratustra.

Pois as ideias no viés do andarilho estariam em constante movimento, ora sendo necessário desconstruir tradicionais valores morais — “velhas tábuas” —, isto é, ao desaprender valores, haveria abertura para construir outros horizontes. Portanto, causando um constante estranhamento pela dinâmica que sugere mais desapegar de certos conceitos a fixar doutrinas.

Neste sentido, Nietzsche, a princípio, parece ser mais destruidor que edificador, uma vez que apontaria sua grande artilharia para muitas direções ao iniciar seu bombardeio em relação aos valores que deveriam ser revistos na construção da formação do homem. Logo da civilização e da cultura. Alertando sobre alguns problemas da civilização e cultura, em que a figura do filósofo pode ser destacada, já que este tem

condições de criar, fabricar conceitos, por fim valores; e é por meio da invenção de conceitos que isso pode ser realizado.

A nosso ver, tratar-se, de algum modo, da transformação do ensino da cultura contemporânea. E por isso é também uma questão a ser pensada no campo docente da filosofia. Uma reflexão que parte desde as andanças do velho mestre na floresta e que continua nos traços peculiares do andarilho de Zaratustra. Assim, o conceito de andarilho parece nomear outro tipo de mestre que, ao atravessar caminhos diversos, rompe valores dados como basilares, ou seja, valores que, segundo a crítica à *Genealogia da moral*, foram fundamentados nos “ideais ascéticos”; por isso o andarilho é um modelo de inversão do mestre profeta, isto é, outro tipo de sabedoria. Isto se verifica no pensamento de Cragnolini ⁷, que chama a atenção para esse tipo de mestria, que se caracteriza pela ausência fundante de uma escola Nietzscheana. Decorrente dessa ausência, a figura do mestre parece demonstrar, na verdade, um antimestre. Portanto, uma espécie de *antibildung* nos escritos de Nietzsche.

Então, o objetivo no 1º Capítulo, será de capturar os traços deste mestre que elabora o caminho da formação no ensino dos jovens nas chamadas conferências públicas proferidas entre janeiro e março de 1872, isto é, o sábio que configura o ideal de formação à cultura. Uma espécie de Filósofo que, ao ensinar aos jovens a importância de um caminho que os conduza à filosofia, mostra-se amigo do saber.

E vemos aqui, como a composição do homem sábio estava diretamente ligada ao que Nietzsche acreditou ser o ideal de mestria

⁷ CRAGNOLINI, Mônica. Estranhos Ensinamentos: Nietzsche-Deleuze. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n.93, pp.

para a sociedade alemã, ao ressaltar, nas características dele, o louvor e a dívida para com os seus mestres, os quais respeitava.

Nesse período ele idealizou — se nos é permissível usar tais termos — o mestre que deveria se deter a ensinar o aspecto cultural mais importante, isto é, a leitura dos grandes clássicos (Homero, Ésquilo, Sófocles) e dos autores alemães (Goethe, Lessing, Schiller) para que a juventude pudesse imitá-los criativamente, impedindo, assim, uma leitura apressada e superficial. Tais características da leitura deviam ser transpostas para a escrita, que também exigiria maturidade para ser desenvolvida⁸.

Com isso, pretendemos demonstrar como a imagem do filósofo é representada nas primeiras conferências de Nietzsche. Segundo a perspectiva nietzschiana sobre o ensino, esse mestre deveria ser o próprio filósofo, responsável por esse “cultivo”, isto é, saber como conduzir essa juventude. Sobre esse conceito nos debruçaremos ao falar da missão do mestre em relação ao ensino dos jovens, pois é ele que deve saber conduzir os impulsos ainda inflamados da juventude não cultivada. E é por isso que o aluno (discípulo) necessita ouvi-lo para aprender a importância da língua e da escrita. Entretanto, como podemos ver, Nietzsche abandonará o projeto pedagógico quando resolve buscar uma filosofia pessoal, afirmadora de seu estilo. Pois, para Nietzsche, saber ler e escrever é saber dar estilo ao pensamento. Nesse sentido, escrita e pensamento não são dissociáveis.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Mas não entraremos no âmago de todas as questões que envolvem o abismo entre os períodos que separam as duas obras do autor e os dois estilos de mestre respectivamente anunciados. Se, em um primeiro momento, discorreremos acerca do mestre eloquente que pretende ter discípulos, conforme as aspirações de sua juventude, em seguida, será preciso abstrair, transpor algumas etapas da produção teórica do filósofo, para que possamos ir diretamente ao problema do paradigma da visão de mestre que, por sua vez, ocorreu no chamado terceiro período ou Nietzsche maduro, distanciando-se, assim, em alguma medida, dos mestres e valores em que fora educado.

Veremos desta forma no 2º Capítulo, a possível desconstrução da imagem do mestre sábio, mestre-profeta ou uma mudança de estratégia na visão do mestre, que se dá através da figura itinerante como é apresentada em *Assim falou Zaratustra*. E que não será mais a visão do “sábio do passado” ou o mestre que conduziria os jovens e deveria ser imitado. Nessa ocasião, o que parece interessar a Nietzsche é engendrar a “visão do futuro”, que é a imagem do tipo de homem que prepararia a terra para amar a vida na terra. Mas, para isso, é necessário o homem transformar-se, mudança esta que pode ser vista na personagem de Zaratustra. Portanto, encontraremos traços, características de Zaratustra que sugerem outro modelo de mestria, distinta do velho ancião da floresta, ou seja, o propósito de Zaratustra, mais do que ensinar, consiste em libertar homens de uma falsa cultura. Zaratustra ambiciona atravessar a ideia de homem ao lado de companheiros para cumprir essa tarefa.

Segundo Deleuze, há traços marcantes em cada personagem que é fabricada por seus autores. “Os traços dos personagens conceituais

têm, com a época e o meio histórico em que aparecem, relações que só os tipos psicossociais permitem avaliar”. De acordo com listagem elaborada por ele, é possível visualizar, com base nos distintos planos de imanência conceitual, a composição de traços de cada personagem conceitual. Por exemplo, sobre a composição de cada traço que caracteriza cada personagem, Deleuze presume:

que haja traços patéticos: o Idiota, aquele que quer pensar por si mesmo, e é um personagem que pode mudar, tomar um outro sentido. Mas também um louco, uma espécie de louco, pensador cataléptico, ou “múmia” que descobre, no pensamento, uma impotência para pensar.⁹

Nessa perspectiva, veem-se outros tipos de características, como os traços relacionais, marcados pela ideia de amigo, amante, rival fazendo a ponte do pensamento, mas, por meio dessa divisão, oposição. Pois o conceito precisa desse corpo sensível inconsciente, adormecido, provido do “jovem” ou da figura de Eros — o amante, a figura inocente que é despertada. Há, também, entre tantas características, os “traços dinâmicos”.

Avançar, trepar, descer, são dinamismos de personagens conceituais, saltar à maneira de Kierkegaard, dançar como Nietzsche, mergulhar (70) como Melville são outros, para atletas filosóficos irreduzíveis uns aos outros. E se nossos esportes hoje estão em plena mutação, se as velhas atividades produtoras de energia dão lugar a exercícios que se inserem, ao contrário, sobre feixes energéticos existentes, não é somente uma mutação no tipo, são outros traços dinâmicos ainda que se introduzem num pensamento que

⁹ DELEUZE, Gilles. GUATARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010. p. 86

“desliza” com novas matérias de ser, vaga ou neve, que fazem do pensador uma espécie de surfista como personagem conceitual; renunciamos, então, ao valor energético do tipo esportivo, para sublinhar a diferença dinâmica pura que se exprime num novo personagem conceitual.¹⁰

Nesse sentido, de acordo com Deleuze, Nietzsche, ao criar personagens, deu a esses traços que obedecem a uma tipologia de pensamentos módulos em que Zaratustra ganhou projeções. Por exemplo, às vezes Zaratustra parece simular um típico “amigo filósofo”, apesar de não haver traços de um amor ou rival; a amizade entre ele e os entes de sua caverna podem contextualizar essa realidade. “Pois que os personagens têm este papel, manifestar os territórios, desterritorializações, e reterritorializações absolutas do pensamento”, mas, se nas conferências, a personagem tem traços que lembra um “amigo filosófico”, nesse sentido há relação de disputa conceitual entre o mestre e seu discípulo. Em Zaratustra, ele torna-se o mestre robusto por excelência e representa o típico pensador aeróbico — “filosófico dinâmico”. Zaratustra surfa, dança, desliza. . . com o pensamento. Representa, nesse sentido, como apontou Deleuze, típica personagem dinâmica que “desliza” surfando, dançando.

Por isso Zaratustra anuncia o valor da catástrofe moderna — aquilo que é necessário deixar ruir para outra cultura nascer. Altera a concepção da ideia de como o mestre ensina a concepção de homem. Talvez, a figura do andarilho surja como um conceito que inspire modelos, mas, a pretensão de Nietzsche indica que o objetivo da figuração de Zaratustra é inseri-lo de modo que possa sustentar um

¹⁰ Ibid.,87

contra ideal, esse contra ideal parece também caracterizar a necessidade de cancelamento de alguns valores construídos pela humanidade. Portanto, ele representa a necessidade de superar aquilo que não caberia mais valorar, ao avaliarmos a ideia de homem, por isso um mestre, cujo olhar viu o passado e pretende lançar outros valores para o futuro?

Zaratustra é uma tentativa provável de resolver o que representaria o paradoxo existencial deixado por Nietzsche. Por isso, os ensinamentos do andarilho representam, como diz Mônica Cragnolini, a indicação de uma *antibildung*¹¹. Porque tampouco desejou ser o condutor da humanidade, como fizeram todos os mestres-profetas. Ele, ao passar pela praça pública, renuncia ao direcionamento de caminhos. Não pretendeu sê-lo na história da humanidade mais um profeta, nem mesmo deixar suas pistas à humanidade para que o sigam, ou seja, Zaratustra não quer seguidores, não quer discípulos. Apesar de haver conquistado uma porção deles pelo caminho.

Nietzsche, em sua juventude, elegeu seu mestre. Este é o autor do livro — *O mundo como vontade e representação* — que o inspirou de modo singular na história de suas obras. Especula-se que Nietzsche o leu intensamente, dado seu interesse imediato pela filosofia de Schopenhauer¹². Acredito que, por isso, em suas primeiras impressões

¹¹ CRAGNOLINI, Mônica. Estranhos Ensinamentos: Nietzsche-Deleuze. **Educ. Soc.**, Campinas, n. 93, pp. 11951203, set-dez. 2005.

¹² Paschoal em seu artigo intitulado: *a boa forma de retribuir ao mestre* ao apontar algumas aproximações de Nietzsche e Schopenhauer fala que na primeira extemporânea, o jovem professor de filologia se posiciona igualmente a favor de Schopenhauer - e de Wagner -, apontando-o como expressão do espírito alemão, ao mesmo tempo em que ataca David Strauss, identificando-o como o representante de uma tendência à extirpação daquele espírito. Tendência que se verifica no júbilo produzido pela vitória dos alemães sobre os franceses na guerra-prussiana, na crença no reich

acerca do mestre, foi forte influenciado pela leitura de Schopenhauer, no modo rigoroso do mestre com seu discípulo e com os jovens na floresta, porquanto parece que ele foi o exemplo de um mestre emancipado que poria sentido ao ensino à juventude.

Mas, vejamos que quando Zaratustra desce de sua caverna, a personagem surge como o mestre que deseja ensinar outra coisa aos homens, por isso, tenha prescrito em *Genealogia da moral*, reafirmado na obra *Ecce homo*, que o andante compõe um “*contra ideal*” aos valores morais — expressão que denominou de a “negação da vida”¹³ e à ideia de homem. Logo, a ideia de um sábio/profeta/mestre a mostrar o caminho à humanidade. Parece-nos evidente a crítica à essência do homem e a troca de visão de mundo que se passou em Nietzsche.

No terceiro capítulo destacaremos aspectos do seu primeiro período e a visão do mestre andarilho — criação de Zaratustra. Far-se-á saltos para se pensar quanto as indagações do filósofo são pertinentes em relação aos valores atuais da escola. Então intentaremos demonstrar

instaurado por Bismark em 1871 e no que Nietzsche chama de “filisteíssimo da cultura”: (CEI,2) a atitude dos homens instruídos de sua época, em especial do burguês culto, crente no progresso da sociedade e na bondade humana, que tomava a si mesmo como ponto de chegada de toda cultura e arte apenas como objeto distração e entretenimento. Nesse contexto, de um otimismo exacerbado, a crítica de Nietzsche se apresenta como uma opção pelo pessimismo- por Schopenhauer. Assim, se para David Strauss toda a filosofia verdadeira é otimista e todo pessimismo não teria direito à existência, pois nega a si mesmo e ao mundo (CEI,6), para Nietzsche, o otimismo, especialmente em relação à razão e às suas explicações para os enigmas do mundo e da existência, é característico de períodos de decadência, dissolução e fraqueza, nos quais não se consegue olhar de frente o problema da dor e do sofrimento (PASCHOAL, 2008, p.340-341).

¹³ Nietzsche objetivou apontar críticas aos valores morais que enfraquecem a potência daquilo que ele denominou vida. Ver definição de vida em Nietzsche.

que, no âmbito escolar, seu pensamento se faz necessário e é vivo, dado que sua avaliação nos serve de indagação! Serve para interrogarmos como podemos valorar a escola com base nas questões propostas tanto pelos ideais de cultura (apontadas em seu primeiro ímpeto juvenil) quanto pela figura de Zaratustra.

Assim, podemos indagar acerca da resolução do problema à cultura e às suspeitas suscitadas pelo filósofo na atualidade. Nessa perspectiva, não receamos estar sendo anacrônico ao colocar tais questões em pauta.

Por exemplo, seria possível uma experiência por meio do ensino regular nas escolas, fundamentada na visão do mestre que deseja ensinar aos alunos a ler e escrever para poderem, desse modo, aprenderem a bem pensar? Por que tal visão vinda dos gregos e dos alemães? Seria possível, dessa maneira, cultivarmos alunos com um estilo superior? E sobre o ponto central: seria possível desatrelar a escola pública, afastá-la das ideias democráticas, a fim de promover uma cultura mais elevada, uma vez que esta nutrida de valores morais e interesses mercadológicos nivelariam o conhecimento entre os homens? Com base em tantas questões, ressaltaremos o que Nietzsche destacou ao retomar Zaratustra, ou seja, o problema da cultura, mais especificamente o problema dos valores na cultura.

Com isso, nos valem como sugestão Nietzscheana ver o tema do trágico¹⁴, que surge desde os primeiros escritos de sua juventude. Por

¹⁴ Segundo Antonio E. Paschoal, Para Nietzsche, a percepção do caráter trágico da existência conduz a afirmação da vida, uma vez que não é sinal de fraqueza, mas de saúde transbordante. É a serena-jovialidade dos gregos que permite a eles colocarem diante de si o sofrimento na sua forma mais crua e suportá-lo sem precisar, para isso, de uma explicação otimista, utilitarista, prática ou racionalista para a existência. Da mesma forma como não

isso, apresentaremos no 3º capítulo, de um lado a escola como o lugar da emancipação do homem, lugar da formação, e melhoramento do homem através da educação, mas, especificamente através das ideias democráticas. E de outro lado, a crítica de Nietzsche a esses valores que circunscrevem a escola, por exemplo, os valores aos quais Nietzsche não parou de ruminar em toda a sua obra: questões sobre educação, cultura e valores morais, em que parece não estar completamente dissociados. Nietzsche foi o primeiro a autoproclamar-se problematizador da moral. Problema que esbarra naquilo que é basilar na escola.

E é com Zaratustra que o tema do trágico surte pelo modo como o andarilho escolhe encarar as questões da cultura, da formação humana e do ensino, e mais especificamente da vida. Porque Zaratustra, entre outras atribuições, é o propositor de uma “transvaloração de todos os valores”. Uma vez que não fundou escola alguma, o que segue desta imagem nômade é que o andarilho buscará em algum momento de sua

precisavam buscar uma explicação para o sofrimento deste mundo em outro mundo no qual o sofrimento deste seria compensado, como várias religiões. Por fim, não se trata de curvar-se ao destino, de suportar o sofrimento por não haver outra alternativa, como uma forma de resignação, mas de afirmá-lo por prazer. Assim, se é certo que o homem é uma “estirpe miserável e efêmera” constituída de “filhos do acaso e do tormento”, em relação à qual Silenos afirma: “O melhor de tudo é para ti inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém o melhor para ti é morrer”. É certo também que, conhecendo e sentindo os horrores do existir, e mais, transfigurando este horror por meio dos deuses olímpicos, “até o seu lamento [dos gregos] se converte em hino de louvor à vida.” E eles podem inverter a proposição de Sileno e afirmar: “A pior de todas as coisas é para ele morrer logo; a segunda pior é simplesmente morrer um dia.” (NT,3) (Paschoal, 2008, p. 343-344).

travessia tornar evidente a catástrofe do homem Moderno e a necessidade de uma “transvaloração de todos os valores”. Entretanto, é preciso que o homem possa olhar-se no espelho de sua cultura, e Zaratustra, ao buscar atravessar essa cultura, vê-se impelido a encarar sua doutrina (reflexo no espelho). Filosoficamente mostra, que é preciso enfrentar aquilo que se faz costumeiro. Logo, se pensarmos um mestre andarilho na escola podemos imaginar que sua maior contribuição seja a de provocar discussões acerca desses temas tão singulares.

Por isso, pensar a escola em que haja um mestre cambiante, que avaliasse as coisas ao modo andarilho, certamente poria em xeque questões que o levaria ganhar fama como mestre da contravenção, transgressor de outros métodos utilizados para ensinar o nivelamento do homem. Portanto, o espelho de Zaratustra é empregado metaforicamente neste texto como um caminho para melhor compreensão dessa ideia de pensamento nômade e sua encarnação de muitas máscaras refletidas no seio da cultura. Espelho depurador da cultura, porquanto deseja inverter o que é considerado límpido, pois Zaratustra, enquanto reflete o homem, incorpora novas caricaturas. O mesmo dá-se para a concepção de mestre, que é uma caricatura do profeta que ele deseja cancelar na cultura — ênfase para retratar que a concepção de homem chegou ao fim. Um provocador por insinuar a supressão da moral, entre a moral mais atacada, certamente volta-se para a moral cristã. Porque é esse modelo de moral que possibilitou o tipo de homem representado pela caricatura do “último-homem” ou o antípoda do homem nobre.

A escola e o ensino de filosofia são espaços de pensamento, as indagações do filósofo em torno dos conceitos formação, educação e ensino são atuais, tais aspectos levantados pelas caricaturas de mestre e

andarilho demonstram que o debate nos serve de especulação acerca de nos mesmos enquanto professores, mestres e que estamos em constante busca pelo conhecimento, busca essa que reflete a ânsia de autosuperação dos conflitos acerca do mundo contemporâneo, receio que a grande contribuição desses mestres seja a mover as estruturas que sustentam o que denominamos: civilização, educação, cultura, “eu”, homem.

Recorte importante caso houvesse uma escola fundada pelo pensamento de Nietzsche. Assim, podemos indagar, desde o 3º Capítulo, acerca dos valores que poderiam ser selecionados caso houvesse uma escola ao estilo das figuras projetadas por Nietzsche. E, com base nos dois modelos de mestres apresentados neste trabalho, perguntamo-nos como seria a escola de Nietzsche?

Dessa maneira, pensar Nietzsche, na escola, é também percorrer muitas travessias, pois a prática docente poderá ter diversos formatos. Entretanto, Nietzsche questionou radicalmente o fundamento da civilização. Mas, se o professor é aquele que ensina e avalia exigindo discípulos, talvez Nietzsche nos apresente um problema, porque há uma contradição pedagógica na figura de Zarathustra.

Por fim, talvez se instalados num ambiente que produza, em razão dessa contrariedade, constante tensão e disputa entre estilos, sem que um deles se consolidasse. Talvez esse seja o grande ensinamento do andarilho enquanto desconstrutor da ideia de mestre, ou seja, suportar a condição de ser mestre em constante deslocamento. O encontro do mestre é com a turbulência e a tensão. Tensão que sugere apreciação, superação, autoexperimentação de si mesmo.

Enfim, Nietzsche acreditava que viver e conhecer não é ato separado. Tal concepção retirada dos “filósofos arcaicos” na Grécia trágica dos Gregos, dizia que o pensamento e a vida para o povo Gregos eram indissociáveis. Não existia separação entre teoria e prática. Corpo e alma. Eles viviam como pensavam. E, Nietzsche apesar de ter sido um professor catedrático como Kant e Hegel, como filósofo, tornou-se o pensador da diferença, teve como experiência aproximar-se mais desse estilo de vida, pois na realidade ao torna-se um andarilho não parece indissociável de suas ideias fluídas, sua produção filosófica é de algum modo, um tanto itinerante, como afirmou Blanchot, ao dizer que “Com Nietzsche algo insólito vem à luz”¹⁵.

E que, ao desistir da cátedra, talvez, negou o modo catedrático de escrita para entregar-se a diversos caminhos. Renunciando o modo filosoficamente sistemático de escrever, acabou rompendo com a filosofia clássica. Contudo, não deixou de cumprir o papel teórico da criação de conceitos. Com isso, será fundamental analisarmos esses dois aspectos das figurações apresentadas nos textos do filósofo, cujas criações revelam posturas distintas no modo de operar conceitos filosóficos.

¹⁵ BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita. A experiência Limite**. São Paulo: Escuta, 2007. p. 31.

2 O CAMINHO DA FORMAÇÃO (*BILDUNG*) NOS ESCRITOS DO JOVEM NIETZSCHE

Nietzsche é um filósofo que surpreende não só pelo rigor estilístico na escrita, mas por sua relação apaixonante entre mestres e cultura. Havia em seus primeiros escritos, a influência de uma forte corrente que, trazida das tantas discussões acerca da construção de uma formação autêntica, pautava-se na grandiosidade da Grécia clássica¹⁶. Uma autêntica Alemanha que desejava consolidar-se buscava inspiração no modelo grego. Após a unificação da Alemanha, houve uma expansão da cultura por meio dos estabelecimentos de ensino, ocorrendo uma disseminação do conhecimento que não levava em conta a totalidade da civilização, ignorando o mais importante a questão da cultura (cultur)¹⁷. Nietzsche criticou duramente esse modo expansionista que ambicionava

¹⁶“Tal imagem, característica da concepção clássica de Bildung, é expressa exemplarmente na seguinte passagem de Johann Joachim Winckelmann, autor que, segundo Gerd Bornheim, ensinou-nos a amar a Grécia: Enfim, o caráter geral, que antes de tudo distingue as obras gregas, é uma nobre simplicidade e uma grandeza serena tanto na atitude como na expressão. Assim como as profundezas do mar permanecem calmas, por mais furiosa que esteja a superfície, da mesma forma a expressão nas figuras dos gregos, mostra mesmo nas maiores paixões, uma alma magnânima e ponderada (winckelmann,1975, p.53) ” (WEBER, 2011, p.51).

¹⁷ Deve-se distinguir a cultura (cultur) da civilização (Civilisation) e lembrar que, em sentido amplo, o conceito nietzschiano de cultura corresponde ao que o uso francês designaria antes pelo termo “civilisation”. A cultura não visa à formação intelectual nem ao saber, mas engloba o campo constituído pelo conjunto das atividades humanas e de suas produções: moral, religião, arte, filosofia também, estrutura política e social etc. Abarca, portanto, a série das interpretações que caracterizam uma determinada comunidade humana, num estágio preciso de sua história. (WOTLING.P, 2011, p. 28).

como ideal de Estado a “bela forma”¹⁸ e o conhecimento conteudista. Porque tudo indica que o objetivo do Estado era formar o erudito — homem especialista. Enquanto isso, acreditava que a ideia de cultura e formação do homem era bem mais complexa em relação a essa totalização no sentido de expansão, ou seja, criação de muitas escolas que acabara por reduzir a qualidade do ensino.

Pois para o autor de “*Assim falou Zaratustra*”, a cultura é um processo que brota da mais profunda reflexão, cresce lentamente. Ao contrário desta ideia, o que estava sendo realizado nos estabelecimentos de ensino era fruto de uma formação apressada, sem o cuidado necessário para cultivar e formar o homem para a cultura. Nas palavras de Nietzsche, é demais exigir que um aluno esteja pronto aos 23 anos — de modo a exercer uma profissão¹⁹. Segundo Frezzatti, Nietzsche afirmou, que a formação que visava a expansão, é uma camada que recobre o homem, verniz, apenas uma pintura.²⁰

A concepção de que a formação (*Bildung*) é apenas um verniz, ou seja, uma camada superficial que recobre o homem, não o atingindo de modo profundo, aparece, ao menos, associada a duas perspectivas diferentes na obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Uma delas refere-se à falsa formação, aquela que é considerada capaz de melhorar o homem, mas que apenas o torna um animal de rebanho, e pode aparecer, nos textos

¹⁸ ALVES, Thaise Dias. **A ideia de mestre em Nietzsche**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014. p.26.

¹⁹ VISENTEINER, Jorge Luiz. Aprender a ver, Aprender a pensar, Aprender a falar e escrever: condições do conceito de *Bildung* no Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche. Artigo disponibilizado em palestra/UFSC, 2011.

²⁰ FREZZATTI, A. Wilson. Educação (*bildung*) enquanto verniz: crítica ao Estado e psicofisiologia. Dossiê Nietzsche e a Educação, *Filosofia e Educação* – ISSN 1984-9605 Volume 6, número 1, fevereiro de 2014, p.

nietzschianos, ligada à crítica ao Estado. A outra perspectiva considera que o processo formativo não pode efetivamente modificar um indivíduo, somente produz características aparentes.²¹

Enquanto algumas políticas liberais na Alemanha, preocupadas em expandir seus estabelecimentos de ensino incluindo o ensino das Universidades, buscavam uma “reforma nas instituições educativas”, havia correntes mais artísticas que conduzidas por um ímpeto de regresso à natureza, assim busca-se, abrigo ao retorno nos muitos modelos da Grécia²², isto porque, os alemães estavam de acordo de que o projeto de formação deveria ser tão ou mais grandioso e superior àquela admirada pelos seus intérpretes. Porque, buscava-se compor uma unidade a partir dos valores estéticos, culturais e educacionais e isto estava implícito na questão da formação (*Bildung*)²³, e que pode ser

²¹ Ibid., p. 63.

²² Segundo Weber Em *Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche*, estabeleceu-se na Alemanha, uma forte corrente que, trazida da Grécia clássica, buscava o modelo desta como tentativa de criar, através de sua imitação, uma autêntica Alemanha. Havia três modelos de *Bildung* que os alemães se inspiravam, resultado do desenvolvimento das teorias “estético-literárias no final do século XVIII e século XIX”. São três os modelos de *Bildung* referidas por Weber, a saber: o clássico, o romântico e o trágico. No entanto, é sabido que tanto Hölderlin e Nietzsche não se enquadravam exatamente nessas vertentes. Por isso, veremos que, apesar de sua ligação com o clássico e o romântico, e de seus ideais como professor e educador, ele era partícipe de uma visão mais ampla do conceito de formação (*Bildung*) a visão de formação dos clássicos e dos românticos que, em relação à visão trágica dos gregos, era pouco considerada ou explorada pelos alemães de sua época. Disso resulte, talvez, a crítica ferrenha que Nietzsche faz, na maioria de suas obras, ao povo alemão e, por isso de algum modo, abandona o projeto chamado de formação (cultura) (WEBER, 2011, p. 49).

²³ “Talvez, seja preferível traduzir *bildung*, no mais das vezes, por ‘cultivo’. Se *bilden* é desenvolver, inflamar, alimentar, nos termos de Ludoviko-Schelling *bilden* equivale, numa palavra, a cultivar” (STIRNIMANN, 1997, p. 13). A opção por cultivo permite ainda evocar o plano de profundidade, referência a

entendida como o exercício ou o cultivo de uma nação, uma ideia de civilização ideal alcançada através de uma educação superior. Portanto, a questão da formação, cultivo, estava decididamente em pauta, pois almejavam distinguir-se como nação, e dizer, com autenticidade, o que significa ser alemão.

E, como sabemos é através da obra “*O Nascimento da tragédia*”, em que Nietzsche pareceu mesmo tomar partido acerca do problema da formação (*Bildung*) porque, esclarece a partir de uma visão artística do homem o que se perdeu no caminho e sobretudo um retorno aos gregos, isto é, seria fundamental para resgatar a questão do apolíneo-dionisíaco.²⁴ Portanto, segundo a visão de Nietzsche, caso os alemães

processos subterrâneos que tem curso com certa independência, tematizados no romantismo sob o signo da imaginação poética. Quer dizer, há uma força que, alimentando-se de “substâncias obscuras”, inconscientes, de nossa alma, sonhos, desejos, pulsões, brota irresistivelmente, vindo à luz. Este ímpeto natural, este poder vegetativo, busca luz, embora incondicionado, merece cultivo, do contrário, tende a não se expandir, a não vingar (Ibid, p. 52-53).

²⁴ Logo no início do livro *O nascimento da tragédia*, Nietzsche ressalta a experiência trágica vivenciada pelos Gregos e escreve: “O Grego conhecia e sentia os pavores e sustos da existência: simplesmente para poderem viver, tinha de estender à frente deles a resplandecente miragem dos habitantes do olimpo e assim se fazia legítima a vida humana. (Nietzsche, 1974, p. 13), sobre tudo para apaziguar-se da terrível verdade dita pelo sábio Silenos, ao ser forçado a dizer a verdade sobre o homem, Silenos vocifera: “A melhor coisa é não ter nascido, a segunda melhor é morrer logo”. A partir dessa terrível verdade da existência o melhor que fizeram os gregos foi a de abraçar a realidade dessa verdade da melhor forma possível, ou seja, pela união plástica e musical dos dois deuses do olimpo, isto é, da união do apolíneo e dionisíaco. O apolíneo representa a ideia de civilização, ordem e beleza, heroísmo marcadas por uma estética em que a arte poderia através da beleza funcionar como véu de maia ou a ilusão necessária para não viver essa terrível verdade vislumbrada por Sileno. O nojo sentido por essa verdade é tanto que se fez necessário o consolo. Ou seja, abraçar para a vida a tragédia. Citamos novamente Nietzsche: “Aqui, nesse supremo perigo da vontade, aproxima-se, como uma feiticeira salvadora, com seus bálsamos, a arte; só ela

quisessem uma unidade de estilo, deveriam basear-se no caminho inverso, ou seja, como bem identificou Alexandre Alves, (2008) em vez da apropriação do período da “Cultura racionalista alexandrina – marcada pela confiança na lógica e pelo socratismo moral”²⁵, a sugestão do autor é primeiramente um retorno a “visão trágico-dionisíaca de mundo”²⁶. E que acabaram por retirar deste retorno aos gregos, no caso das várias correntes na Alemanha, apenas a forma plástica e ou a parte apolínea da Grécia. Nas palavras de Weber, é possível vislumbrarmos melhor sobre esses desdobramentos acerca da discussão em que Nietzsche tomou partido nesse período.

Não tão próxima dos românticos, mas, bastante distante do classicismo, a concepção trágica de *bildung* postula que a serenidade grega, fundamento da interpretação do classicismo, é um erro de estoicos. A denúncia desta imagem da Grécia como sendo falsa, obra de Hölderlin e Nietzsche, constitui um dos testamentos estéticos

é capaz de converter aqueles pensamentos de nojo sobre o susto absurdo da existência em representações com as quais se pode viver: o sublime como domesticação artística do susto cômico como alívio artístico do nojo do absurdo. O coro de sátiros do ditirambo é ato de salvação da arte Grega; no mundo intermediário desses acompanhantes de Dionísio esgotavam se as crises descritas acima” (NIETZSCHE, 1974, p. 17).

²⁵ Alves, Alexandre. Estudos sobre Nietzsche. **Revista Trágica**, v. 1.1, nº2, 2008. pp.1-17.

²⁶ “ É uma tradição incontestável que a tragédia grega em sua figuração mais antiga tinha por objeto somente a paixão de Dioniso e que por muito tempo o único herói cênico que houve foi justamente Dioniso. Mas com a mesma segurança poderia ser afirmado que nunca, até Eurípedes, Dioniso deixou de ser o herói trágico, e que todas as figuras célebres, tantas vezes notada com espanto. Não sei quem afirmou que todos os indivíduos, como indivíduos, são cômicos e por isso não-trágicos: de onde poderia se concluir que os gregos simplesmente não podiam suportar indivíduos sobre o trágico. De fato, eles parecem ter sentido assim; do mesmo modo que em geral essa distinção e valorização platônicas da “ideia” em contraposição ao “ídolo”, à cópia, estão profundamente entranhadas na essência helênica (NIETZSCHE, 1974, p.18).

mais contravertidos do século XIX. A grande descoberta de Hölderlin e Nietzsche consistiu em reconhecer no plano da natureza um poder criador que constrange o homem ao mundo da expressão, quer o nome que a isso se dê seja religião, arte, filosofia, morte... Natureza e Apolíneo-Dionisíaco (e, posteriormente vontade de poder) são os nomes que Hölderlin e Nietzsche, respectivamente, darão a tal poder. Assim, tal princípio não opera apenas no plano particular da atividade de dar forma (homem, artista), mas, também, e principalmente, no plano da constituição do próprio ser das coisas. Quer dizer, a imagem da Grécia legada pelo classicismo é ingênua, pois descuida de considerar que da própria destinação do homem, ou seja, da própria particularidade do seu modo de ser no mundo, emana a necessária consideração de um modo de ser que é absolutamente distinto da calmaria classicista do mundo, ordenado pelas regras férreas aos quais o artista o submete. A bela forma é apenas, para Hölderlin e Nietzsche, meia parte do mundo da imagem. A outra imagem é sonora. As artes plásticas são enformadas pela música. O que o classicismo não entendeu é que os Gregos eram um povo musical, um povo de poetas, não de escultores apesar de Fídias. O nome para isso é: Arquíloco, Ésquilo, Sófocles, Schopenhauer, Wagner. Como? Schopenhauer e Wagner gregos? E aqui reencontramos a insidiosa questão: O que significa propriamente ser Alemão? Embora as respostas tenham sido inúmeras, elas ainda continuam sendo dadas, poucos foram os que não disseram ser Alemão é uma forma nórdica de ser Grego! Nós germanos, os puros, espiritualizamos a Grécia. Assim, o repúdio de Hölderlin e Nietzsche ao classicismo decorre da recusa à espiritualização da Grécia como procedimento interpretativo equivocado.²⁷

²⁷ WEBER, José Fernandes. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche**. Paraná: Editora da Universidade estadual de Londrina, 2011. p. 53-54.

Podemos afirmar que Nietzsche, a partir do envolvimento com os movimentos artísticos, políticos e filosóficos, comprometeu-se com seu tempo, foi impelido a tomar partido conforme os valores discutidos da época, ou seja, o problema da formação de um estilo de cultura. Nietzsche acreditou legítimo, participar deste período crítico de sua cultura, o retorno aos gregos, foi de certa maneira, uma releitura dos alemães em sua época. Labarthe afirmou que “Quando Hölderlin se propõe a escrever sobre os Gregos, ele trouxe à reflexão um problema que estava assombrando a Europa, isto é, o espectro da imitação.”²⁸ E que Hölderlin sustenta que a Grécia é inimitável. E isso poderia ser resumido no que se convencionou “Gigantesco *double bind* histórico”. O Moderno subjugado por esses mestres inacessíveis que foram os gregos. Havia na Europa movimento do que deveria ser imitado de modo autêntico com base na grandiosidade da Grécia Clássica. O que fatalmente pareceu uma contradição, pois se de um lado, os alemães de veriam imitar, ou sejam, não era necessário ser autêntico, mas, que soubesse reproduzir tal como é, isto quer dizer, reproduzir uma obra “*ipsis litteris*”. De outro lado, havia a questão da autenticidade alemã e ou mesmo a preocupação de criar algo tão grandioso como foram as obras dos Gregos.

Entretanto, Hölderlin não estabeleceu, como a maioria — inclusive Goethe —, uma visão considerada “solar” da Grécia, e sim com base na visão considerada mais sombria, chamada de “trágica” da Grécia. Segundo Labarthe, o trágico é a ruína do inimitável — o que jamais poderá ser imitado, porque não mais podemos nos “reconciliar

²⁸ LACQUE-LABARTHE, P. **Hölderlin e os Gregos**. Lisboa: Vendaval, 2005, p. 9-16.

com a natureza dos gregos”. Diante da não possibilidade de retornar aos gregos, ou seja, essa natureza primeira, esse paraíso perdido, o elo entre natureza e cultura. Caberia à modernidade ficar subjugada por esses mestres inacessíveis. Não havendo como se reconciliar, o que nos resta é a representação do ideal dessa natureza.

Pretende-se com essa primeira sequência de informações acerca do jovem Nietzsche apontá-lo, de certo modo, como um pensador que, ao escolher o modelo *Bildung*, parece optar por tornar-se apologista de uma pedagogia dionisíaca (visão trágica do mundo). Entretanto, como veremos adiante, ao compor sua crítica aos estabelecimentos de ensino, acredita em um tipo específico de mestre-filósofo, e que nada se assemelha ao tipo trágico tão elogiado na obra anterior.

Certamente, ante alguns conceitos sobre a *Bildung*, podemos afirmar tratar-se de um período idealizado (se nos for cabível empregar tais termos). Em muitos de seus escritos, e especialmente com base na imagem do velho sábio, o mestre deveria deter-se a ensinar o aspecto cultural mais importante, isto é, a leitura dos clássicos²⁹ (Homero, Ésquilo, Sófocles). Portanto, ao participar da construção da formação estética e cultural em que estava diretamente envolvido, não por acaso, revela, nas primeiras conferências em que profere a alunos e professores na Basileia, a visão de formação cultural que deveria ser ensinada por um tipo específico de mestre, ou seja, aquele emancipado — o que poderia levar a esse retorno cultural aos gregos.

Assim, podemos visualizar o cenário em que o autor debruçaria suas críticas, ou seja, o desgosto pelas tendências vindas de outras

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre Educação. Rio de Janeiro/São Paulo: Puc Rio/ Loyola, 2012. p. 91.

projeções da formação cultural, é o exemplo da educação do estado, que cultivavam na formação, outras correntes diferentes, daquela vista por Nietzsche e Hölderlin. Deste modo, segundo o célebre autor é necessário suspeitar, do modo apressado de levar conhecimento a cultura, porque corre-se o risco de levar à decadência e à banalização do pensar.

Em contrapartida desta formação política liberal do estado, dos mercenários, e de uma estética centrada na “bela forma”, estaria o homem de gênio, ou seja, aquele cuja força não está plantada na cultura racionalista, herança de uma visão classista. Sobre isso, Nietzsche tratará de modo eficiente, resumir o grande desprezo ao educador do Estado, ou seja, àquele mestre da “bela forma”. Assim, segundo tal conceito, o erudito é esse professor forjado que não promoveria a figura do artista, gênio criador.

É o que trataremos de mostrar na primeira conferência. Em *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, Nietzsche faz emergir a imagem de um exemplo de “mestre” idealizado, que teria as características para emancipar, cultivar o jovem a outra visão de cultura. Desse modo, esse sábio poderia ensinar aos jovens o caminho da formação. Todavia, podemos facilmente identificar as semelhanças entre o relato ficcional em que vemos a imagem de um velho sábio e a figura de Schopenhauer como ideal de formação.

Observemos a citação a seguir, que pode apontar Schopenhauer como um educador a ser imitado. Nessa intempestiva (como também é chamada), Nietzsche elogia Schopenhauer e o considera seu mestre. Parece que é mediante algumas características que vemos surgir o modelo da ideia de mestre projetada por Nietzsche através das

conferências e que ensina os jovens sobre o caminho da formação.

Parece-nos que tal modelo de mestria foi inspirado em Schopenhauer.

Nada, quando Schopenhauer fala, jamais nos lembra o erudito de membros naturalmente duros e mal exercitados, peito estreito e cujo andar é portanto anguloso, confuso ou afetado; e por outro lado, a alma rude e um pouco ríspida de Schopenhauer, longe de fazer sentir a flexibilidade e a elegância cortesãs dos bons escritores franceses, ensina, ao contrário, a desprezá-las, e ninguém descobrirá, nele está imitação, este tipo de prateado e de aparência ao estilo francês com que se comprazem certos autores Alemães. Em alguns lugares, o estilo de Schopenhauer me lembra um pouco Goethe, mas nenhum outro Alemão. Pois ele pretende dizer o que é profundo simplesmente, o que é comovente sem retórica, o que é estritamente científico sem pedantismo; e com que alemão se poderia aprender isso? Ele se encontra igualmente destituído da maneira sutil, excessivamente móvel, e – com o devido respeito – muito pouco alemão de Lessing, o que é um grande mérito, pois, em relação à expressão em prosa, Lessing é o maior sedutor dentre os alemães. E para adiantar imediatamente o maior bem que eu poderia fazer a respeito do seu estilo, aplicarei para ele esta expressão, que é dele: “ Um filósofo deve ser honesto o bastante para não ter de recorrer a qualquer procedimento de poesia ou de retórica.”³⁰

Assim, sobre a honestidade e as características que deveria ter o filósofo para que pudesse tornar-se um alemão respeitado, ou seja — um verdadeiro grego.

O verdadeiro pensador se alegra e fica sereno sempre, quer ele fale seriamente, ou gracieje, quer ele exprima sua perspicácia humana ou sua divina indulgência; isto, sem gestos aflitos, sem mãos trêmulas, sem olhares sufocados, mas com

³⁰ Idem, p.172- 173.

segurança e simplicidade, com coragem e vigor, talvez com algo de cavalheiresco e duro, mas sempre como um vencedor.³¹

Há entre a identidade do mestre de Schopenhauer e a ilustração do velho sábio uma tentativa de criar um mestre ideal, capaz de ensinar a verdadeira cultura aos alunos na Basileia. Porque Nietzsche dá início a um problema que se tornava cada vez mais perturbador à época: a reflexão séria sobre os estabelecimentos de ensino — se o Estado era responsável pela instrução e emancipação dos jovens, logo, também era pelo futuro deles, que, como herdeiros, levariam adiante uma cultura.

O autor nessa conferência utiliza-se de uma narrativa envolvendo o problema do conhecimento filosófico a partir de um diálogo ou relato de uma experiência sobre um velho filósofo e seu discípulo, em meio a um lugar calmo e bucólico, mas carregado de uma atmosfera reflexiva e, como veremos também, explosiva. Logo, Nietzsche, avisa a quem está dedicando o discurso.

De fato, tenho plena *consciência do lugar em que agora* aconselho a refletir e a meditar a respeito deste diálogo, quer dizer, está cidade que, com o espírito de uma elevação incomparável, procura fazer progredir a formação da educação de seus cidadãos, numa escala que só pode ter algo de humilhante para os estados mais importantes: assim, certamente não estou errado quando suponho que lá onde se faz mais neste domínio se deve também pensar mais. É justamente a tais ouvintes que poderei me fazer compreender quando contar o diálogo a qual me refiro.³²

Ele definiu a história como sendo uma “inocente experiência” pois proporcionava a visão do estudante sem muita experiência do

³¹ Ibid., p. 173.

³² Ibid., p. 57.

ginásio da época: alegre, impetuoso, sonhador, despreocupado; características próprias de uma juventude “estranha ao tempo”, mas seu estilo ilustra também uma forma bem singular, isto é, o jogo de figuras antagônicas na relação entre o mestre e discípulo. Um exemplo disso é o encontro dos jovens e suas pistolas afoitas diante do velho tranquilo e seguro de sua sabedoria, mestre-filósofo que acabaria mostrando o caminho solitário da floresta e do pensamento.

Segundo Nietzsche, essa era a imagem que deveria ser imitada e assumir, aquele que pretende conduzir o caminho da formação, isto é o homem que deveria em face à natureza bruta ser lapidado, cultivado. Certamente tal mestre faz parte da criação de um projeto que mais tarde é modificado com Zaratustra, cuja tarefa é a de produzir indivíduos. Portanto, deve ser emancipado, pois cultivou a si mesmo, esse mestre é provável, saberia da importância de sua cultura e claro, de uma leitura considerada “clássica”, assim, poderia semear sobre o jovem uma linguagem menos viciada, menos barbarizada por uma “literatura jornalística” e “romances da moda”. Todavia, ao narrar a história procurou ilustrar dando ênfase ao encontro entre o filósofo e seu discípulo, também estava no quadro os estudantes (inclusive Nietzsche que era um jovem estudante).

Os jovens, que estavam em um passeio para recordar velhos momentos do ginásio e desfrutar de uma vivência prazerosa entre os amigos em um lugar de retorno em boas passagens, decidem fazer algo que gostavam muito: tiro de pistola, uma moda juvenil à época. No entanto, são interrompidos pela fala de um velho que os olhava seriamente exigindo que parassem com aquela vilania sem sentido, já que aquele era um lugar de contemplação, meditação, pensamento.

Nossos tiros de pistola, repetido pelo eco, tinha nesta solidão um efeito muito mais impressionante; logo dado o segundo tiro do pentagrama, me senti agarrar violentamente pelo braço e vi ao mesmo tempo em que meu amigo tinha sido surpreendido da mesma maneira enquanto recarregava sua arma. Eu me voltei bruscamente e vi o rosto irritado de um velho, e o mesmo tempo sentia que um cão robusto pulava sobre minhas costas.³³

Verificar-se-á duas posturas distintas que também podem ser interpretadas como o trajeto que se faz do pensamento, bruto, ao pensamento mais sutil, que é o pensamento filosófico, ou seja, o caminho da *ascese* ao pensamento mais profundo evocado pelo ancião e seu discípulo.

É esse caminho em que, por um lado, está o impulso juvenil, a impossibilidade para a reflexão filosófica, que se torna essencial à emancipação do indivíduo. Por outro lado, está o velho filósofo que surgiu como uma fatalidade aos planos e alegrias dos jovens que pensavam estar cientes de seu futuro, pois ele evoca o pensamento mais profundo deles, indagando sobre os disparos e os alardes. Com uma só palavra, eles se sentem reprimidos pela ousadia do pedido, gerando certo conflito de ideias e opiniões acerca das vontades contrárias que foram postas em discussão:

A esta fala grosseira, ainda que verdadeira, respondemos com irritação, cortando constantemente a palavra um do outro: Em primeiro lugar, você comete um erro sobre o fato principal: não estamos aqui para nos bater, mas para fazer exercícios de tiro com a pistola. Em segundo lugar, você parece ignorar totalmente como se realiza um duelo: acredita você que

³³ Ibid, p. 62.

iríamos nos enfrentar numa total solidão, como dois bandidos de estrada, sem padrinhos, sem médicos etc.? Em terceiro lugar, enfim, temos – cada um de nós – nosso ponto de vista sobre a questão do duelo e não queremos nos deixar surpreender nem assustar com lições como as suas.³⁴

A imagem do filósofo é uma caricatura da representação filosófica, ou seja, o caminho da formação parece ter como condutor o amigo filósofo, pois são ações tipicamente filosóficas: o silêncio, a meditação, o olhar a distância, sem pressa no andar, sem pressa para o caminho do pensar, ou seja, a serena e vigorosa simpatia do filósofo. E, isso equivale ao sentido do preparo à ascensão do filosofar em que Nietzsche tanto elogiava em Schopenhauer. Demonstrando, por um lado, o velho filósofo e a lealdade de seu discípulo, e por outro, o impulso apressado dos estudantes ginasiais, que deveriam ser lapidados, cultivados. Desse modo, a narrativa evocaria, com a presença da figura do velho filósofo, a serenidade e o vigor do mestre Schopenhauer.

2.1 A SABEDORIA DO FILÓSOFO E O ENSINO PARA OS JOVENS

De acordo com essa primeira fase da perspectiva nietzschiana sobre o ensino, pautada na figura central do mestre, tem-se o compromisso de conduzir a educação do jovem, no sentido de formá-lo para uma cultura em que fosse estabelecida alguns critérios competentes a figura do mestre, uma vez que é ele quem saberá conduzir os impulsos

³⁴ Ibid., p. 63.

ainda inflamados pela juventude e suas pistolas explosivas³⁵. Isto é, de uma juventude que não estaria esclarecida em termos de amadurecimento do pensamento e de suas reais potencialidades para o cultivo de si. Pode-se, nessa analogia feita pela experiência da brincadeira com as pistolas, enxergar a ousadia, que é intrínseca à força de potência de quando se é jovem. Pode-se extrair uma alusão com base nessa imagem. Por exemplo, o modo apressado e/ou irrefletido dos jovens, como alunos (e que se não preparados adequadamente), estariam à mercê de uma educação que, de acordo com o ilustre filósofo Röcken, conduziriam a cultura ao oposto, ou seja, a uma educação para a barbárie.

Por isso que o aluno (discípulo) deve, antes de ter uma rápida (disparo) opinião sobre os fatos, aprender a seguir rigorosamente os passos dos mestres; aprender com eles, e estes, com os clássicos (antigos). Portanto, constituindo pouco a pouco seu próprio pensamento, o jovem poderá tornar-se cultivado rumo à autenticidade.

Com isso, Nietzsche nos convida a refletir sobre outro tema, ou seja, a questão da liberdade à que estavam expostos os jovens estudantes: criando-se, nas instituições de ensino da Basileia, métodos para uma falsa liberdade (autonomia entre a juventude). Mas, segundo o filósofo essa autonomia era uma máscara, porque, de fato, eles não estavam emancipados; não que tivessem que agir passivamente ou tornarem-se reprimidos, pois isso causaria mais horror ao pensar. Na verdade, Nietzsche quer valorizar ou sugerir a importância do exercício (contínuo e vagaroso) oscilante do pensamento, que se estende desde os disparos ao exercício contínuo até o refinamento tanto da linguagem

³⁵ Ibid, p. 61.

adequada quanto do estilo de escrita que o jovem em potencial adquire ao seguir o exemplo de seus mestres:

Enquanto caminhávamos meu amigo expunha francamente seus pensamentos ao filósofo: Como tinha ele temido que hoje, pela primeira vez, o filósofo o impedisse de filosofar. O velho se pôs a rir: ‘Como? Vocês temem que o filósofo a impeça de filosofar’?³⁶

Cabe à juventude, que não se propõe a seguir o exemplo do modelo, viver sob o desperdício de uma geração que mal lê, mal fala e pensa. Com isso, Nietzsche estaria denunciando a barbárie causadas, por essa “liberdade”. A exemplo, da autonomia, uma liberdade que deveria segundo Nietzsche, ser uma trajetória, um caminhar lento junto aos passos do professor autorizado. Ao invés disso, deixaram-se levar pela expansão do mercado, enquanto deveriam exercitar, nos alunos, a leitura dos clássicos, fazendo-os compreender, absorver e reproduzir de modo loquaz. Mas o que se vê nesses estabelecimentos de ensino são alunos comparando-se a um Schiller ou Goethe, sem as condições literárias necessárias para compor como um gênio. O fato é que, para Nietzsche, esses estabelecimentos, na Alemanha, não estavam preocupados em formar homens para a cultura, pois lhes faltava o mais importante: o exercício da leitura através dos grandes clássicos e a importância do exemplo do mestre. E é por isso que o filósofo e o artista compõem um pequeno número de homens raros, por terem recebido um ensino mais sutil, um aprendizado mais lento, embora mais rigoroso, diferente da “precipitação” (rapidez) ou da “grosseira” (linguagem jornalística), em que o estado colocou à disposição uma série de estabelecimentos de

³⁶ Ibid, p. 67.

ensino. Daí a crítica, inclusive, ao erudito, homem de saber intelectual (especialista) que, com seus métodos, não garante esse princípio de cultura:

Assim, me pareceu que se tratava de distinguir duas orientações principais: duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos, mas unidas enfim nos seus resultados, dominam atualmente os estabelecimentos de ensino: a tendência à extensão, a ampliação máxima da cultura, e a tendência à redução, ao enfraquecimento da própria cultura. A cultura, por diversas razões, deve ser estendida a círculos cada vez mais amplos, eis o que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone as suas ambições mais elevadas, mais nobres, mais sublimes, e que se ponha humildemente a serviço não importa de que forma de vida, do estado, por exemplo.³⁷

A crítica aos estabelecimentos de ensino talvez não visasse a alguma transformação “em quadros e horários”, conforme escrevera o autor, ou a uma revolução, uma vez que parece não haver fórmulas. No entanto, o que nos interessa é a provocação que sua reflexão quer apontar, isto é, ao denunciar certo exagero por parte da ampliação e/ou extensão dos estabelecimentos de ensino, que levariam à massificação do ensino. Portanto, ele supunha que, com a ampliação do ensino, a cultura estaria perdendo o mais importante, isto é, o cultivo³⁸ dos alunos no ginásio.

³⁷ NIETZSCHE, 2012, p. 72.

³⁸ O controverso conceito de cultivo de Nietzsche tem suas raízes nos escritos de sua juventude, em que esclarece que a humanidade deve trabalhar continuamente para “produzir grandes homens individuais — e isso, e nada além disso, é sua tarefa” (6, KSA 1: 384). Isso seria necessário para substituir o cego, indiferente e suntuoso esforço na natureza e o homem fragmentário

Segundo a perspectiva de Nietzsche, o principal espaço para se propor esse “cultivo” à formação cultural é o ginásio; é no preparatório onde os alunos discutem o que irão assumir diante da cultura. Que cargos estão dispostos, serão técnicos ou especialistas? Se apenas bons especialistas, o filósofo logo avisa: o erudito é um “operário de fábrica que durante toda a sua vida, não faz senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou máquina”³⁹, E assim discorre porque a produção desses eruditos está atrelada à ciência, e para ele, o homem de ciência também é uma redução da cultura⁴⁰, por estar a serviço do Estado.

produzido nesse processo. Contudo, Nietzsche é estimulado pelas “existências aparentemente dispersas e aleatórias que surgem aqui e ali sob condições favoráveis”; ele estabelece como a verdadeira tarefa da cultura “procurar e produzir” as condições “sob as quais podem ter origem aqueles grandes homens redentores” (*ibid.*), e isso com vistas a “uma nova e melhorada *physis*” (HL 10, KSA 1: 334). (LÉXICO DE NIETZSCHE, P. 125).

³⁹ NIETZSCHE, 2012, p. 75.

⁴⁰ Cultura (kultur, em Nietzsche também escrito com “C” em alemão foi para Nietzsche até os textos finais “a questão principal” (GD, O que devo aos antigos 4), que ele abordou de muitas formas (cf, Togeren 2008), inicialmente também sob o tema “O FILÓSOFO COMO MÉDICO DA CULTURA” (NF 1872-73, 23[15]). Surpreendente é, sobretudo, a mudança de paradigma que se pode registrar no uso nietzschiano do conceito, e que parece depender do respectivo posicionamento de Nietzsche para com Wagner. Assim, Nietzsche tinha exigido ainda no início de 1871, em ligação com sua visita de natal em TRIBSHEN, que a “miséria dos homens vivazes [...] ainda tem de crescer, a fim de possibilitar a produção do mundo artístico de um diminuto número de homens olímpicos” (CV 3, KSA 1: 767). Anos mais tarde, após o rompimento com Wagner, Nietzsche repentinamente fala de uma “polifonia de anseios” e –provavelmente em alusão que remonta à noção de BURCKHARD de uma formação plural (cf, Elberfeld 2008, 124 s.) –fala também de “culturas” (MA 23), e classifica aquelas que “permanecem dependentes da crença em cuja rede se emaranhou pela primeira vez” com atributos como “duro, insensato, incorrigível sem suavidade” (MA 632) –e que, nesta medida, seria um “representante da culturas QUE FICARAM PARA TRÁS” –, a fim de finalmente, tal como nunca houve no Olimpo de tribsch, colocar o “culto do gênio” ao lado do “culto da cultura”, aquele que “sabe presentear também ao

O homem de ciência enquanto tal não tem absolutamente palavra; ao contrário, esta trama de cola viscosa que se infiltra agora nas ciências, o jornalismo, acredita aí cumprir sua tarefa, que ele realiza de acordo com sua natureza própria, quer dizer, como o seu nome indica, como uma tarefa de jornalista.⁴¹

Nietzsche também se posiciona contra a linguagem utilizada nos estabelecimentos que objetivam exercitar o mínimo de leituras adequadas. Acredita-se que, por detrás dessa linguagem “grosseira”, a linguagem disseminada pelo jornalismo é o vilão que toma o lugar do “gênio”. Declara também que essa “pseudocultura” é uma perversão porque, no momento em que um aluno toma para si tais leituras, está sendo inserido e iniciado à barbárie, ou à “pseudocultura”: “A leitura de um jornal, um romance da moda, ou um desses livros doutos, cujo estilo já traz consigo os brasões repugnantes da barbárie cultivada que está em curso hoje em dia. Provocativo, aponta a pedagogia como sendo a responsável por essa barbarização do ensino, já que ela deveria ser orientada por mãos sutis, (do filósofo?), caracterizando a pedagogia de sua época como uma “brincadeira de roda infantil”.

Na apresentação de *Escritos sobre Educação*, Noéli Correia de Melo Sobrinho ressalta a visão de Nietzsche acerca da educação, esclarecendo que esta, na visão do filósofo, estaria longe de ser totalmente instrutiva e/ou informativa: “não é aprendizagem no sentido

que a matéria-prima, diminuto, baixo, mal conhecido, fraco, imperfeito, não verdadeiro, aparente, sim ao que é, - mal e terrível, uma apreciação plenamente compreendida e o conhecimento de QUE ISSOTUDO SERIA NECESSÁRIO (VM 186). (Léxico de Nietzsche, p. 130). * Ver também a crítica de Nietzsche ao estilo Alemão, pois ele faz oposição ao que os alemães chamam de cultura, mas que Nietzsche denominou barbárie.

⁴¹ Ibid., p. 76.

tradicional do termo”, mas, sim, um despertar dos sentidos para a elevação da cultura, ou seja, afirmar a vida e toda sua tragicidade.⁴² Dessa maneira, denuncia os estabelecimentos de ensino e seus próprios membros como responsáveis de um ensino que representaria à cultura, uma espécie de grosseria, por não dar a língua Alemã um estilo, em outras palavras, não se ocuparem de cultivar grandes indivíduos; e só estarem satisfeitos com um conhecimento ou cultivo mediano e paupérrimo. Falta, segundo ele, a seriedade no ensino da língua e no trato com os alunos no ginásio. As instituições, neste sentido, estavam encarregados em instruir, informar, diferente é construir o que Nietzsche chamou de “cultura”. Sobre o diálogo, proposta experimental de Nietzsche, entre o “filósofo e seu discípulo”, há um momento sublime em que ele apresenta o filósofo como o homem-do-cultivo e da vivência, capaz de conduzir a juventude à criação do gênio⁴³.

Eu tenho, disse o Filósofo, uma opinião tão elevada quanto a tua a respeito da importância do ginásio: todas as outras instituições devem medir-se pelo objetivo cultural que é visada pelo ginásio, pois elas sofrem com os desvios de sua tendência, e assim serão também purificadas e renovadas com sua purificação e renovação.⁴⁴

Percebe-se, nessa passagem, uma grande esperança depositada na ideia de cultura (cultur), para o ginásio. Por isso, a preocupação com a língua, de como e por quem ela é conduzida, de modo que, para ensiná-la apropriadamente, isso caberia ao mestre emancipado, ou seja, o mestre emancipado. *“Educar os educadores! Mas primeiro deveriam*

⁴² CORRÊA, NOÉLI, Melo. “A pedagogia de Nietzsche”. In: Escritos sobre Educação. Rio de Janeiro/SP. Loyola, 2012, p. 46.

⁴³ DIAS, 1993, p. 81.

⁴⁴ Ibid., p. 80.

educar a si mesmos!” (Nietzsche, 2012). Tal condutor deveria mostrar que a língua é uma das tarefas que os alunos deveriam se apropriar com afinco, para depois se arrogar qualquer pretensão, autonomia do pensar e escrever. No entanto, não é exatamente isso que se exige nos estabelecimentos de ensino, e que Nietzsche pontualmente crítica. Deste modo, lemos o seguinte:

O próprio mestre deveria logo mostrar, ao analisar a nossa clássica linha por linha, com que cuidado e com que rigor é preciso fazer cada exame, quando se tem no coração um verdadeiro sentimento artístico e diante dos olhos a compreensão total do que escreve.⁴⁵

O ensino formal, onde se aprende a ler e a escrever, é a prática à qual os professores deveriam mais se deter, mas que não ocorre em tais instituições de ensino. Ao contrário, os alunos do ginásio, segundo a crítica aos estabelecimentos de ensino são estimulados a uma autonomia que não possuem. Isso porque, no lugar de utilizarem como princípio a instrução formal da língua, os professores utilizam apenas a forma histórica:

Em vez desta instrução puramente prática, por intermédio da qual o mestre deve habituar seus alunos a uma severa educação de si no domínio da língua, encontramos em todo lugar a tendência de lidar com a língua materna através da erudição histórica: quer dizer, se usa dela como se fosse uma língua morta e como se não houvesse nenhuma obrigação em relação ao presente e o futuro desta língua.⁴⁶

Por isso, a tarefa maior de um mestre é, justamente, de não ensinar essa prática histórica, e sim, reprimi-la: “Ora, a nossa língua

⁴⁵ Ibid., p. 82.

⁴⁶ Ibid., p. 82.

materna é um domínio no qual o aluno deve aprender a operar”⁴⁷. Ao invés de ensinar a escrever, a fim de cultivar, ao menos, certa obediência aos clássicos, de Goethe a Schiller, os alunos são encorajados a escrever a ponto de se comparar ou mesmo superar os autores de grande prestígio.

Basta apenas imaginar o que passa nesta idade tão jovem, quando se exige do aluno a produção de um semelhante trabalho. Esta é sua primeira produção original; as forças que ainda não se desenvolveram tendem pela primeira vez a uma cristalização; o sentimento embriagador da autonomia reveste estas produções com um encanto primitivo, admirável, que jamais retornará.⁴⁸

Sem dúvida ele é contra essa “falsa-autonomia” que os professores exigem de seus alunos e acredita que é preciso refrear essa “originalidade medíocre”, pois não há aí tal maturidade, para isso, falta-lhes ainda ler os clássicos. Portanto, antes desse exercício exaustivo, todo o restante é o resultado de uma escrita de barbárie, longe, de fato, de uma escrita autônoma ou original. A esse falso ensino há uma recomendação que pode vir a restaurá-lo ou purificá-lo como, por exemplo, uma cultura de poetas e sujeitos de pensamento autêntico, artistas e afins:

Em relação à língua, mais do que em qualquer outro lugar, observa-se que nada restou da influência do modelo clássico: e esta única constatação me permite ver naquilo que é chamado de ‘cultura clássica’, que deveria sair do nosso ginásio, algo de muito duvidoso e equívoco. De fato, bastaria dar uma olhada a este modelo, para constatar a imensa seriedade com a qual os

⁴⁷ Ibid., p. 84.

⁴⁸ Ibid., p. 85.

Gregos e os Romanos consideravam a tratavam a língua desde a adolescência.⁴⁹

E é pelo fato de se rebelar contra essa “livre personalidade” do aluno que os professores cometem a barbárie (educação linguística), longe de propiciar uma formação à *cultura* ou ao espírito alemão (*Geist*), já que é através do bom uso da língua materna que se pode dar início a uma cultura própria.

Talvez, na *Terceira Conferência*, visualizamos melhor esta questão, ou seja, a seriedade quanto à questão das instituições de ensino de sua época, Nietzsche a inicia retratando o filósofo e seu companheiro em um silêncio profundo. Aqui, o “sombrio” é parte da dramatização, em que a importância do filósofo é reforçada pela caricatura figurativa do mestre. Ressaltando a importância das condições necessárias para o surgimento da figura do gênio criador.

Uma renovação e uma purificação verdadeiras do ginásio só poderão vir de uma renovação e de uma purificação do espírito Alemão que sejam profundas e poderosas. Misterioso e difícil de compreender é o liame que junta verdadeiramente o ‘ser’ profundo da Alemanha e o gênio Grego. Mas, enquanto a necessidade mais nobre do verdadeiro gênio alemão não procurar a mão deste gênio Grego como apoio firme no fluxo da barbárie, enquanto o espírito alemão não expressar aquela nostalgia angustiante pelos Gregos, enquanto a perspectiva da pátria Grega, penosamente atingida, fonte de leite para Goethe e para Schiller, não tiverem tornado o lugar de peregrinação dos homens melhores e mais dotados, neste caso, o ginásio proporá para si na cultura clássica um objetivo incoerente, que flutua ao sabor dos ventos: e pelo menos não se deve censurar aqueles que desejam introduzir nos

⁴⁹ Ibid., p. 87.

ginásio, ainda que com espírito tão limitado, o cientificismo e erudição, para ter diante dos olhos um objetivo real, sólido e ao mesmo tempo ideal, e salvar seus alunos das seduções deste brilhante fantasma que se faz chamar agora de ‘cultura’ e ‘educação’.⁵⁰

A questão do aumento dos estabelecimentos de ensino é retomada junto com outro fator importante, o ensino superior, pois nele se encontra a relação com o aumento das unidades de ensino. Observa-se que, conforme se ampliam, há também uma maior demanda de professores sem nenhuma vocação à pedagogia, isto é, gera-se um empecilho para a construção da cultura.

Por isso, na medida em que cresce o número de instituições de ensino superior, há um número maior de alunos. Segundo Nietzsche: “A imensa maioria dos professores se encontra, nestes estabelecimentos, no seu ambiente próprio porque seus dons se encontram em uma relação harmônica com o baixo nível e com a mediocridade dos seus alunos de ensino”.⁵¹

De forma singular, ao debater o tema e refletir acerca da posição da imagem do mestre filósofo como um fator fundamental para o cultivo do jovem estudante e sua relação com a cultura, lembrei-me de um escritor, pois é Leminski que *declara*: “Repara bem no que não digo”⁵², ao versar a fragilidade do pensamento no poema, deparamos com a linguagem, linguagem que é por vezes enigmática e cheia de ambiguidades.

⁵⁰ DIAS, 1993, p. 101.

⁵¹ DIAS, 1993, p. 104.

⁵² LEMINSKI, Paulo. **Catatau**: um romance-ideia. São Paulo: Iluminuras, 2010. p. 74.

Assim, o verso nos faz pensar na relação entre o poema e o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, visto que o filósofo alemão propõe um mestre cauteloso, meditativo, fadado a uma verdade: a verdade de que o pensar é um exercício sutil e que deve ser tomado com cuidado e delicadeza.

Nietzsche enquanto professor na Basiléia, abordou algo que era pouco comentado, isto é, a importância do cultivo dos alunos no ginásio, de modo a consolidar a cultura e a preparar o solo à unificação do espírito alemão. Deste modo, o ginásio é o lugar de preparar a terra, enquanto o filósofo é aquele que deve semear e sacrificar-se pela terra. E claro, o que ele está propondo e não é dito? Que os educadores possam tornar-se amantes, amigos do saber, verdadeiros filósofos, que possam realmente preocupar-se com a vida e o significado desta em meio à cultura. Entretanto, percebemos, assim, que ele está ainda atrelado a um certo viés pessimista, ou ainda, de uma visão típica de uma vertente, que ainda está próxima do romântico, pois acredita em um ideal, neste caso, o caminho da formação é guiado por um filósofo que como nos moldes Gregos conduziam a juventude das trevas da ignorância à luz. Talvez, um modo sutil de engendrar o filósofo que deveria fazer justo a suas preocupações.

Ao fim deste primeiro capítulo é plausível concluir que Nietzsche parece ter sido “fronteiriço”. Ou seja, além de ter sido um crítico e criador de uma filosofia fervorosa, não o foi apenas em relação aos sistemas filosóficos, já que, como pensador, foi também um filólogo/filósofo limítrofe, por articular as fronteiras do conhecimento, tais como a educação, a filosofia, a estética, a ética, a ciência, a poética, a metafísica e até mesmo a epistemologia. E, apesar de ser filho de um

sistema filosófico marcado pela metafísica e pelo romantismo alemão, ousou rebuscar. Criou estilo único de escrita e pensamento, um modo de criticar tão necessárias à cultura e à visão de mestria de sua época. Trabalhou intensamente a fim de fundamentar os conceitos que acreditou combater.

Assim, se no desenrolar do primeiro capítulo vemos florir a personagem que tornaria, segundo Nietzsche, o mestre ideal para conduzir e ensinar os docentes a educar a si mesmos⁵³ — o que elevaria a cultura, tendo-se como base a educação dos jovens para o cultivo do gênio. Podemos identificar nesse sábio, consoante Nietzsche, que educar os docentes só é possível por meio do valor que é dado pelos antigos. Tais antigos como sabemos é referido aos gregos da antiguidade. Entretanto como também é entendido a antiguidade tem muitos períodos. Nietzsche quando busca inspiração retorna a uma Grécia mais arcaica, enquanto que em outros períodos ele torna a criticar a Grécia do período socrático. Portanto, o mestre à medida que este reflete, sobre a cultura dos gregos deveria imitá-lo, e ensinar aos seus discípulos.

Mas quem é esse mestre que deveria conduzir a tarefa de promover a cultura? E qual seria a diferença entre a figura do primeiro mestre e a figura de Zaratustra? Será a continuação do projeto iniciado em sua juventude, e que o mestre é aquele que deveria promover o cultivo dos jovens a fim de fazer surgir entre esses o gênio criador?

⁵³ Na apresentação sobre “A pedagogia de Nietzsche” Melo, Noéli Corrêa cita duas máximas importantes para refletirmos sobre a as intenções das críticas de Nietzsche aos estabelecimentos de ensino. As máximas consistem primeiramente em dizer: “Educar os educadores!” Mas os primeiros deviam educa-se a si mesmos! E é para eles que escrevo. A segunda consiste nos seguintes dizeres: “O grande pedagogo é como a natureza: ele deve acumular obstáculos para que sejam ultrapassados”. (Melo, 2012, p. 9).

Em nossa investigação com base no mestre característico de sua primeira fase, em que critica a escola (instituições de ensino), observou-se, primeiramente, quem é o mestre que deveria emancipar os jovens no ginásio. Embora não haja exatamente uma definição do mestre. Mas pode-se supor, por meio de suas críticas, que o mestre não é o erudito, tampouco político ou administrador da escola. No projeto de Zaratustra, o mestre não será o terapeuta ascético, ou seja, o moralizador, o doutrinador da escola, nem o historiador ou filósofo do tipo metafísico (crítica à filosofia de Sócrates).

Finalmente, compreendemos que Nietzsche propõe sua visão de mundo como professor, mas, quando Nietzsche se pôs a andar, parece abandonar o projeto pedagógico na Basileia. Por isso, trataremos de conceituar, no segundo capítulo, a imagem do andarilho com base na personagem Zaratustra. Num primeiro momento ele é considerado um mestre; um sábio que podemos confundir com a própria relação de Nietzsche e seu percurso, dado que este buscou andando — entre um país e outro, entre um caminho e outro — o retorno a si; então, aparentemente, parece ter posto a questão da formação humana em segundo plano, pois, ao abandonar alguns projetos e tornar-se andarilho, prefere desapegar-se, experimentando outros modos de vivência. Renuncia à cátedra de professor, mas continua a pensar sobre o futuro da humanidade, ou seja, a importância da cultura e de como construir uma outra ideia de “humano”.

3 O ANDARILHO — OUTRO CONCEITO DE SABEDORIA EM NIETZSCHE

O tema deste segundo capítulo é um tanto delicado, dado que abordará como Nietzsche estrategicamente buscou engendrar novo olhar sobre a verdade do mestre, ou seja, mestre é aquele que adquiriu sabedoria e pode ensinar seus discípulos a ler os clássicos. Mas quem é o sábio para Nietzsche? E o que ele deve ensinar aos homens? No primeiro capítulo, Nietzsche sugere um tipo de mestre que está preocupado em emancipar a juventude tendo em vista a formação da cultura. Contudo, em outras obras ele diverge de ideias as quais não pretende mais carregar. Nietzsche parece pouco a pouco afastar-se de uma estética romântica, inspirada em Schopenhauer e Wagner.

Assim, destacaremos, com base na obra *Assim falou Zaratustra*, a figura ícone da qual extrairemos muitas imagens para evidenciar a tipificação de mestria que pretendeu Nietzsche ao dar voz a esse mestre que é andarilho⁵⁴. Um mestre que, para diferenciar-se de outros eleitos por Nietzsche, almeja, em sua travessia, suprimir os valores basilares da civilização. Porque, em sua travessia, o viandante parece redirecionar os valores culturais, especificamente os do Ocidente. Desse modo, veremos que a figura do andarilho se torna um conceito a ser compreendido à

⁵⁴ O andarilho em Nietzsche constitui (ou é parte de) uma imagem construída por Nietzsche. Este procurou explorar essa figura de muitas maneiras. Há, inclusive, um poema: *O andarilho* (dos poemas, 1871-1888). Nele, o andante vaga sem rumo pela noite. Mas o poema é de modo geral um elogio àquele que, mesmo perdido na noite, ainda é capaz de admirá-la. O andarilho parece ser guiado pela escuridão, pelas sombras. Certamente é o oposto do mestre solar, símbolo do pensamento claro, da visão clara. No poema, os pássaros cantam, mas não para o andarilho. Este passa adiante e vai solitário em seu caminho (Nietzsche, 1978, p. 404).

medida que ele vivencia a caminhada e retira dela os fundamentos para vislumbrar o além-do-homem, pois, em sua sabedoria, ensina aos homens que a ideia de humanidade assim como a ideia de Deus e mestre morreram. E o que nos resta é a busca complexa pelo além-do-homem. Portanto, o andarilho é porta-voz de nova concepção de homem.

Zaratustra ao descer de sua montanha representa o homem que encheu-se de sabedoria, ele é sábio. E, como tal, por que se tornou andarilho? Antes de qualquer resposta, trataremos de sondar tais particularidades para, de algum modo, vislumbrar o plano traçado por Nietzsche, com base em personagens conceituais — um “solo fértil”, como chamou Deleuze. São conceitos enviesados através da emergência de um sábio que fala, mas que também se converteu andarilho. Iniciaremos nossa compreensão sobre o tema, vislumbrando uma das primeiras imagens traçadas em *Assim Falou Zaratustra*, percebe-se que o autor busca provocar reticentes sensações acerca do conceito de homem. “O homem é uma corda, atada entre o animal e o além do homem — Uma corda sobre o abismo. Um perigoso para-lá, um perigo a-caminho, um perigoso olhar- para-a trás, um perigoso estremecer e se deter”.⁵⁵

O excerto suscita o risco efetivo do homem andante, uma vez que este é uma corda estendida, uma travessia — perigo por atravessar a linha que leva-nos de um canto a outro da vida. A vida é travessia; pensar é atravessá-la, experimentá-la. Mas viver é padecer nessa incógnita acerca do que é a vida e de como saber viver. Não sabemos o que ela significa — angústia antiga que nos delega tanta verdade sobre o homem e de como devemos atravessar pela via enigmática da vida! Mas

⁵⁵ Nietzsche, 2011, p. 16.

será que há mesmo tanto mistério? Será que existe algo oculto na linguagem, entre as imagens na poesia dos antigos Gregos, os gregos poetas, tais como Homero e que Nietzsche inspirou-se?

Nietzsche elabora sua escrita não apenas com paradoxos e conceitos floridos e sutis, mas também se utiliza de metáforas, ironias! Ele debuxa imagens, formula enigmas a serem decifrados pelo leitor; subverte conceitos, ironiza verdades. Mas o que Nietzsche deseja apontar ao “brincar” com essa ideia de enigma?

Ora, não são os profetas e sábios adivinhos do passado que poderiam nos dizer o que é a vida? Não é Zaratustra um tipo de sábio iluminado pela luz sóbria do sol que poderá contar aos homens modernos o que é vida?

Para tanto, analisaremos algumas figurações, paragens pelas quais o andarilho percorreu, a fim de investigar tanto a imagem de Zaratustra como a imagem refletida em seu caminho, com vista a interpretar a pluralidade que essa travessia suporta. Na perspectiva de Roberto Machado, é possível pensá-lo a partir de uma narrativa dramática⁵⁶, ou seja, Zaratustra é um herói trágico de Nietzsche. Concebe-se a máscara de Zaratustra como a encarnação do elogio ao heroísmo. Entretanto, Zaratustra ora representa uma espécie de herói, ora afasta-se da tensão e do carregamento do herói. Faremos mais adiante uma comparação entre duas figuras antagônicas para Nietzsche, de um lado Teseu, e de outro a imagem do deus Dioniso. Isso para demonstrar um pouco mais, o que pode ser para Nietzsche essa máscara

⁵⁶ MACHADO, Roberto. **Zaratustra, Tragédia Nietzscheana**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001. p. 27-28.

trágica. Por ora, vamos retornar a questão da imagem do mestre que é andarilho.

Vejamos que há na imagem do andarilho, conceitos que nos fazem indagar acerca de quem poderia legitimamente suportar essa travessia incansável a qual foi exposto a personagem Zaratustra. Pois tudo nos leva a crer que se trata da morte conceitual da ideia de sábio/mestre. Alguns indícios apontam, por exemplo, para a figuração de um filósofo ressignificado. Deleuze nos condiciona a vê-lo, traçando caminhos outros à jornada do criador — um “típico filósofo atleta”⁵⁷, porque propõe a ideia de um pensador que não se agarra a modelos fixos. Seu vigor sugere que deslizemos pelas camadas do pensamento, surfando nas ondas oblíquas da razão.

Um desviante. Por ter a coragem da verdade para dizer sem Deus a verdade do que é a vida, e se arriscar em caminhos do pensamento, indo ao limite de suas experiências e erros, tornando como verdade, uma incansável busca⁵⁸, incansável busca para que o insólito

⁵⁷ DELEUZE, 2010, p. 87.

⁵⁸ Façamos uma relação da busca do andarilho pelo conceito traçado por Blanchot diante da questão do que seja a ideia de “encontrar algo”. Porque o andarilho é aquele que busca encontrar — mas busca encontrar o quê? Vejamos se tal referência nos serve de ponte para compreender o mestre como aquele que é um buscador, puxador. Em Blanchot, lemos a seguinte menção sobre o conceito: “Lembro-me de que a primeira significação da palavra encontrar não é de forma alguma encontrar, no sentido do resultado prático ou científico. Encontrar é tornear, dar a volta, rodear. Encontrar um canto é tornear o movimento melódico, fazê-lo girar. Aqui não existe nenhuma ideia de finalidade, ainda menos de parada. Encontrar é quase exatamente a mesma palavra que buscar, que diz: “dar a volta em”.- Encontrar, buscar, girar, ir em volta: Sim, são palavras indicando movimentos, mas sempre circulares. Como se o sentido da busca fosse necessariamente um giro. Encontrar inscreve-se nesta grande “abóboda” celeste que nos deu os primeiros modelos do moveidoço imóvel. Encontrar é buscar em relação ao centro, que é o próprio inencontrável. – O centro

no homem novamente surja. E o inusitado da qual busca sem cessar é o novo homem, ou o homem resignificado.

Porquanto como mestre passará pela experiência da morte deste, uma vez que dirá: “Deus está morto e os assassinos somos nós”. Além disso, constatará que o problema do ensino e da cultura está ligado ao problema da moral e à necessidade de suprimir valores dos quais negam a vida, ou seja, a moral que culpa o corpo tornando-o doente (ideia de decadentes). Pois a questão da moral está intimamente interligada ao ideal do sábio/profeta. Portanto, veremos que Zaratustra surge, nessa obra, como um contra ideal às ideais de cultura consideradas sagradas na civilização. Mas, em sua juventude já havia essa intenção de “transvalorar todos os valores”, embora não houvesse escrito, de fato, de modo tão contundente uma filosofia que demonstrasse toda a sua filosofia em relação ao trágico.

Eis que podemos, paralelamente a essa ideia antagônica, pensá-lo como aquele que pretendeu, como andarilho, andar sobre as ruínas da história da humanidade. Assim, diante da impossibilidade da verdade de

permite encontrar e girar, mas o centro não se encontra. A busca seria, talvez, está busca temerária que sempre quer atingir o centro, ao invés de contentar-se em agir respondendo à sua referência? – Conclusão um tanto precipitada. É verdade que o movimento circular da busca parece o do cachorro que, acreditada cercar a presa imóvel e ameaçadora, quando apenas mantém-se sob o fascínio do centro que o atrai. – O centro, como centro, é sempre salvo. – A busca seria então da mesma espécie que o erro. Errar é voltar e retornar, abandonar-se à magia do desvio. O desencaminhado, aquele que saiu da proteção do centro, gira em torno de si mesmo, entregue ao centro e não mais cuidado por ele. – Mais precisamente, ele gira em torno ..., verbo sem complemento; ele não gira ao redor de lago, nem mesmo de nada; o centro não mais o ferrão imóvel, está ponta de abertura que libera secretamente o espaço da caminhada. O desencaminhado vai em frente e fica no mesmo lugar, ele esgota-se na andança, não caminhando, não permanecendo (BLANCHOT, 2010, p. 64).

Deus, resta ao homem renovar-se através da busca — o mestre nada mais é do que um buscador, e não um condutor. Com isso, Nietzsche propõe, a nossa ver, a “ascese do conhecimento”.

Nesse sentido, ele utiliza-se da caricatura do mestre-profeta, para revelar a verdade do mestre: um não mestre e outra sabedoria, a de que todos os ideais ascéticos caíram em decadência (morreram) — não há mais verdade última. Não há como conhecer a essência última do homem; não haverá retorno ao paraíso, refúgio ou abrigo, nem mesmo a partir da crença na razão, dado que Zaratustra buscou informar os homens pela razão, ao passo que estes o ignoraram em praça pública. A única saída é o caminho; é navegar.⁵⁹ Retornando a questão do mestre enquanto um buscador, teremos aí a concepção de percurso que

⁵⁹ No livro IV de *Aurora* Nietzsche exclama: Nós aeronautas do espírito! - Todos esses pássaros audazes, que voam ao longe, ao mais longínquo-certamente! Em algum lugar não poderão ir mais longe e pousarão sobre um mastro ou um mísero recife - e, além do mais, tão gratos por esse deplorável pouso! Mas quem poderia concluir disso que adiante deles não há mais nenhuma descomunal rota livre, que eles voaram tão longe quanto se pode voar! Todos os nossos grandes mestres e precursores acabaram por se deter, e não é com o gesto mais nobre e mais gracioso que o cansaço se detém: também comigo e contigo será assim! Mas o que importa isso a mim ou a ti! Outros pássaros voaram mais longe! Esta nossa compressão e confiança voa em competição com eles, para além e para o alto, ergue - se a prumo sobre nossas cabeças e sobre sua impotência, às alturas, e de lá vê a distância, antevê os bandos de pássaros muito mais poderosos do que somos, que se esforçarão na direção em que nos esforçamos, e onde tudo é mar, mar, mar! - E para onde queremos ir? Queremos passar além do Mar? Para onde nos arrasta esse poderoso apetite, que para nós vale mais do que qualquer prazer? Mas porque precisamente nessa direção, para lá onde até agora todos os sóis da humanidade declinaram? Talvez um dia dirão de nós, que também nós, *navegando para o ocidente, esperávamos alcançar umas Índias - Mas que nosso destino era naufragar no infinito?* (NIETZSCHE, 1978, p. 186).

Blanchot, de modo tão imagético, refere-se. A “busca”⁶⁰, em Blanchot, lê-se também como um ato de ruptura do pensamento que caminha (...).

O andarilho é a inclinação para caminhar, ele deve declinar, pois subiu bem alto, essa ruptura em que tudo se torna novamente deserto, vazio, ruína de todas as verdades. Oscilações do caminho, oscilações do pensamento. Neste sentido, Nietzsche figuraria um pássaro audaz, que buscou voar além do seu tempo com suas interrogações! Pois segundo ele se não podemos mais afirmar a essência do homem, resta-nos apenas o desvio da ideia de homem. Resta-nos inventar o caminho do novo homem. Contudo, a cada diálogo com outras personagens parece espreitar essa busca e esse retornar. Zaratustra quer anunciar sua sabedoria. Entretanto, a imagem para que isso ocorra é circular: sua sabedoria torna-se um naufrágio, o que sucede de suas relações é, de novo, um retorno e uma nova busca. Portanto, a travessia do andarilho é repleta de encontros com os possíveis “sujeitos filosóficos”, que nos convidam a pensar sobre o sentido do “humano”. Porém, a personagem avisa de antemão que a linha — trajeto do pensar — é coisa perigosa; há de se ter resistência de atleta, deixar-se encontrar pelo estranho, passar à outra margem desses outros que são estranhos.

Zaratustra como mestre tem a robustez do além-do-homem para suportar o caminho do desvio, ou em outras palavras, caminho da antiformação do homem. Antiformação porque com a morte de Deus todas as verdades proféticas também caem em desuso.

⁶⁰ Blanchot em “*A conversa infinita a palavra plural*” pergunta-se pela questão do que você busca? Ele dirá: “A busca seria então da mesma espécie que o erro. Errar é voltar e retornar, abandonar-se à magia do desvio. O desencaminhado, aquele que saiu da proteção do centro, gira em torno de si mesmo, entregue ao centro e não mais cuidado por ele.” (BLANCHOT, 2010, p. 64).

Visto que, é possível vislumbrar o vigor do andarilho ao vê-lo subir montanhas e descer vales, chegar e sair de lugarejos, cidades, conversando com diversos estranhos, gurus, adoradores de deuses, homens sofredores, homens de paixão, solitários, doentes, comerciantes, castos, virtuosos, benevolentes, loucos, desprezadores, demoníacos, homens de falsa cultura. A história desenrola-se à proporção desses encontros, em que o mestre fala e ouve a toda gente. Ele está o tempo todo provocando a si mesmo e a estranheza de viver com os outros transeuntes.

Como visto, Nietzsche tratou de variar o itinerário do andarilho, ou seja, o que este pretende com sua caminhada não está definido, mas vai se compondo no caminho, ou seja, um jogo que não somente conceitual, mas, sugere uma vivência, e, por conseguinte, *experimentação*⁶¹ em que a formação do homem tenha que necessariamente passar por muitas fases até tornar-se realmente cultivado, transformado?⁶²

Pois o conceito de andarilho é verificado aqui, através desta busca revigorante das suas andanças, quando o mestre dá início as suas suspeitas acerca dos valores dos homens e de sua própria sabedoria. Deste modo, Zaratustra parece emergir em um plano fértil para comunicar um “contra ideal”⁶³. Mas, que espécie de contra ideal?

⁶¹ WEBER, 2011, p. 175.

⁶² Ibid., p. 208.

⁶³ NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 93.

Porque aponta-lo como sendo a encarnação do antimestre – uma espécie de anti-herói, uma *antibildung*⁶⁴.

Vejamos que ao abandonar a praça pública, dá início ao que podemos chamar de recusa aos conceitos enlevados, conceitos que se estendem desde Sócrates⁶⁵, passando pela moral cristão, até culminar

⁶⁴ É Mónica Cragnolini que dirá: “O “perigoso talvez” nietzschiano, a filosofia do risco, é este ensinamento estranho de amor ao estranho, que se arrisca a toda completa perda de si. Por isso, para além das lógicas binárias opositivas, que devem escolher entre opções extremas (ou uma ou outra), a filosofia nietzschiana habita no “entre”: ali, onde a ontologia não fixa, mas que dissolve a desarticula; ali, onde, não há garantias nem fios fixados previamente. O grande risco não é do herói temerário que investe contra o vento e a maré, na conquista de si mesmo, mas o risco de perder toda posse de si, toda autonomia, todo domínio. Reconhecer o monstro em si, reconhecer a estranheza na suposta interioridade moderna – assinalada pelas características do representável e do cognoscível – é um modo de perder esse domínio. Deste ponto de vista, Zaratustra, como figura do mestre, é o antimestre: não ensina nada, a não ser o esquecimento; não ensina a segui-lo, mas a separar-se dele. É aquele que torna evidente o gesto do desaparecimento, talvez, do devir-imperceptível, que é a estética deleuziana. Mestre da *antibildung*, sem modelo, sem causas, sem vontade que proponha e atinja metas, sem aquisição de propriedades (sejam conhecimentos, valores ou ensinamentos), sem doutrina. Ou com a doutrina da ausência de doutrina – doutrina paradoxal que põe em crise a lógica da identidade.” (CRAGNOLINI, 2005, p. 1201).

⁶⁵ Sócrates – Com Sócrates (*469 a.C., Atenas, + 399 a.C.) Se iniciam, segundo Nietzsche, “a ilusão metafísica”, o niilismo no qual ele desvela o princípio da negação do mundo e uma aversão ao ser. Já em GT, ele faz de Sócrates o responsável pela decadência da tragédia grega, na medida em que este teria recalcado o elemento de embriaguez e êxtase através da racionalidade: Sócrates seria um ponto de virada da história mundial, pois com ele veio ao mundo uma “profunda representação ilusória”, “aquela crença inabalável de que o pensamento, pelo fio condutor da causalidade, alcançaria” até os abismos mais profundos do ser, e de que o pensamento estaria em condições não somente de conhecer o ser, mas até mesmo de corrigi-lo”(15, KSA1:99). Sócrates não teria compreendido a tragédia, razão pela qual o socratismo seria o princípio mortal pelo qual a tragédia grega — e com ela toda a cultura grega — teria sucumbido: Sócrates seria o opositor de Dioniso. O menosprezo, aqui presente, pelo êxtase e pela embriaguez, por Dioniso, faz de Sócrates, aos

naquilo que como veremos adiante Nietzsche chamou de catástrofe da civilização Moderna. Portanto, em sua tragédia ou saga, Zaratustra é o perseguidor da grande busca, o estranho que carrega consigo “a questão mais profunda” que podemos ler em Blanchot. Ousemos afirmar que atua antes de qualquer condução puramente conceitual, no limite da palavra que é luz, claridade, enigma, escuridão. Porque em primeira instância, longe de ser um profeta a buscar nova doutrina, devêssemos considerar a tipologia ou encarnação do filósofo que deseja esquecer qualquer doutrina. Eis o cancelamento dos valores morais, pois ao passar adiante da praça pública, Zaratustra não pretende mais comunicar o cancelamento da moral, ele sabe que Deus morreu, que o conhecimento, assim como a ideia de vida e de travessia são diferentes. Mas os homens da praça ainda não podem ouvi-lo. Zaratustra parece compreender que deve deixar morrer inclusive a ideia de mestria, ou seja, aquele que vem para anunciar a verdade! Contudo, neste caminho ele irá refletir como um espelho, todo o peso carregado pela figura que se carrega de conhecimento, transferência do mestre e a sua inter-relação com a figura do último-homem, oposições perante o homem-superior.

E por isso, como apontou Suffrin, ele não é um filósofo do tipo socrático⁶⁶, não saíra da caverna para conhecer a verdade que é o “Bem em oposição à ignorância que é o mal”. “O sábio, aquele que contempla o sol, símbolo do Bem, fonte suprema de todos os conhecimentos” Ao contrário, deixou-a, onde estivera sendo cultivado junto aos animais. Lá

olhos de Nietzsche, o fenômeno mais problemático da antiguidade. (NIEMEYER. Christian, *Léxico de Nietzsche*, p.522).

⁶⁶ HÉBER- SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003., p. 41.

recebera a luz, que foi alimento à transbordante sabedoria. Exemplifica-se: “Olha estou farto da minha sabedoria, como a abelha que juntou demasiado mel; necessitam de mãos que se estendam.”⁶⁷ O andarilho acredita que o povo é mão estendida e poderia ouvir suas palavras, que ensinam o além-do-homem. “Depois de falar essas palavras, Zaratustra olhou novamente para o povo e calou. *‘Aí estão eles e riem’*, falou para seu coração, *‘não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos’*”. Todavia, sabemos que ninguém quis ouvi-lo, exceto, o equilibrista, dançarino que ao escutar Zaratustra se põe a trabalhar.⁶⁸ É o único que, admirado pelo mestre, capturado pela palavra, ariscar-se na perigosa travessia. Mas, ao descobrir que este era um discípulo morto, o multívago compreende que seu destino não são as palavras, nem a enunciação de alguma sabedoria.

Nesse meio – tempo o equilibrista começara seu trabalho: Surgira de uma pequena porta e andava sobre a corda que se achava estendida entre duas torres, acima da praça e do povo. Quando estava no meio de seu caminho, abriu-se novamente a pequena porta e um rapaz de vestes coloridas, semelhante a um palhaço, pulou fora e seguiu o primeiro com passos rápidos. “Adiante, aleijado!”, gritou com voz terrível, “Adiante, preguiçoso, muambeiro, cara-pálida! Para eu não te fazer cócegas com meu calcanhar! Que fazes entre as torres? Teu lugar não é na torre, devias ser trancafiado, estorvas o caminho de alguém melhor que tu!” – E a cada palavra lhe chegava mais próximo; porém, quando estava somente a um passo diante do equilibrista, sucedeu a coisa mais pavorosa que fez toda boca silenciar e todo olhar enrijecer: - lançou um grito de demônio e saltou sobre aquele que lhe estava no caminho. Mas esse vendo seu rival assim triunfar, perdeu a cabeça e a

⁶⁷ Nietzsche, 2011, p. 11

⁶⁸ Ibid., p. 13.

corda desfez-se de sua vara e mais rapidamente do que ela mergulhou na profundidade, como um redemoinho de braços e pernas.⁶⁹

O corpo do dançarino caiu ao lado de Zaratustra, que, de joelhos, o socorre, e, após erguer-se moribundo, meio vivo, eis que fala: *“Há muito tempo que sabias que o demônio me passaria a perna. Agora ele me leva para o inferno; queres impedi-lo?”* Igualmente Zaratustra lhe explica que não há nenhum demônio e ele deveria morrer tranquilo, pois estava apenas fazendo do perigo seu ofício, coisa que não poderia se jogar fora, prometendo a este um sepultamento digno. Enfim, assiste ao equilibrista despedir-se da vida. Como se tratasse de um amigo próximo, amigo que revela ser um nobre, pois o carrega, compreende a virtude de sua conduta. O dançarino é levado nas costas de Zaratustra, mas, antes de inumá-lo, leva-o junto em sua caminhada, por mais alguns dias. É quando de repente percebe em sua caminhada algo a preocupá-lo. Ao refletir, declara:

Enfim, seus olhos se abriram: admirado, Zaratustra enxergou a floresta e o silêncio, e admirado olhou dentro de si. Então se ergueu depressa, como um navegante que subitamente vê terra, e exultou: pois viu uma nova verdade. E assim falou então ao seu coração: Uma luz raiou para mim: de companheiros necessito, de vivos – não de mortos e cadáveres, que levo comigo para onde quero ir. Mas de companheiros vivos necessito, que me sigam porque querem seguir a si mesmos.⁷⁰

Nesta passagem pode-se identificar a pretensão de certo desatrelamento do andarilho. Desatrelamento que aponta para o fim da

⁶⁹ Ibid., p. 20.

⁷⁰ Ibidem, p. 23.

moral, missão ou anunciar da verdade. Zaratustra pretende partir sem anúncios, pretensões, clarividências, sem bem e mal. Somente com a pretensão de que a moral do nobre poderá ser um valor que ele deva guardar, mas, de qualquer modo, não mais carregar.

Contudo, um pouco antes do episódio da praça, ao descer da montanha, ele ainda parece, o “profeta” que deseja ensinar à multidão sobre a verdade do mundo e ensinar aos homens o sentido do além-do-homem. Mas podemos nos perguntar se Nietzsche não quisera romper com a ideia de mestre, profeta doutrinador, o que ele chamou de tosquiador de ovelhas. Aquele que deseja sacrificar-se para melhorar o mundo.

Pois, ao levar o amigo morto consigo, logo depois de ser derrubado pelo rival que o aterrorizou, entende que é mais interessante ter companheiros vivos, que possam com ele andar, pois já não deseja falar a companheiros que não o podem ouvir.

É válido questionar-nos se a morte do equilibrista não seria a representação da morte do mestre, já que o andarilho continua sua busca pela superação do homem, embora pareça não mais intentar construir-lhe um tipo ideal, partícipe de uma típica cultura. A representação de Zaratustra, como mestre-profeta, procura destacar o sentido de espelho como objeto a refletir o efeito da civilização no homem. (Todos os valores morais as quais estão assentados o conceito de vida, verdade da vida, e que ensinar nesta vida). Todavia, estarão lá as imagens dos valores, do asco vivido pelo espírito de gravidade, a tipificação do último-homem, reflexo, imitação, não autêntica da visão de um humano deformado pela formação da civilização Moderna.

Acerca das tantas definições sobre a novela de Zaratustra, Suffrin definiu, em seu livro intitulado *O Zaratustra de Nietzsche*, que este é um “novo profeta”. E, sobre a pergunta: “Por que é Zaratustra que fala? ”, afirma que Nietzsche ironicamente escolhe Zaratustra, um profeta iraniano do século VII, para dizer que seu personagem é oposto à figura histórica. Se este ao nascer já era iluminado, guia da humanidade na luta entre o bem e o mal, pois, segundo o livro: O que interessa a Nietzsche, segundo Suffrin, é o fato de que Zaratustra foi o primeiro a descobrir claramente o fundamento moral da Metafísica, ou seja, operar deliberadamente essa transposição do ético para o cósmico, a discernir a genealogia moral da sua concepção de mundo, ou seja, fundador da oposição bem e mal, Zaratustra histórico é o oposto de Zaratustra personagem, justamente porque este está buscando transvalorar esta oposição.

Apesar das diferenças, ambos têm a mesma lucidez, ambos enxergam o necessário, carregam em si a coragem da palavra, a verdade.⁷¹ Suffrin afirma que o personagem de Nietzsche vem para dizer outra verdade, que é “O contrário da verdade dita pelo Zaratustra histórico”, que é o primeiro a pregar a ideia de bem e mal. Esse é o dualismo que Zaratustra personagem irá rejeitar. Portanto, mesmo que concordemos com a ideia, temos de levar em consideração que o personagem não é um novo profeta. Ao contrário, vem claramente para superar os tipos “psicossociais” de homens que balbuciam, por exemplo os pregadores da verdade. Nas palavras do autor: “Será preciso

⁷¹ SUFFRIN, 2003, p. 33.

estrondear como os timbales e os pregadores da penitência? Ou acreditarão apenas em um homem que balbucia?”⁷²

Talvez, não fosse o caso de ele ser um “novo profeta”, mas de ser o “estranho andarilho” que tem a coragem de abandonar a própria ideia de homem, para que ele venha a transformar-se, que o homem entenda que está “abandonado” a sua própria sorte e condição humana, então que ele possa ouvir própria voz, abandonando os profetas de Deus que balbuciam, quer infundir-lhe a capacidade para cada qual tenha a potencialidade para criar outros valores.

Quero ensinar aos homens o sentido do seu ser: o qual é o além-do-homem, o raio vindo da negra nuvem homem. Mas ainda me acho longe deles, e o meu sentido não fala aos seus sentidos. Ainda sou, para os homens, o ponto intermediário entre um tolo e um cadáver.⁷³

Enquanto fala, é possível identificar-lhe esse caráter desmistificador, ele quer ensinar aos homens um novo sentido, mas estes acreditarão apenas em um profeta. E Zaratustra sabe que não é profeta. Também não é tolo e não está morto.

Assim, caberia interpretá-lo como aquele que vai adiante da praça, porque não pretende ser ouvido ou ter que falar como um profeta. Parecem ser essas as características mais importantes que caracterizam tal personagem, não exatamente a compreensão do que quer anunciar, profetizar, mas a busca que o empurra para o limite dessas palavras, a busca pelo além-do-homem, a experiência de uma transvaloração de todos os valores, inversão de valores. Pois o próprio para adiante da praça é um ato de coragem! Zaratustra percebe que não quer ensinar,

⁷²NIETZSCHE, 2011, p. 17

⁷³ NIETZSCHE, 2011, p. 21.

não quer discípulos como os sábios da antiguidade. Pois todos os mestres da humanidade fixaram tábuas de valores que pregam a verdade sobre o homem.

O andarilho representa, nesse sentido, outra visão de mestria. Não é apenas antípoda dos valores vigentes, mas, sim, a própria tentativa de ceifar uma ética que se faz pelo exemplo da moral cristã, ou antes mesmo disso, de uma moral negadora da vida que, segundo o viandante, inibe a fluidez do caminho ao pensamento que se adquire ao lidarmos com a palavra, com a linguagem e com a própria tentativa de novamente conceituar o que é o homem. Trata-se seguramente da tentativa da superação metafísica de mundo.

E, a partir desse ponto, todo trajeto é exercício de conhecimento; é erro, desvio, ensaio. Portanto, Zaratustra não quer mostrar como andar, não quer dizer quais são as rotas seguras para a vida e o conhecimento, quer dizer adeus, alargar as possibilidades, ampliar o conhecimento no limite de todas as suas próprias experiências.

Para Cragnohini, Zaratustra quer e busca constantemente discípulos, mas, simultaneamente, lhe indica o caminho da despedida. Por isso, ele sai em busca de companheiros e não de discípulos para ensinar; ele quer o caminho da chegada e despedida, ou seja, dizer adeus é libertar-se de toda a sabedoria de mestre; entretanto, ainda quer doar seu conhecimento, mesmo que ninguém mais possa lhe ouvir. Torna-se desatrelado, um andarilho que não quer fixar seus ensinamentos, pois deseja criar outros valores para o homem. Nesse sentido, parece utilizar-se do caminho como um processo de conhecimento, em que devemos estar atentos, mas aprender esse caminho tem como pressuposto

esquecer o caminho, isto é, o trajeto do ensinamento é caminho do esquecimento.

O ensinamento da perda, o caminho do Adeus: essa é a “doutrina” de Zaratustra, Doutrina paradoxal que despreza a si própria como doutrina, que se contradiz ao mesmo tempo em que se enuncia. Como enunciar (e pretender ensinar) uma doutrina, tal como o perspectivismo, que supõe a perda contínua de qualquer doutrina? Talvez, por isso, o final de *Assim falou Zaratustra* desenvolva-se ao redor da “A festa do burro”, um suposto renascimento de dogmas e de doutrinas, na qual o riso do mais feio dos homens desmente, entretanto, toda a intenção de dogmatização. O riso seria, talvez, uma das “matérias” a ensinar nas cátedras especiais sobre Zaratustra; o riso que ensina a desaprender todo o ensinamento, a dar leveza ao fardo da gravidade dos conceitos (cf. Cragolini, 1996). O riso coroaria cada suposto ensinamento no trajeto boca-ouvido; da mesma maneira que o paradoxal “esquece meu ensinamento”, que deveria ser pronunciado pelo mestre a cada passo. “Lembra-se de esquecer o que eu ensino”: norma quase impossível de cumprir – quando queremos lembrar, lembramos que aquilo que devemos fazer é esquecer. Norma que se autocontradiz, como todo possível ensinamento Zaratustriano. Porque se, como repete constantemente Zaratustra, não existe “o caminho” (Nietzsche, s./d., p.201), nenhuma norma pode existir, a não ser sua rejeição, o desapego a elas. Desapego que marca também o modo de existir do super-homem; aquele que é caracterizado, no *Zaratustra*, como a “virtude dadivosa” ou aquele que está “sempre dando-se de presente”.⁷⁴

Ao ir adiante, Zaratustra parece esquecer do ensinamento do sábio, que representa o ideal do profeta ascético, quer para si dizer adeus

⁷⁴ CRAGNOLINI, 2005, p. 1197.

a sabedoria dos sábios. Zaratustra torna-se deste modo, antimestre:⁷⁵ é o começo da busca vigorosa à ideia de além-do-homem.

E, sim estamos cada vez mais certos de que pretendeu abalar com seus conceitos, uma certa gama de valores que visam um único sentido à vida e aquilo que denominamos cultura. Portanto, atacará o tipo de mestria que pretende com sua doutrinação salvar o homem de si mesmo, curá-lo, em uma última análise deformá-lo. Portanto, Nietzsche parece querer desconstruir e por isso ataca o tipo de mestre metafísico, que não quer reconhecer que a terra é o lugar da vida, porque esse mestre com seus bálsamos quer aliviar o sofrimento do homem. Ensinar o caminho. Nietzsche com a visão de Zaratustra quer mostrar que o homem deve enfrentar sua dor, cultivando-se, buscando-se, sem caminhos prontos e moradas fixas. Pois ele ensina a não doutrinação. Não deve o homem a partir desta ideia de homem pronto me acabado conforma-se com a domesticação imposta pelo profeta. Por isso, Zaratustra está em sua busca notoriamente em conflito, ou seja, trata-se do confronto entre a linha tênue que separa o último-homem para o além- homem. Para exemplificarmos o que pretende Zaratustra como o buscador de outros valores, podemos ler, com base em Maria dos Remédios de Brito, a seguinte passagem:

Do ponto de vista educacional, Zaratustra, como educador, quer destacar, denunciar essa vida medíocre. Por outro lado, quer abrir uma janela para que seja visto tal declínio, a fim de que seus pares não sejam sucumbidos por ele. Isso é o que ele também espera do tipo criador. Busca mostrar todo esse cenário para que eles possam visualizar a vida, os valores a partir de novas medidas. Porém, é interessante notar que somente cada um,

⁷⁵ Id., 2005, p. 1197.

para Zaratustra, pode buscar a sua própria medida, a sua própria lei, o seu próprio discernimento.⁷⁶

Deste modo, ao voltarmos a pensar na imagem trazida pelas muitas faces de Zaratustra, há esse conflito que é paradoxal por tratara-se de uma perspectiva de Nietzsche. Há outras figurações e aparecem para dialogar com o personagem, trazendo à tona a visão de seus arqui-inimigos, representantes tipológicos da figura do último-homem. Mas que também são seus companheiros de viagem. Um louco que anda? Um anão que não quer largar suas mais altivas intenções? Um equilibrista a carregar o fardo da verdade em sua corcunda? Um herói sublime a cavar profundezas inimagináveis? Cada personagem é, de certo modo, uma faceta de Zaratustra, pois, que deve em meio a suas andanças, superar a si mesmo e descer de sua caverna equivale a libertar-se de sua sabedoria, derramar o mel contido de sua criação, o sentido de torna-se um andarilho. O caminho da criação.

Eu sou um andarilho e um escalador de montanhas, disse para seu coração, eu não gosto das planícies e, ao que parece não posso ficar muito tempo parado. E, seja lá o que ainda me aconteça, como destino e como vivência, – sempre haverá uma caminhada e uma escalada de montanha: afinal, vivencia-se apenas a si mesmo.⁷⁷

Entretanto, Zaratustra ainda deve superar o fastio do reflexo do “último homem que o habita”; entre tantas máscaras haveria uma disposta a seguir rumo ao além do homem? Qual poderia superar os

⁷⁶ BRITO, Maria dos Remédios. Signos: O ZARATUSTRA DE NIETZSCHE E SUAS INSPIRAÇÕES EDUCATIVAS: DESLOCANDO IDEIAS, PRODUZINDO INTERPRETAÇÕES, n 1, p. 87-107, 2014, ISSN 183-0378.

⁷⁷ NIETZSCHE, 2011, p. 145.

valores advindos do último ser? Não seria o desejo de inverter a em si mesmo os valores que não quer mais carregar? Por isso a inversão de um mestre cultivador para à medida que se propõe a destruir valores, tornar-se andarilho e é nesse sentido um antípoda do mestre-profeta. E diante dos homens do deserto, que, doutos embora, não possuem a liberdade de criança, ou seja, a liberdade para a “transvaloração de todos os valores.”⁷⁸

Diante desse processo, só seria possível finalizar estas linhas tendo como inspiração todo o movimento exemplar de Zaratustra. Na segunda parte da obra “Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém”, a personagem permite que seus leitores reconstruam a ideia de educação para além das perspectivas pragmáticas. Educar diz respeito a um trabalho laborioso de experimentação de si, sabendo fazer a efetiva reconciliação com a solidão, que não é reativa, mas ativa, produtiva. Caminhar consigo mesmo, com suas dores, suas alegrias, seus terrores, suas necessidades, seus conflitos, buscar seu próprio

⁷⁸ Quando Nietzsche discorre sobre a transvaloração de todos os valores, ele sabe que a história apresenta reiteradamente inversões de valor, que a fórmula de Paulo “Deus na cruz” ansiava pela “transvaloração de todos os valores” (JGB 46), e que o Renascimento, assim como Napoleão e Frederico II, representaram uma tentativa de “proporcionar [aos] valores OPOSTOS, [aos] valores NOBRES a vitória” sobre os valores cristãos (AC61). A convicção de que todo ente é apenas interpretação (entre outros NF1886-87, 7[60]), sobretudo do ponto de vista moral (NF1882, 3[1]374), de que apenas um “valor humano” (*Za I, de mil e um...*) é inerente a todas as coisas, Nietzsche vincula a ideia de “VONTADE DE PODER” e, assim, à ideia de — “ELEVAÇÃO DO HOMEM” —, em razão da qual aparece a necessidade de “superação de interpretações mais estreitas” (NF 1885-86,2 [108]). Nesse sentido, Nietzsche não é ninguém que instaura máximas morais. Ele mesmo se entende como um transvalorador que busca conferir ao fluxo do mundo sua legitimidade própria, assim como oferece (e isso está fixado expressamente em termos autobiográficos) exemplo de como uma transvaloração de todos os valores pode, como “ato de suprema autognose da humanidade”, se fazer “carne e gênio” (*EH, Porque sou um...I*) em uma pessoa. (Léxico de Nietzsche, 550-551).

caminho, desenhar suas próprias vias são profundos exercícios de cultivo, de experimentação do corpo. O tornar-se a si mesmo nem de longe requer uma meta, uma chegada. O convite silencioso de Zaratustra é: crie seu próprio caminho, experimente a sua própria potência de afirmação. Experimente, não moralize a vida.⁷⁹

Mas para isso, Nietzsche torna sua personagem desatrelada, muito diferente, por exemplo, do conceito de sábio-filósofo, que vimos emergir na fase estética romântica do jovem professor na Basiléia, inspirado por modelos da Grécia antiga e poetas coevos. E onde faz emergir de seus relatos o ancião — mestre emancipado que deveria combater à falsa cultura que estava se estabelecendo na época, ou seja, a expansão do estado liberal. Portanto parece haver uma mudança conceitual profunda que separa essas duas figuras. Em *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*, Nietzsche afirma que “Zaratustra é ... *Sobretudo um contra ideal*”. Sua filosofia mudara, a autocrítica agora era realizada de modo diluído, acessou seus pensamentos mais profundos, e, nesta altura da vida, considerava toda forma de ideal um problema para os “espíritos livres” suprimirem, e ao que tudo indica, através do caminho do criador. Essa é a grande liberdade que um mestre como o andarilho pode propor.

3.1 O ANTIMESTRE E O ÚLTIMO-HOMEM, PERANTE A FIGURA DO HOMEM SUPERIOR

Parece que Nietzsche ao prescrever a superação do último homem, também sugere que devamos enquanto “civilização” e

⁷⁹ BRITO, 2014, p. 106

especialmente enquanto “cultura” superar o fardo projetado pela figura do herói, o símbolo máximo de uma cultura. O herói é aquele que deve suportar carga. O herói é o “sublime”, mestre por excelência, representa o modelo, e o exemplo em que pode seguramente espelhar-se. Visto que o herói como símbolo representa o efeito homem, produto de uma cultura, ou seja, tudo aquilo que a humanidade faz e é, o efeito de seus antepassados, mestres, eruditos⁸⁰. Portanto, Zaratustra entre tantas facetas também é antípoda deste tipo de heroísmo tenso, que ignora sua própria deformidade, mas, pretende consertar a monstrosidade alheia.

Ao descortinar essa questão, sobre o peso de gravidade na sessão intitulada: “De velhas e novas tábuas”, o andarilho nos convoca a pensar sobre a moral como a fundadora de valores decadentes, conceito anunciado pela figura do “último homem”, que é carregado desta atmosfera pesada e que, segundo o ensinamento do andarilho, é a busca pelo além-do-homem. Todavia, o herói é aquele designado a levar essa

⁸⁰ Sobre isso Cragolini, dirá que Zaratustra adota de certa maneira, a forma de uma novela – é o fim de todo bildungsgroman (romance de formação). Zaratustra sai a viajar, em busca de discípulos, mas não retorna “mais pleno” de conhecimentos e de ensinamentos, a não ser mais vazio: menos além-mundos, menos deveres, menos ideias sublimes o atravessam. Assim é um viajante (Wanderer), um caminhante sem meta (cf. CRAGNOLINI, 2000, p. 51-64), que não narra, em sua história, grandes feitos ou epopeias, mas acasos, encontros, sonhos. Nesse sentido, Zaratustra contrapõe-se à figura do erudito, que Nietzsche descreve de maneira magistral em *Além do bem e do mal*: enquanto aquele que concebe o pensamento como um penoso ter que seguir e ser forçado, como uma tarefa lenta, vacilante, e não como algo leve, afim ao baile (Nietzsche, 1992, p.120-121). Por isso, aprender a pensar significa saber dançar, saber captar matizes, saber bailar com os pés, com os conceitos, com as palavras: saber bailar com a pena (CRAGNOLINI, M. 2005, p. 1201).

doutrinação moral e por isso, também representa esse peso refletido tanto pela figura do último-homem, peso niilista, mas também representado na figura do homem superior, fardo no qual Zaratustra supera quando decide deixar a praça pública e ir além, talvez, isto é muito bem protagonizado entre as figuras antagônicas do último-homem que é somente fardo versus o heroísmo tenso do homem-superior que deseja doutrinar e vencer os monstros no labirinto da cultura.

Deleuze, ao sondar caminhos e modelos heroicos faz uma alusão a imagem do labirinto em “Mistério de Ariadne segundo Nietzsche”, oferece uma interpretação interessante da vertigem provocada pela célebre narrativa poética do filósofo alemão. Nesse artigo, em que ele interpreta e relaciona um dos personagens de *Assim falou Zaratustra*, chamado, entre outros nomes, de “homem superior”, o qual parece representar também o niilismo, à versão do labirinto do antigo mito grego. Nesse texto, tanto a imagem do labirinto quanto o fio condutor (Ariadne) do herói Teseu são um disfarce à moral: Partindo dessa visão Deleuze/Nietzsche, percebe-se, desde o labirinto do rei Minos um outro ângulo da história sobre a versão do herói grego, ou seja, Teseu ansioso por justiça.

E é aqui que se observa um disfarce daquilo que significa ser o homem superior para Nietzsche: “O homem sublime ou superior vence os monstros, expõe os enigmas, porém ignora o enigma e o monstro que ele próprio é. Ignora que afirmar não é carregar, atrelar-se, assumir o que é, mas, ao contrário, desatrelar, livrar, descarregar o que vive. Então, o objetivo do herói, homem superior segundo Nietzsche, não se reduz a matar monstros encarcerados em seus labirintos. Talvez, o “sublime” que podemos encontrar na figura do filósofo, seja mais uma

máscara, em que se deseja esconder a fragilidade de uma moral a ser suprimida.

O homem superior invoca o conhecimento: ele pretende explorar o labirinto ou a floresta do conhecimento. Mas o conhecimento é só disfarce da moralidade; o fio no labirinto é o fio moral. A moral, por sua vez, é um labirinto: disfarce do ideal ascético e religioso⁸¹

Ou entender que em vez da tensão do herói que deve Matar ou morrer. Mas, esse doar-se implicaria perder o “jogo”, pois não se trata mais de ser o vencedor. No texto, Deleuze afirma que o Minotauro preso no labirinto é o impulso da vida afirmativa, que o liberta, e que isso não é moral. Ou seja, é pulsão da natureza dionisíaca⁸². E o fio de Ariadne? A força reativa que odeia o impulso, odeia, por sua vez, Dioniso, para desdobrar-se e logo afirmá-lo. Esse odiar de Ariadne, isto é, o fio que conduziu Teseu, o homem “sublime”, deu-lhe técnicas para matar o impulso e sair do labirinto. No entanto, Teseu abandonou Ariadne e ela entendeu. Foi em vão sua afirmação de amor ao conhecimento e sua recusa ao impulso.

Ariadne compreende sua decepção: Teseu nem sequer era um verdadeiro grego, mas antes uma espécie de alemão – mesmo que o termo não

⁸¹ Deleuze, 2006, p.9

⁸² Novamente encontramos nas palavras de Cragnolini, que faz uma alusão acerca de Dioniso e a figura do mestre. “Nesse sentido, Dioniso é a figura do mestre, paralela à de Zaratustra, e, ao mesmo tempo, a contrafigura de qualquer humanismo. Enquanto os homens Superiores representam, para Deleuze, modos inferiores da vontade de poder, sobretudo como vontade de domínio – do querer agarrar –, o ultra- homem, Dioniso, o artista, considera a vida como ligeireza, transformação, risco, desapego. Por isso, o ensinamento de Nietzsche, é o ensinamento da ausência de ensinamento, do “largar” mais que do agarrar, do livrar-se mais que do encarregar-se (CRAGNOLINI, M. 2005, p. 1200).

existisse ainda – quando se pensava que se ia encontrar um grego. Mas Ariadne compreende sua decepção num momento em que já deixou de preocupar-se: Dioniso, que é um verdadeiro grego, se aproxima; a Alma torna-se ativa, ao mesmo tempo em que o Espírito revela a verdadeira natureza da afirmação. A canção de Ariadne adquire então todo o seu sentido: transmutação de Ariadne diante da aproximação de Dioniso, sendo Ariadne a *anima* que agora corresponde ao Espírito que diz sim. Dioniso acrescenta uma última estrofe à canção de Ariadne, que se torna ditirambo.⁸³

Contudo, ainda segundo Deleuze, o labirinto que podemos aponta-lo como um modelo ou mesmo o espaço da cultura, deveria ser uma espécie de purificação, e quem o habitasse seria renovado pelo espírito do impulso à vida. “O labirinto já não é arquitetônico, tornou-se sonoro e musical”.

Enquanto na versão grega o herói necessita matar o impulso para vencer e sair do labirinto, a sugestão de Deleuze é deixarmos pousar “leve” no fundo do labirinto o impulso e deter o heroísmo tenso, esse querer da perfeição, de uma humanidade que alcançou com a morte do “instinto” seu acabamento. Pois, como alertou Nietzsche, “*o homem superior pretende levar a humanidade à perfeição, ao acabamento*”. Em *Zaratustra* o andarilho, como antimestre, desvencilha-se de certos ideais, como pertencimento de pátria, moral religiosa e sacrifícios em nome da cultura, para tornar-se o mestre da renúncia. Um mestre a olhar com suspeita criteriosa essa visão do herói que pretende levar a cultura

⁸³ DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariadne segundo Nietzsche. Cadernos Nietzsche, São Paulo, n. 20, 2006, pp. 07-17. p. 9 -12.

ao patamar de perfeição, visando uma sociedade idealizada pelos moldes da civilização que visa a perfeição, acabamento do homem.

Assim, o andarilho, na efetividade de sua travessia, parece avesso a certo tipo de heroísmo e modos de mestria. Não quer conduzir mais a juventude (não se trata de ser o mestre — filósofo exemplar), pois perece em sua sabedoria. Quer livrar-se de verdades do mestre profeta. Certamente, a travessia também tem essa marca, a autossupressão de toda a moral.

Acredita-se que o mais valioso de colocar à frente tais imagens é perceber a ressonância de suas ideias, fonte inesgotável de reflexões acerca da condição humana, diante a dimensão trágica inserida por visão dionisíaca do ser. Talvez Zaratustra, ao perambular por tantos caminhos, coloca-se no limiar entre a razão e a loucura. Portanto, seria a formação do andarilho, uma espécie de caminho que está sempre “entre”, *intermezzo*. Talvez, ainda, entre a razão e a experiência. Pois as palavras do filósofo vão além das análises discursivas e históricas, Nietzsche escreve para que sua trilha seja encarnada, vivenciada e tão logo, esquecida.

Pois ao analisarmos a sessão na primeira parte do livro *Assim falou Zaratustra*, intitulada “Do ler e escrever”, ele nos dá a entender que sua escrita, na voz de Zaratustra, não é tensa, mas, há uma esperança de que com sua visão de mundo, um outro tipo de heroísmo possa emergir de seus escritos. “Aprendi a andar: desde então corro. Aprendi a voar desde então, não quero ser empurrado para sair do lugar”. Aqui se pode perceber que a máscara do personagem não é a de um herói santo, artista e ou mesmo o filósofo da sabedoria. Mas daquele que se pôs a andar “entre” caminhos. E é essa a figura que vem para

anunciar outra construção cultural. E, não o mestre, o profeta e tão pouco o artista.

Zaratustra anuncia: *“Eu vos imploro, irmãos, permanecei fiéis a terra e não nos acrediteis que falam de esperanças supraterrâneas.”* Ou seja, *“não acrediteis”* na vida gregária, por vezes, pautadas em verdades absolutas, em ideais que, segundo o andarilho, devem ser desprezadas para que o homem apreenda o sentido da terra. Novamente surte com tais ideias, o problema da supressão e inserção de outras. Como se Nietzsche quisesse substituir a cultura que ele escancara ser decadente por outra em pudesse enfim fazer prevalecer a vida. Uma vida que não quisesse enquanto condição de existência tornar-se perfeição. Portanto, não pretende enquanto supressor da moral a encarnação de um tipo de heroísmo.

Mas na sessão intitulada “Da árvore na montanha” vê-se o herói; porém, ele é aquele solitário que, buscando cultivar-se, torna o pensamento livre para a criação. Portanto, cultivar-se é sinônimo de vivenciar a solidão. Elegendo novamente um tipo de filósofo. Todavia, veremos que, nesse ponto crucial de suas andanças, o tema liberdade surge como um desafio, uma vez que somos prisioneiros tanto do conhecer (verdade tensa do herói do conhecimento) quanto do corpo (instintos que matamos em vez de dominar — domesticação social).

Aqui, visualmente, trata-se da compreensão de que é preciso aprender a nobreza do herói, mas que esse herói não é aquele que persegue monstros e virtudes. Ele mais parece representar o deslocamento da figura do sacrifício encontrados na sabedoria do profeta.

Nietzsche ressalta nesta passagem, o esforço do jovem para superar em si mesmo toda culpa e normatização imposta pelo ideal de rebanho, ou seja, sabemos tratar-se da crítica aos valores morais e supostamente a liberdade de que tanto o além-do-homem terá de enfrentar para tornar-se criador de suas próprias leis. Mas é somente a partir da solidão que encontrará seu destino que lhe é próprio. Terá que superar mais uma vez toda a falsidade do mundo em si. “Tens de querer queimar em tua própria chama: como te renovarias, se antes não te tornasse cinzas? ”.

Enfim, o que mais está próximo de um problema real em que podemos nos deter é: a questão da “morte” do mestre, anunciada pelo desatrelamento do conhecimento a partir da ruptura com a verdade do mestre. Pois indica o abandono e esquecimento da ideia de homem e, portanto, a ideia de cultura, civilização engendradas por esse homem. Nietzsche ressalta na cosmovisão de Zaratustra que continuemos a caminhada, isto é, mais do que a criação de novos ideais para preenchermos o vazio desta falta de valores e ou ideais, o andarilho prescreverá como remédio a essa dissolução dos ideais ascéticos, a experiência da busca e da criação como forma de esquecer.

Assim, entre tantos caminhos e travessias, Zaratustra também é a representação do tempo, do devir que se dá no tempo do trajeto. É a busca do homem pelo homem, a busca pela cultura que, mesmo em ruína, o homem terá de superar.

Longe de atrever-se a responder sobre as verdades de Nietzsche, deixaremos aberta uma indagação! Pois o problema dos valores e da morte conceitual do mestre, como sábio, leva-nos diretamente não apenas para o problema que tem se instalado como indagação nas

escolas, como também refletiria reações diversas das tipologias humanas. Por isso, Nietzsche exagera estrategicamente nos trejeitos de Zaratustra e, de um lado, pretende provocar em seus leitores “carne e gênio”; de outro, quer que vejamos a incorporação de uma espécie de espelho grego. Parece mesmo acreditar que devêssemos superar até os gregos e as ruínas deixadas por esses grandiosos. Contudo, em suas reflexões e vivências, ele enxergou adiante; por isso entrega-se à ciência e ao futuro tecnológico, de modo a perceber que a ciência tratava de encerrar a ideia de homem em uma definição perigosa. Ainda assim preferiu a ciência ao pessimismo do tipo socrático, dado que Zaratustra (convencido da verdade do homem) vai desconstruindo, em seu caminho, as fábulas deixadas como valor de verdade pelo profeta, mestre, guru, moralista feiticeiro.

4 A ESCOLA DEMOCRÁTICA E O CANCELAMENTO DA MORAL

Objetiva-se, neste capítulo, rever algumas das trajetórias das críticas de Nietzsche desde a figura do mestre em sua tenra juventude à composição de Zarathustra. Contudo, Nietzsche mostra-se parte da atualidade em que ‘nós’, os ‘pós-modernos’, ‘ultra-modernos’ somos herdeiros. Herdamos uma proposta marcada por uma insurgente luta a favor das políticas Modernas e suas representações democráticas. Nietzsche é um crítico da Modernidade. A atual leitura de sua crítica revela sua contemporaneidade. Ele abre, com suas ideias, enorme cratera no ideal de homem moderno.

Ao analisarmos o que na atualidade nos tornamos, é perceptível que ainda estamos diante da ruptura de ideia de homem através da figura do “último-homem”. Portanto, vivemos a atualidade à mercê de uma grande catástrofe humana e longe da autossupressão da moral proposta por Nietzsche em diversas de suas obras. Porque não suportamos ainda viver essa vida ao modo trágico que Nietzsche pareceu indicar com base em Zarathustra?

Na atualidade, especificamente localizados na vida escolar⁸⁴, pode-se afirmar também, que vivemos no auge de novas abordagens

⁸⁴ Especificamente, quando tratamos de discorrer sobre escola, cumpre ressaltar que esta pesquisa não tem visa especificadamente criticar uma vertente de escola, senão a estrutura genealógica em que as instituições de ensino estão fundadas desde o berçário até as universidades. E o modo geral de conceitos que formam os valores culturais e sociais de um povo. Assim, tais críticas podem inclusive valer para refletirmos como certos conceitos são condições necessárias para a formação da escola brasileira ou da América Latina, pois, a nosso ver, somos descendentes de valores tipicamente europeus; somos atravessados por essas críticas ao sistema moderno tão explorado pelo autor.

políticas. Apesar de a democracia⁸⁵ ser uma ideia antiga, ela nunca se fez tão expressiva. E até inauguraram-se novos conceituais em torno de sua máxima pelo mundo. Globalização, mercados liberais, neoliberais, em que os parâmetros para medir o que é democracia estão do mesmo modo, atrelados a preceitos Modernistas tais como: justiça, liberdade, igualdade, positivismo científico, economia, mercado.

Com isso, pretende-se, neste 3º Capítulo, refletir sobre como tais conceitos são tensionados por Nietzsche desde sua tenra juventude. Tais indagações podem servir de partida para avaliarmos a condição da escola como fomentadora da cultura no âmbito escolar. Uma vez que a escola é portadora, de acordo com o filósofo, de diversos problemas que tornam uma cultura decadente. Mas, especificamente, ao pensarmos os problemas da escola pública na atualidade, que é regida por ideias de democracia, muitos aspectos refletem igualmente certa decadência cultural, por exemplo: expansão do ensino, lotação nas salas de aula e o visível desinteresse dos alunos pelo conhecimento parecem com os sintomas de que Nietzsche prescreveu, ou seja, a falência da razão. Fruto do desgaste de ideias ultrapassadas? Fé cega nos valores morais? Decadência dos valores puramente racionais?

As figuras de mestria podem, nesse sentido, responder a questões contemporâneas. Porque Zaratustra parece, com sua filosofia, desafiar a figura do mestre como aquele que torna a fábula do mundo

⁸⁵ De acordo com o livro *Léxico de Nietzsche*, em que alguns dos mais solicitados verbetes podem ser encontrados, depara-se com a seguinte expressão acerca do conceito de democracia para Nietzsche. “A Filosofia da política de Nietzsche, bem como, pois, sua crítica à democracia desenvolve-se nos anos de 1880 (cf. em especial JGB e GM). Ele rechaça a democracia: a realização dos valores democráticos conduziria a um nivelamento do tipo humano. (Léxico de Nietzsche, NIEMEYER. Christian, p. 143).

verdade ao ser ensinada. Propondo uma inversão tanto de mestre quanto de fábula, a sabedoria torna-se outra. Nietzsche apresenta como possível argumento a favor da vida o conceito de andarilho, que tem que ver com o conceito de tragicidade; este, por sua vez, parece ser elementar como valor de conhecimento e ideia de criação, superação.

E que retorna de modo enfático em *Assim falou Zaratustra* — modo esse que Roberto Machado denominou de sua “obra trágica”. Segundo o comentador, Zaratustra, entre tantas definições, caracteriza o trágico em Nietzsche. Como foi dito anteriormente, em resumo o trágico em Nietzsche significa afirmação à vida. O conceito de trágico em Nietzsche poder ser lido aqui como a antítese do que Nietzsche denominou de “o homem forte”, ou seja, o de tipo afirmativo, em comparação com “o homem de rebanho”. Por isso a democracia se faz necessário, porque se o trágico é afirmação da vida, esta, para Nietzsche, é jogo de forças (Apolo e Dioniso). A democracia estaria na contramão desses valores os quais Nietzsche quisera resgatar já em sua juventude, mas, ao longo de sua vida, procurou justificar melhor essas ideias por meio de seu estilo ou perspectiva.

Deste modo, há inúmeras noções acerca do que pretendia Nietzsche ao criticar a cultura de seu tempo. Por exemplo, Marton dirá que Wotling defende a ideia da existência de uma continuidade na obra nietzschiana, desde que ele se volta para *O nascimento da tragédia*. É a partir da análise de um parágrafo do livro que afirma: “O objetivo da investigação filosófica torna-se, assim, pensar as condições de uma reforma da cultura contemporânea, dando-se como intenção a instauração de algo análogo àquilo que era a cultura trágica dos gregos”. Com tal afirmação, ele dá ensejo a que se pergunte se, nesse sentido,

Nietzsche seria o herdeiro e continuador de um programa alemão que remontaria ao século XVIII com Winckelmann, passando por autores do classicismo e romantismo.

Mas, é exclusivamente com a figura de Zaratustra que a questão da moral, ou seja, a teoria dos valores que surtirá de modo contundente. Zaratustra configura-se certamente como outra etapa na concepção filosófica do autor, de modo que busca outro olhar sob a humanidade. Primeiro, projetando-se como o destruidor dos valores morais através do conceito de “transvaloração de todos os valores”; segundo, ressaltando que o tipo “homem forte” é aquele que experimenta e vive a vida conforme a visão de trágico.

Assim, abordaremos, metaforicamente, a figura do espelho de Zaratustra como o reflexo daquilo que Nietzsche pretendeu mostrar com tantas analogias — outra concepção de homem ou humanidade —; logo, de cultura, ou seja, o reflexo das questões da cultura (suas facetas) tem por base a ótica do andarilho — são valores que precisam ser vistos, revistos — outros abolidos na relação desta com a vida.

Há entre tantas facetas desse trágico, o espelho de Zaratustra. Tal metáfora está refletindo a travessia do homem para o além-do-homem (projeto de transvaloração dos valores.). E/ou mesmo a concepção de vida para Nietzsche estaria ligada a essa imagem. Por exemplo: na parábola “o menino com o espelho”, depois de Zaratustra ter semeado sua última esperança, isto é, que o homem possa um dia deixar de acreditar em deuses para acreditar no “além-do-homem”. Na segunda parte do livro, Nietzsche continua: “Em seguida, retornou às montanhas e à solidão de sua caverna e afastou-se dos homens: aguardando como um semeador que espalhou suas sementes. Mas sua

alma ficou plena de impaciência e avidez por aqueles que amava: pois ele tinha ainda muito a lhes dar. Isto é, de fato, o que há de mais difícil: por amor cerrar a mão aberta e, fazendo dádivas, conversar com o puder. Assim transcorreram luas e anos para o solitário; mas sua sabedoria cresceu e causou-lhe dor com sua abundância. Um dia, porém, ele despertou antes da aurora, refletiu longamente em seu leito e falou enfim a seu coração: ‘com o que me assustei tanto, em meu sonho, que acordei? Não me apareceu um menino com espelho?’. ‘Ó Zaratustra’, disse-me ele, ‘olha-te no espelho!’ Ao olhar no espelho, porém, soltei um grito e meu coração se abalou: pois não foi a mim que vi nele, e sim a careta e o riso galhofeiro de um demônio.”. “Com este sonho Zaratustra vê que seus ensinamentos corriam grande perigo! Porque muitos estavam subvertendo o que Zaratustra dizia; eram muitos os seus inimigos e até seus amigos tornaram-se estranhos e já não podiam ouvi-lo.”⁸⁶.

A escola, a filosofia e o mundo contemporâneos são espaços em que são tecidos os valores da cultura. Por isso suas críticas têm como alvo mestres ou aqueles que tratam de ensinar valores. Talvez ele tenha buscado demonstrar como a concepção de espelho é a cosmovisão de mundo, dado que entre uma analogia e outra, ele não cessa de questionar tal imagem, de afirmar, e até de impor que vejamos outras faces no espelho da vida, para que a humanidade possa compreender outros valores — esta, por sua vez, não separa a alma que conhece, do corpo, ou do corpo que experimenta, e é aspecto racional (como dimensão trágica), ou seja, ruína daquilo que não podemos acessar. Assim, tais conceitos repercutem na dimensão do espaço do ensino, cujo

⁸⁶ NIETZSCHE, 2011, p. 79

fundamento basilar consiste em valores culturais que, de acordo com Nietzsche, demonstrariam a dimensão dos valores em que se está assentada a civilização ocidental. Assim, para o filósofo, os valores, como alicerces da cultura, são transformados conforme a ideia de homem é transformada. Contudo, não são todos os homens que estão dispostos a mudar o curso do mundo; dispostos a ver, ler, ouvir, inventar outro modo de vida. A obra *“Assim falou Zaratustra”* parece ser a efetivação dessa dificuldade.

Nesse sentido, o projeto do andarilho permiti-nos fazer, como professores no exercício filosófico na escola, propostas em que, além de questionarmos a postura do mestre que educa para um determinado fim, permiti avaliarmos de que modo ou sob quais valores propomos as ideias. Porque a escola é o espaço do conhecimento e de transmissão deste, mas na origem de história, das fábulas tornadas verdade. Portanto espaço da moral e costumes — é o espaço dos discursos de verdade. Por isso, indagamos: é realmente possível fazer brilhar outras “auroras” na escola contemporânea mediante as provocações filosóficas de Nietzsche?

A escola é, primeiramente, o lugar do conhecimento; mas, se este está preenchido com os valores morais do cristianismo⁸⁷, será possível ultrapassá-los para dar vazio ao conceito da filosofia do trágico proposto por Nietzsche? Será possível, por meio do ensino escolar, uma tentativa de transvaloração dos valores? Será possível mantermos uma escola crítica, sem necessariamente torná-la antidemocrática, apolítica?

Parece haver por parte de Nietzsche preferência pelo tipo de homem-nobre, do tipo gênio legislador. O que especialmente nos

⁸⁷ NIEMEYER, CHRISTIAN, LÉXICO DE NIETZSCHE, p. 120.

interessa é o projeto que garanta a escola crítica, sem fábulas, ou fábulas que se tornaram verdades e que limitariam uma educação crítica. Em outras palavras, uma escola que provoque tanto mestres quanto discípulos a experimentarem o exercício do pensamento nômade (que tem como maior característica a busca constante pelo conhecimento).

E isso requer espaço para o diferente, sem a necessidade de criar, com base nisso, outros modos de massificação. Não pretendemos, com este trabalho, defender uma escola de poucos homens nobres e privilegiados. O objetivo consiste em pensar o estilo e o modo que, como mestres, propomos as provocações na escola. Quais são/seriam tais crenças, fábulas, verdades que nos encerram ao ensinarmos? Quais são os valores morais que impedem que o pensamento possa torna-se nômade ao estilo do andarilho?

No prefácio do livro *Aurora Nietzsche*, o filósofo ocupou-se em problematizar algo que até então, segundo seu enunciado, ninguém se ocupara, ou seja, a questão da moral. A moral da qual trata o filósofo é um meio de intimidação. Entretanto, mais que intimidar, o melhor que o moralista faz é enfeitiçar — é sua arte por excelência! “*Como uma feiticeira a moral convence*” Por isso, não é à toa que os melhores moralistas são os melhores oradores.⁸⁸

Em *A Gaia e a Ciência*, Nietzsche salienta que Sócrates, além de fazer estremecer os jovens gregos, tinha a mesma grandeza em calar. E o que Sócrates argumenta é o que Nietzsche repudiou. Sobre isso, Nietzsche assevera:

Será possível! Um homem como ele, que viveu sereno e diante de todos os olhos como um soldado - era pessimista! Ele havia, justamente,

⁸⁸ NIETZSCHE, 1978, p.155.

apenas feito uma cara boa para a vida e escondido a vida inteira seu juízo último, seu sentimento mais íntimo! Sócrates sofreu com a vida! E ainda tomou vingança por isso — com a encoberta, horrível, devota e blasfêmia! Até mesmo Sócrates tinha de se vingar? Havia um grão de altivez a menos em sua riquíssima virtude? — Aí, Amigos! Temos de superar também os gregos!⁸⁹

Como visto, Nietzsche percorre caminho longo em sua cruzada pela superação dos valores morais. Ataca Sócrates, por este ser o responsável por transmitir a seus discípulos, como mestre, o valor de vingança em relação à vida. Portanto, tudo indica que as novas auroras que Nietzsche buscou ressaltar à cultura é parte das instituições de ensino. Outras Auroras neste sentido será construir outros valores que parecem não estarem coligados com a moral tão criticada pelo autor.

Ao sistematizar em seu livro *Nietzsche, Filósofo da Suspeita*, Scarlett Marton, alerta acerca das repercussões provocadas por muitas ideias que o polêmico autor suscita. Entre tantas interpretações, não são poucas as que acabam por difamá-lo e ou lê-lo de modo apressado, o que resulta em inúmeras interpretações duvidosas e, por vezes, preconceituosas. Uma destas se refere aos valores democráticos, pois muitos, querendo enfatizar seus ataques à democracia, o julgam um filósofo reacionário.⁹⁰ Entretanto, a pesquisadora esclarece o tema explicando que, apesar de uma crítica perspicaz sobre o conceito de igualdade, há uma posição crítica ao igualitarismo ligada diretamente à dos valores gregários, visto que estes não proviriam de impulsos generosos, mas seriam engendrados pelo ressentimento contra

⁸⁹ NIETZSCHE, 1978, p. 208.

⁹⁰ MARTON, Scarlett. **Nietzsche filósofo da suspeita**. São Paulo: Casa do Saber, 2010, p. 61.

indivíduos bem-logrados, que vivem em consonância com as exigências da própria vida.

É descabido, pois, tentar examinar a consistência teórica das políticas do filósofo, tendo em vista a noção de poder no sentido estrito do termo. E isto antes de mais nada porque não é nesse contexto que elas se encontram. É igualmente descabido querer avaliar suas posições em face de regimes de governo ou doutrinas políticas, privilegiando as noções de organização, classe ou segmento social. E isto porque não é esse terreno que elas se situam. Opondo-se às leis gerais e aos conceitos universais, Nietzsche conta apresentar o diagnóstico de casos singulares. É por negligenciar a análise de sua prática filosófica que insistem tão prontamente em qualificá-lo de destruidor dos valores democráticos.⁹¹

Para Giacoia, há uma interpretação importante que vale a pena prosseguir, porque Nietzsche buscou traçar toda sua obra em um ponto pouco mencionado, isto é, a questão da supressão, de cancelamento da moral.⁹² Em discurso sobre o tema, Giacoia apresenta a questão sobre (*Aufhebung*) e traz o significado de supressão, de cancelamento. O conceito tem pouco destaque ou tem sido pouco considerado em matéria de importância filosófica, dado o modo inferior como é tratado. No entanto, autores como Zittel, por exemplo, intentam levar a sério o conceito, ao externarem que a figura da autossupressão, como um *leitmotiv* (tema), é um traço fundamental do pensamento nietzschiano.

Conforme aponta Giacoia, esse tema da “autossupressão como catástrofe da consciência moral” tem as seguintes características:

⁹¹ MARTON, 2010, p. 62.

⁹² GIACOA, J. O. **Nietzsche e a interpretação**. Vânia Dutra de Azeredo e Ivo da Silva Junior (Orgs.). Curitiba/São Paulo: Humanitas, 2012.

primeiro, como um movimento de inflexão no curso de um pensamento ou cadeias de eventos históricos de uma cultura — o que, por sua vez, deveria alterar a direção dos fluxos; segundo, haveria um retorno a si próprio ou uma reflexão-inversão de trajeto (voltar a si mesmo e contra si mesmo). Esse movimento sugere um retorno de si para si e contra si, de maneira a desencadear um tipo de autoproblematização. Desse modo, temos um movimento que pode ser visto como tomar a questão de si mesmo e, com base nisso, figurar um problema, ou seja, suprimir a questão do sujeito e objeto: o que naturalmente, por meio de Zaratustra, vemos tal perseguição dessa busca em sua trajetória.

Ainda sobre o termo “autossupressão”, Paulo César de Souza acrescenta a seguinte nota sobre a expressão (*Selbstaufhebung*), ao dizer que o verbo (*Aufheben*) significa, inicialmente, “levantar”, “pegar algo do chão”, bem como “conservar”, “guardar” ou “cancelar”, “abolir”. Em outras palavras, a maior parte da obra de Nietzsche é marcada pelo fio da autossupressão da moral. Isso porque o filósofo vê no homem a doença que é causada pelo sofrer — uma batalha que precisa enfrentar consigo. Pois o homem “sofre de si mesmo” e, por causa disso, é um campo de batalha. O homem tem de lutar com a verdade fisiológica da morte, de modo que a consequência dessa luta é o sofrimento. E supostamente encará-la com toda sua dor, ou seja, inevitável dor — que é vista por Nietzsche como fonte de questionamentos e superação.

Pretendo empreender uma leitura do drama da autossupressão necessária do ideal ascético e do ressentimento, de seu próprio elevar-se acima de si, transfigurando-se e abolindo-se. Nietzsche denomina esse processo de esclarecimento estar esclarecido sobre o ressentimento. Esta é, para ele,

a tarefa filosófica fundamental, a obra de uma vida.⁹³

Ao analisarmos o conceito de andarilho no segundo capítulo, observa-se que o tipo que denominamos de antimestre procura trilhar certos caminhos em busca da superação de si mesmo e/ou do homem em relação ao “além-do-homem”. Sem dúvida esses caminhos buscam a travessia dos valores antigos para outros valores, ou seja, trata-se da busca pela “transvaloração de todos os valores”.

Em *Assim falou Zaratustra* da superação de si mesmo podemos verificar um exemplo dessa busca consigo mesmo, ou autoproblematização. Em que Zaratustra revelaria o segredo da vida, com base num diálogo consigo, em que ela (a vida) lhe conta. “Vê”, disse, “*eu sou aquilo que sempre tem de superar a si mesmo*”. Subentende-se, então, que a superação de si mesmo.

Assim, o andarilho revela, através desse espelho em que vê refletido a sua vida, uma nova abordagem de vida. Além disso, Zaratustra diz que é preciso ver e escutar a si para superar a si mesmo. “Com o espelho de cem faces captei seu olhar, quando tinha a boca fechada: para que seus olhos me falassem. E seus olhos me falaram”. E, ao falar, esclarece onde há seres vivos; também encontrou a obediência, pois “Tudo que vive obedece”. Entretanto, Zaratustra, ao definir essa vida, expõe uma segunda coisa a respeito do que se deva obedecer: “Recebe ordens aquele que não sabe obedecer a si próprio”. Todavia, o que essa afirmação sobre a vida de Zaratustra, de fato, tem a nos dizer sobre a escola em sua atualidade?

⁹³ GIACOIA, 2012. p. 5.

E como esse tema se liga a escola, a democracia e o conceito de andarilho que estamos tratando neste trabalho? O que isso tem a ver com ensino de filosofia na escola?

Giacioia fala de uma “autossupressão como catástrofe da consciência moral” e a escola como a vemos nutre a partir de ideais e objetivos a tentação de diante a humanidade medir “falhas” no homem, “consertá-lo”, “aprimorá-lo”, para fins de manutenção da sociedade comum. Mas por que não? O que exatamente o filósofo intentou criticar ao diagnosticar que esses valores morais, a catástrofe da humanidade e por isso, logo como os valores são ensinados inclusive na escola, a questão da superação desses valores retorna à atualidade, o que Zaratustra mostra como reflexo no espelho à atualidade.

Zaratustra demonstra que o homem sujeitado a essa catástrofe tem como enfretamento diante esse espelho a autossuperação dos valores morais. Porque, tal moralidade é sinal de um enfraquecimento cultural. Talvez, exatamente porque em vez de o homem compreender o sentido do sofrimento e o absurdo da existência, tal como fizeram os gregos, por meio de sua visão do trágico, preferimos preencher a vida com o ressentimento diante à fatalidade da finitude, o fato de não mais existirmos um dia. Portanto, esse ódio converte-se em moralidade, ação reativa que comina em otimismo, *ideais ascéticos*, pois são modos, valores morais criados para suportarmos a dor diante a estreiteza da humana. Logo, odiamos a vida por termos que deixá-la tão rápido quanto nos veio. Se a vida é dor, agonia e morte o que resta ao sacerdote do ideal ascético é converter essa inquietação angustiada do homem em amansamento, domesticação através da moral e da disciplina dos corpos, então, vemos na atualidade um homem que é tornado coisificação, mero

objeto da cultura. Embora o culto não busca realizar tal transvaloração da moral em si mesmo. Torna-se de tal modo refém das normas que são legitimadas pelas categorias da racionalidade, pois a escola legitima ao ensinar valores nos moldes em que Nietzsche critica, ou seja, a escola em geral está a serviço da máquina controladora tanto dos valores apregoados pela moral, quanto financiada pelo comércio utilitarista, que visa, entre outros aspectos, o resultado e a produção econômica como prioridade da civilização. Portanto, tende a não alimentar a questão da cultura, dando vazão ao famigerado “progresso da civilização”. Todavia, subentende-se que a escola, ao pretender formar o “sujeito pensante”, de maneira a impor modos de como aprender as noções de cultura, a partir das propostas conhecidas pelas políticas democráticas etc. Nietzsche critica as tentativas modernas de erradicar a pulsão criadora do indivíduo, em nome de uma sociedade uniforme, pois o sucesso da democracia depende de um ideal de maioria que deve resultar numa formação de rebanho, de modo a persuadir/convencer o conjunto social a vivenciar e experimentar de maneira homogênea a vida. A igreja, por muito tempo, controlou esse modelo de ensino e/ou forma de “melhoramento” do homem. (Assim, muitos foram os filósofos, teólogos, comerciantes, que prescreveriam uma pedagogia do carrasco.)⁹⁴ Portanto, aquilo que pretende formar, acaba por tentar calar, deslegitimar o outro — no sentido de que não há espaço para a diversidade. Isso é uma forma de “domesticar” o indivíduo.

Nietzsche lê como catástrofe o projeto do homem moderno em que se pretende (assim como fez o terapeuta ascético), como fizera a

⁹⁴ HARDT, Lúcia. A educação em Nietzsche e o enfrentamento das totalidades: **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 3, p. 344-351, set./Dez. 2013

igreja, por pretender criar um modelo homogêneo de ensino em que todos devem obedecer aos valores de verdade impostos por essa moral do carrasco. Assim, verificamos em suas justificativas o ideal de “curar”, “aprimorar”, “sanar” o homem considerado não civilizado; inacabado. Tal projeto buscaria, nas revoluções da modernidade, tornar o animal homem em um civil gregário, inserindo-o num humanismo desmedido, isto é, o que se segue dessa noção é uma resposta niilista de mundo.

Ao escrever *Genealogia da Moral*, Nietzsche alega que o homem tende a um impulso de conservação: “Se desconsideramos o ideal ascético, o homem, o animal homem, não teve até agora sentido algum”. Todavia, o homem necessitou segundo Nietzsche de uma plausível resposta que justificasse a vida. A crença em Deus, verdades absolutas, fé na justiça e outras verdades que demonstrasse que esse terráqueo estende sua missão para além da terra e para que vida não fosse em vão. Mas também como vimos em “*Nascimento da tragédia*” elogia o período dos gregos que vai de Homero até os pré-socráticos, considerando a visão do “trágico” como a melhor forma de encarar a dor da existência e mesmo compor através da beleza, valores que faça valer a vida. Ao considerarmos o conceito dos ideais ascéticos lemos:

O que significam os ideais ascéticos? É a terceira dissertação do livro *genealogia da moral* em que Nietzsche explica tais valores a partir do viés do artista, filósofo, poeta e sacerdote. A questão do ideal ascético é certamente a crítica aos valores que sustentam a cultura ocidental, tendo início antes mesmo do Cristianismo, o que ele chamou

de fé metafísica, é uma fé milenar “ascendeu aquela crença cristão, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina ...”⁹⁵

Onde Nietzsche busca rever a origem dos valores que circunscrevem a ideia de homem, pretendeu desenterrar os valores que conceituam a formação do homem. Sem dúvida, são conceitos que não deixam de fazer emergir os maiores problemas, porque tais traços são incrustados no animal homem — uma vez educado para o convívio entre os homens (cultura) é convocado a partir deste convívio relacionar-se com determinadas éticas, políticas, e valores morais.

O autor esclarece no livro I de *A Gaia Ciência*, ao analisar certas naturezas ditas “vulgares” em relação às “nobres”, fazendo uma distinção de como essas duas naturezas e, que são ligadas às políticas inovadoras da época. Por exemplo, a predominância do comércio como modelo ideológico da burguesia em ascensão, ou seja, partiria da premissa de que é necessário estar sempre em vantagem. Todavia, estar em vantagem é igualmente agregar-se com os mais fortes ou com aqueles que possam protegê-lo na vida comunitária. Entretanto, ao demonstrar tais naturezas distintas, Nietzsche declara:

A natureza vulgar se caracteriza por nunca perder de vista a sua vantagem e pelo fato de este pensamento de uma vantagem e finalidade ser até mais forte que os mais fortes impulsos nela existentes: não permitir que esses impulsos a desencaminhem para ações despropositadas- eis sua sabedoria e seu amor próprio. Comparada a ela, a natureza superior é a mais insensata: – pois o indivíduo nobre, magnânimo, que se sacrifica, sucumbe mesmo a seus instintos, e em seus

⁹⁵ NIETZSCHE, 2013, p. 130.

melhores momentos a sua razão faz uma pausa. Um animal que arriscando a própria vida, protege seus filhotes, ou que na época do cio acompanha a fêmea até a morte, não pensa no perigo e na morte, sua razão faz igualmente uma pausa, porque o prazer com suas crias ou com a fêmea e o temor de que lhe roubem esse prazer o domina por completo; ele se torna mais estúpido do que é normalmente, tal como indivíduo nobre e magnânimo. Este possui alguns sentimentos de prazer e de desprazer tão fortes, que o intelecto tem de silenciar ou de servi-los: o coração lhe toma o lugar da cabeça e fala-se de “paixão”. (Aqui e ali surge também o oposto disso, e como que “reversão da paixão”, em Fontenelle, por exemplo, a quem certa vez puseram a mão sobre o coração, dizendo: “O que você tem aqui, meu caro, também é cérebro”.) A desrazão ou razão oblíqua da paixão é aquilo que o vulgar despreza no nobre, mais ainda quando esta se volta para objetos cujo valor lhe parece fantástico e arbitrário. Ele se aborrece com quem sucumbe à paixão do estômago, mas entende a atração que há por trás dessa tirania; não entende, porém, como se pode colocar em jogo a saúde e a honra pela paixão do conhecimento, por exemplo. O gosto da natureza superior se volta para exceções, para coisas que normalmente deixam frio e não parecem ter doçura; a natureza superior tem uma peculiar medida de valor. Além disso, ela geralmente acredita que não há uma peculiar medida de valor em sua idiossincrasia do gosto, e estabelece os seus valores e desvalores como aqueles de validade geral, tornando-se incompreensível e pouca prática.⁹⁶

Mas de onde surgiria essa combinação que formaria esse típico homem vulgar?

Para Nietzsche, ele aparece como expressão máxima com base nos valores do homem moderno. Segundo Marton, a origem desta

⁹⁶ NIETZSCHE, 2012, p. 54-55.

“*convenção*” gregária no homem, que vemos no homem moderno ou no homem dito de rebanho, esse homem vulgar, teria surgido muito antes deste homem moderno, teria surgido desde os tempos remotos como um direito àquele que, para sobreviver e conservar-se, submete-se ao equilíbrio de suas forças para poder associar-se. Todavia, todo homem, diante de um mundo hostil, escolhe a vida gregária para se sentir protegido, visto que, nesse mundo de relações, alguns são mais fortes que outros. Nasce, então, o impulso de conservação da espécie — a noção de direito. Assim, o indivíduo menos favorecido para:

Conservar a própria existência, os indivíduos mais fracos procuraram associar-se. Vivendo gregariamente, esperavam enfrentar os que, mais fortes do que eles, pudessem vir a ameaçá-los. Mas os adversários- fossem indivíduos os grupos-, sempre que tivessem forças equivalentes, concluíam a paz e estabeleciam contrato entre si. Assim surgiu a noção de direito. Reconhecendo-me direitos e permitindo-me preservá-los, cada integrante do grupo comporta-se com prudência, porque me toma como aliado contra uma terceira força que nos ameaça; com receio, uma vez que teme confrontar-se comigo; com astúcia, já que espera, em troca, que eu reconheça os seus direitos e lhe permita preservá-los. Direitos mantêm relações de força; constituem “graus de poder”. “A desigualdade de direitos”, declara Nietzsche, “é a condição necessária para que os direitos existam. Um direito é sempre um privilégio”. Meus direitos são essa parte do meu poder que os outros reconhecem e me permitem conservar; meus deveres, os direitos que outros têm sobre mim. Segue-se daí que os direitos duram tanto quanto as relações de força que lhe deram origem. A partir do momento em que a força de um certo número de indivíduos se reduz consideravelmente, os outros membros do grupo não mais reconhecem os seus direitos. Mas se, ao contrário, sua força aumenta, são estes que não mais garantem os direitos alheios. À medida em

que as relações de força se modificam, certos direitos desaparecem e surgem outros.⁹⁷

Dessa maneira, a proposta de democracia, cujo princípio é a associação do homem gregário, está assegurada pelo ideal de igualdade e do direito. E, por meio das políticas liberais, continua se legitimando como valor moral e ético na construção do homem que deve em todas essas circunstâncias ser melhorado. Outra vez, vemos como os valores que dão alicerce a formação do homem, estão maquiados por esses valores, os valores da democracia. Portanto, ao indagarmos acerca da educação na escola sob a ótica de Nietzsche, seguramente entenderemos que há uma proposta que desde o princípio do direito visa-se a domesticação, via melhoramento do indivíduo, com base no ideal de uma civilização que pode adaptada, em prol da construção deste “tipo” de homem vulgar.

É exatamente a proposta da criação do sujeito moderno, que pode ser aprimorado tanto pela ciência quanto pelas categorias da razão que visa agregar-se por interesses e vantagens. A crença cega na razão é, segundo Nietzsche, a causa desta formação que ele também denominou *niilista*⁹⁸. Deleuze refere-se ao “*niilismo reativo*”. Todavia, o andarilho

⁹⁷ MARTON, 2010, p.76-77.

⁹⁸ No início da discussão de Nietzsche com o tema *niilismo* encontra-se o aforismo O homem louco (FW 125), onde a morte de Deus (“Deus está morto”) é descrita como sinal de evaporação da possibilidade de orientação na pergunta pelo sentido da vida. Dois anos antes, em dois fragmentos, inspirados, entre outros, pelo livro de Turgueniev *Pais e filhos*, a questão já era os “*niilistas*” (NF1880, 4 [103], [108], embora Nietzsche apresente o nome “*niilismo*” para essa experiência do nada apenas a partir de 1885. Assim, diz um dos primeiros usos (que, como número 1 do segundo tomo de A vontade de poder se tornou popular): “O *niilismo* bate à porta: de onde vem até nós esse mais terrível de todos os hóspedes? —” (NF 1885-86,2[127]). E

pretende superar o do tipo reativo, que também parece ser o tipo de homem vulgar “formação do homem moderno” que deseja homens utilitaristas, vivendo sob a nulidade e certo desprezo. Portanto, o homem meramente “coisificado” é enfraquecido em nome do grupo, sofrendo de uma insuficiência por ser educado nesta perspectiva política que pretende homogeneizar o todo. Todavia, “contra um mundo suprassensível e contra os valores superiores, nega-lhes a existência, recusa-lhes qualquer validade”, que, talvez, seja fruto de uma formação histórica.

Outra vez, temos elementos para apontar que Nietzsche não deixou de falar da condição humana em seu chamado terceiro período e, por isso, não deixará o projeto da cultura, pois com base na ótica do andarilho, é necessário combater os excessos dessa força apolínea, representada por uma racionalidade latente e desenvolvida com ênfase na vida contemporânea. Uma força que desde a Grécia tende a equilibrar as forças do mundo, propor o aniquilamento de toda intuição na qual se encontra no princípio dionisíaco. E se, Zaratustra como a efetivação inclusive deste tipo de vida, comunica aos homens a necessidade de superarmos tanto o niilismo ativo quanto o passivo. Niilismo que a grande marca do homem moderno e hoje contemporâneo, pois ainda não foi superado o grande fastio de existir. A grande derrota do homem é o ressentimento ativo ou passivo provocado pelo esvaziamento do sentido da vida.

logo em seguida vem a resposta: “O cristianismo que está perecendo pela sua moral”; ou: “O niilismo europeu, sua causa: o esvaziamento de valor dos valores presentes (ibid., 2 [131]). (NIEMEYER. Christian Léxico de Nietzsche).

Eis o motivo de mencionarmos o espelho de Zaratustra frente à escola moderna, e por outro lado, ressaltar o percurso do andarilho como um antígeno a essa situação depreciativa em que se encontram muitas instituições de ensino por reproduzir ainda valores oriundos dessa “pedagogia do carrasco” promovida pela civilização do tipo de “homem vulgar”. Por isso, se temos de um lado o espelho como essa imagem decorada pela formação do homem moderno, por outro lado, veremos que Zaratustra é antimestre por ignorar essa “educação” e sem hesitar, rumo os diversos caminhos não desconhecidos, caminhos da vivência de si, *intermezzo*, em busca de outros valores.

Hoje, a proposta de uma cultura que pretende estabelecer o “aprimoramento” do homem por meio da expansão nas escolas, parece-se com o tema tão criticado pelo autor, em que foi exposto ao longo do trabalho. Visto que, por um lado, o ideal de democracia, especificamente, conceitos de igualdade, liberdade, buscados nas práticas escolares da atualidade, em assembleias, levam a frente a bandeira do progresso, ideário que ensina a máxima “ensino para todos”, e se podemos afirmar que fato isso ocorre, é no mínimo, bem relativo. Porque esse todo implicaria em um ensino mediano e que estaria longe do que Nietzsche denominou de cultura. Mas concordamos que, negar por completo, por causa de críticas do autor à democracia, talvez abrisse espaço para disputas mais violentas, inescrupulosas de grupos que, unindo-se e acreditando serem os “melhores” usariam dessa autoridade para demonstrarem seus talentos mais perspicazes. Entretanto, ao exercerem liderança, poderiam cultuar o imperialismo de uns em detrimento de outros, apelando para a vaidade de seus caprichosos atributos. Por isso, talvez sem a ideia de uma democracia,

haveria solo fértil, não para criadores, como apontou Nietzsche, mas para aqueles que, ao usufruir de certa autoridade dos “ditos- tipos-melhores”, acreditando serem criadores, verdadeiros espíritos livres, Tornariam –se verdadeiros tiranos, donos de uma liberalidade que o conduziram a tal crença.

4.1 EXPERIMENTAÇÃO, TRANSVALORAÇÃO E A ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Nietzsche ressaltou, através das questões da educação, o projeto essencial de sua vida, isto é, denunciar “a má consciência” — fruto desse ressentimento⁹⁹ à vida, pois os valores moralizantes e ascéticos paralisam-na. O indivíduo ressentido torna-se impotente para a criação, impossibilitando-o de pensar de modo crítico. O célebre filósofo, nesse primeiro intempestivo momento de sua história, formulou, com sua crítica, novo rumo à educação. Mas de acordo com a perspectiva do andarilho, o homem pode ser um experimentador de si mesmo. Ao pensarmos a ideia de formação escolar em que fôssemos delegados a experimentar uma educação não linear, ou seja, o vulnerável, não seguro, o não fixado, o não tradicional, o não costumeiro, ou seja, o

⁹⁹ “ O sentimento do direito (Rechtsgefühl) ´é um ressentimento, forma-se junto com a vingança (NF 1875,9 [1],1976). Nesse apontamento, o “ ressentimento” emerge pela primeira vez: Nietzsche abre discussão aqui com *O valor da vida* (1865), cujo autor, E. DÜHRING, emprega como sinônimos ressentimentos e vingança (VINGANÇA; cf. também VENTURELLI 1986). A esse livro outrora muito popular Nietzsche deve tal expressão. Halévy (1944, 484) sustentou a tese de que Nietzsche teria incorporado a palavra da adaptação francesa da obra de Dostoievski *O Espírito* subterrâneo, introduzindo-a no alemão. (NIEMEYER, Christian. Léxico de Nietzsche, p. 496).

avesso da luta árdua por uma educação que exige cada vez mais caminhos marcados por parâmetros curriculares, porque tais parâmetros seguem a linha da moral e da ética e que através destas, realizam o que chamamos de conhecimento. Pois esse “ideal” dos currículos parece fomentar a educação resultante de um sujeito inacabado e que “deve” tornar-se através da razão emancipado.

A trajetória do andarilho, entre outras questões (educação, cultura, ensino), leva-nos a indagar sobre o vazio sentido na atualidade e ou a causa do “mal-estar” da civilização. Em virtude disso, o próprio andarilho demonstra quanto o homem, perante essa insegurança da vida, torna-se cansado, enojado. Portanto, quando o sofrimento humano não pode ser mais tolerado, eis que é atravessado pela ideia de segurança, de cura, de amansamento do animal homem, arruinado pela própria natureza; e que vê no ascetismo, no ideal do Estado democrático, assim como no sacerdote, poeta, filósofo metafísico, algum remédio.

Pois desses ideais de civilização e/ou o entrelaçamento destes, de acordo com o autor, nasce a “má consciência” — crueldade representada por sua descarga natural, que, por sua vez, desencadeia a causa fisiológica do ressentimento e desejo de vingança, necessidade de entorpecer o sofrimento por meio de uma descarga interna dos afetos. Portanto, a natureza do homem — quando educada — não deixa de sofrer, de angustiar-se, mas, com os ideais, pode camuflar sua vingança. Assim, a natureza do homem é inerentemente paradoxal. Dessa forma, “Zaratustra como um contra ideal”.¹⁰⁰ Não pretende amansar a natureza paradoxal do homem, curá-lo, amansá-lo torná-lo doce ou leve; não pretende prometer outra terra ou paraíso. Talvez, demonstrar que a

¹⁰⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 93.

natureza humana não necessariamente precisa viver sob os valores fixados por um modelo de moral, e que o homem precisa acreditar menos em fábulas para enfrentar a natureza paradoxal, contraditória dele. O asco do sofrimento humano precisa ser encarado como possibilidade ao vislumbrarmos nossa face no espelho de Zaratustra. Zaratustra a representação desse trágico, que reflete a imagem do efeito no homem moderno em sua tentativa de construir uma verdade tão segura quanto Deus. Para não olhar diante do espelho e da cruel razão da morte, enfrentarmos a vida de modo a afirmá-la como realidade, e não como promessa.

Com essa intenção, mesmo que por vezes sinistra, quer demonstrar que é possível a superação do asco plantado no seio do ideal de homem, que se oculta por meio dos valores gregários e, especialmente, quer ensinar que não é necessário vivermos sob o jugo dos conceitos implantados na civilização como fonte, estrutura de conhecimento e vida. Portanto, ao estabelecermos contato com os conceitos tais qual Nietzsche pensou sobre os problemas mais íntimos ligados ao surgimento da ideia de homem, certamente é, em Zaratustra, que aparece a encarnação de um contra ideal, que se realiza pela incansável travessia de Zaratustra em busca do além-do-homem.

Ele é a efetivação da crítica de Nietzsche em relação a esses valores que fundamentam as ideologias que devem abrir caminho rumo à superação da catástrofe moral e aos valores metafísicos por detrás das políticas democráticas, da cultura, arte, educação, ciência e da própria filosofia. Expõe que nossa civilização está situada num modelo de cultura que pretende, de um lado, engessar corpos; de outro; moldá-los para a manutenção de seu sistema. Certamente que no mundo haverá

resistência — não é diferente de reação! É saber dizer não! É a força do leão. Mas somente a força do leão não basta! Zaratustra fala-nos de uma terceira forma de constituir outros rumos para a concepção de homem; no entanto, deve-se, primeiro, desaprender os valores implantados no cerne de nosso sofrimento — precisa-se esquecer a moral castradora do homem! E renascer para outra escola, ensino, cultura. Uma vez desaprendido a viver sob o jugo de tais ideais, abre-se caminhos para novos horizontes, novas criações acerca de uma visão de cultura. Portanto, por meio das andanças de Zaratustra, que é porta-voz desse novo horizonte que é o homem, ou seja, o homem é aquele que deve declinar para a cosmovisão de mundo em que um pensamento não ascético causaria a fissura dos valores morais e da crença “cega na razão”, por colocar em suspeita tal crença nas “verdades da fé cristã”, na busca do aprimoramento pela ciência.

Portanto, Zaratustra torna-se o oposto daquilo que o “último-homem ocidental” ainda representa. Zaratustra, como antimestre, ensina a desconfiar da moral castradora dos atos criativos, pois o “último-homem” é: citar ensina também que é necessária a confiança nos instintos do corpo (Pois que corpo e razão não estariam separados?), e para aquele que, superado o asco da existência, prescreve a arte de saber selecionar seus companheiros. Entre outros ensinamentos, prescreveria como remédio contra esse excesso de modernidade uma espécie de solidão e a capacidade de sorrir diante do sofrimento e da exaustão da vida. Talvez, o andarilho estivesse nos convidando a refletir acerca daquilo que, ante a solidão, é possível enxergarmos, isto é, a capacidade de vermos a crueldade da existência, ou seja, não vermos de igual modo ao senso comum. Discute-se copiosamente sobre a existência: dizemos

que um homem é bom ou mal, falamos de seu caráter e virtude. Porém, esquecemo-nos da verdade dita por Silenos. Então, logo que vestimos o véu de maia da existência, esquecemo-nos da crueldade da vida, ao passo que, se a recordamos, é para praticá-la tão rapidamente em outro lugar — criamos paraísos além-terra e ensinamos nossos filhos e alunos a criarem seus próprios véus do esquecimento. Hoje, essa ilusão alastrou-se de tal feito que a vida se tornou banal; é uma coisa que podemos levar, remendar, usufruir e descartar rapidamente quando não serve mais.

E, posteriormente, nossas experiências são esgotadas na multidão, sem a tão necessária solidão para o enfrentamento do vazio, do esquecimento.

Daí que seu aparente asco ao falar sobre o último-homem, porque ele representa a própria ideia de uma mudança que poderá ocorrer no homem. E é por isso que deve haver o tipo “além-do-homem”, dado que o mundo torna-se paralisado na completa desvalorização, sem a mudança que esse homem sugere, ou seja, é preciso que alguém enfrente a ordem existente, o cotidiano ou aquilo que estamos acostumados a fazer sempre igualmente. Valendo-se disso, Zaratustra inverte a ordem do mestre do tipo Socrático, que anuncia o “conhece-te a ti mesmo”, pela ordem desviante do antimestre de Zaratustra, que ensina “supera-te a ti mesmo”. Porque o homem pode ser ele mesmo, ou seja, ao superar-se, torna-se caminho de si, afastando-se do asco, da mesquinha e do interesse do homem vulgar, para criar espaço não apenas ao que é fundamentalmente político. Contudo, elevando o estatuto do artista como aquele que poderá criar uma política

que transcende as ideias de políticos, ou, em outras palavras, mudando a regra do progresso e dos ideais de civilização.

Desde de sua juventude, Nietzsche, sobre a formação e depois sobre a educação e a cada retorno do pensar, volta-se à construção da concepção de homem e cultura. Elaborando por meio de suas críticas aos valores morais o estereótipo do homem do tipo “nobre”, que muito assemelha-se à ideia de “gênio”, distinguindo-o do tipo “vulgar”.

Assim, é no centro da civilização e do suposto progresso de uma vida organizada pelo Estado que o problema parece ganhar um debate com base nas noções do direito (Justiça) e da moral (deveres). Na avaliação de Nietzsche, ao desejar tutelar as massas, o Estado descuidou-se da formação de sujeitos singulares. É plausível afirmar que, na atualidade, Nietzsche é, inegavelmente, atual, pois, as políticas democráticas, em parte, estão a serviço da formação de homens que, segundo o filósofo, são homens de uma falsa cultura e, por conseguinte, a escola fundamentada na crítica dos valores, é alvo do pensamento Nietzscheano. Uma vez que faz parte do jogo de interesses políticos o lucro e a utilização do conhecimento como mera mercadoria, e que vinculadas aos da ciência e tecnologia, criam valores “gregários” — é claro, a escola não estará limitada a essa definição. Embora seja um empecilho instalado no cerne da cultura ocidental.

Nietzsche vê como um problema sob a perspectiva da escola a questão da produção do homem do tipo “vulgar”. Portanto, o modelo pautado sob o viés de ideais de democracia estaria longe de viabilizar a singularidade no universo da formação humana, dado que está assentado nas ideias de civilização — aquilo que Nietzsche chamou de maquiagem cultural. Que, em vez de estender as forças criativas desse humano, o

paralisa; ou pelo menos trata de padronizar o que se mostra diferente. Por isso, a democracia é, para Nietzsche, o ensino voltado à homogeneização do homem. A moral ainda exerce o poder intimidador que circunscrevendo o homem de modo genérico. Por ser definitivamente um ideal de progresso, que massificaria os homens em nome de uma civilização que continua a evoluir à custa do rebanho, isto é, o homem aprendeu a obedecer, não a criar. A crítica constante de Nietzsche ao povo Alemão enquadra-se nessa definição. A Alemanha é um povo que sabe obedecer, mas, não comandar, legislar sua vida. Contudo, dizíamos anteriormente somente que, por essa perspectiva, não podemos definir o que é escola. Como aludido na introdução deste trabalho, a escola ramifica-se e se faz de muitas experiências que deslancham para além de seus muros.

Sim, porque também a escola (felizmente) é um lugar maldito, assombrado por alunos-demônios, professores-encrência, funcionários-fantasma, etc. - verdadeiros monstros indomáveis, incapturáveis, indisciplináveis aos olhos da Divina Ordem. Fala-se aqui, precisamente, de uma educação monstruosa e pecaminosa que “assusta ou amedronta os comprometidos com o reverente, com o usual, com o banal” (CORAZZA, 2002); uma educação que joga e que é jogada pelo simples prazer de jogar. E talvez seja isto que faça da escola um lugar recheado de proezas, peripécias, artimanhas, situações engraçadas, constrangedoras, comprometedoras. Acima de tudo, um lugar de criação; um lugar onde fervilham sentimentos em intensidade: alegria, diversão, gargalhada, felicidade, mas também, fúria, desassossego, indignação, revolta. Eis que batem à porta da escola, desde o início, as “potências diabólicas” que se regozijam terrivelmente por se introduzirem um dia” (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p. 19). São essas potências que realmente trabalham para

fazer surgir, por todos os lados, alguma coisa vaporosa e difusa, capaz de se deformar ininterruptamente. O drama dos que apostam na ideia de salto ou de liberdade como saída do beco, já não nos serve para pensar a educação. Pois, ao prescrever a condição de que “a liberdade só se dá na libertação, no libertar-se a si mesmo da liberdade que já há o que se tem” (LARROSA, 2002, p. 106), e ao pretender fazer a educação “saltar além de si mesma, para chegar a uma visão do espaço da liberdade” - a ideia de salto pode conduzir a certo abandono da condição imanente da educação em proveito de um além que transcende seus limites para um espaço fora - a liberdade libertada. “O problema: de modo algum ser livre, mas encontrar uma saída, ou então uma entrada, ou então um lado, um corredor, uma adjacência, etc.” (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p. 14). A esse propósito, Nietzsche nos ensina que não se trata de liberdade, mas de “conquistar o direito de criar novos valores - essa é a mais terrível conquista para o espírito de suportação e de respeito” (ZA I “Das três metamorfoses”). Mas isso, afirma o filósofo, nem mesmo o leão (ou o camelo) pode fazer, pois a liberdade enquanto autonomia é uma frágil ilusão que se agarra no exercício da força para disfarçar o determinismo na crença de algo. Somente a inocência - a criança que joga - constitui esta conquista da criação. “Inocência, é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’” (ZA I “Das três metamorfoses”).¹⁰¹

Contudo, o autor retoma a questão de um novo sentido à cultura ao criar, através das figuras de mestria, tipos que são considerados antíteses da civilização. Modelo de homens ora malditos, ora heróis que

¹⁰¹ COSTA, Gilcilene Dias da. Por uma educação leve - ao modo de Zaratustra, o “dançarino- destruidor”. MORPHEUS, publicação on-line semestral - ISSN 1676-2924

surtem para desalinhar a ordem imposta. Portanto, apesar de toda a batalha enérgica contra a moral imposta, há essas facetas de homens que parecem ensinar o caminho inverso do mundo.

O mestre em Nietzsche, nesse sentido, ensina-nos a olhar para essa realidade do mundo, pois não há outro mundo! Tais são os problemas do mundo, do ensino, da vida do corpo, da finitude do corpo. Também nos ensina que devemos desaprender a esperar e idealizar outra vida. Portanto, se quisermos transformar, ensinar outro mundo, deverá ser aqui e agora e com as armas que temos. Tomando-se por base essa faceta (talvez mais leve de Nietzsche), mas para isso é necessário a criança! Símbolo de criação. Uma inspiração para que o homem, no cerne de sua cultura (o homem atual), não seja um mero instrumento, pois, para atravessar o caminho e alcançar a outra margem, o tipo humano mediano preferirá o outro mundo, ou viver sob o julgo do outro. Esse outro pode ser Deus, Estado, partido político e grupo ideológico. Contudo a criança, representa a maturidade para a travessia. Travessia marcada pela busca do conceito de homem engajado na construção da cultura.

Para Nietzsche, o que torna a humanidade essa catástrofe real é a desmedida do homem moderno. Este se torna produto da cultura e não um homem de cultura, dado que, fundamentado nesta concepção, produziu-se um homem que lê, embora não seja capaz de imaginar, criar. Um homem que escreve, mas não ousa buscar sua voz em detrimento do grupo (crítica de Nietzsche à noção de domesticação do homem civilizado); não é necessário refletir, apenas reproduzir, e isso vale para nossa realidade (realidade homem-moderno- industrial), pois o importante é que sejamos “bons” consumidores dessa “intelectualidade

industrializada”. Portanto, o tipo de mestre andarilho emerge ao mesmo tempo como espelho da realidade, mas também surge como caricatura deformada por essa realidade. Torna-se um contra ideal aos valores que buscará negar. Demonstrando que é possível contrariar a ordem existente/estabelecida.

Vejamos que, na atualidade, a escola assim como as “universidades” parece viver parte dessa realidade apontada por Nietzsche em que há uma catastrófica visão tendenciosa à reprodução mais que a criação. Talvez a Universidade represente o resultado da condição humana, marcada pela tipologia da figura do último-homem.

A escola, em sua completude, formaria, na atualidade, jovens para o mercado de trabalho, consumidores, reprodutores de palavras e livros. Entretanto, não estamos afirmando, com tais ideias, que não deva ser ensinada a importância da escrita culta, das normas e o gosto pela literatura. Porque tudo nos levaria crer que é isso que torna uma cultura nobre e grandiosa. Mas, talvez, o problema da cultura hodierna é mais abrangente do que sondava Nietzsche ao criticar a civilização ocidental. Podemos afirmar que a própria noção de homem é muita nova e está em constante reformulação. Nietzsche parece nos chamar para essa batalha, que é desenvolver, com base em certos rompimentos, outras visões a respeito do homem. Pois lançou para o futuro problemas que estão relacionados à construção da cultura.

E faz o diagnóstico com base nos valores que denominou decadentes. Portanto, pode-se dizer que a educação, desde a crítica duramente sustentada por Nietzsche, não variou muito e, de alguma maneira, o que comanda as instituições de ensino é parte do que Nietzsche chamou de “proposta niilista” — em que se encontra a

humanidade —, uma vez que a crise, na atualidade, pode ser diagnosticada pelo viés de uma crise na educação. O que se enfrenta, por vezes, é a desilusão: ressentimentos ante os mecanismos desgastados. As tantas vertentes e teorias que nos deslocam a lugares improdutivos, áridos. Um desgaste decorrente de uma ilusão acerca do projeto cultural. Frequentemente a escola torna-se espaço para idealizações políticas e/ou disputas entre partidos. Para Foucault, em sua obra *Vigiar e punir*, a escola é o espaço instituído para disciplinar os corpos. Seu mecanismo funciona como em qualquer outra instituição, tais como: o hospital, a fábrica, o manicômio. Os corpos passam por processos de avaliação, vigilância, controle das classes, troca de séries, aperfeiçoando cada gesto anatômico com seus exercícios de educação cívica diante do professor, superior hierárquico.

O espaço escolar convive com a concepção de homem e, se avaliarmos, segundo a catástrofe do que significa o homem para Nietzsche, observa-se que a figura do último-homem apresentada pelo autor em *Assim falou Zaratustra* reflete a figuração daquilo que a humanidade, como construtora da cultura, deve superar. Logo, mediante suas instituições, a começar pela escola, deve-se superar o tipo de relação niilista no mundo. Dado que os sintomas da figura do último-homem são: ressentimentos, expiações, vinganças, castigo; atribuir culpa ao semelhante.

A figura do terapeuta revela que a história do conhecimento não passa de misericórdia e vergonha¹⁰⁴. Daí ressaltar o percurso do andarilho como um antígeno a essa sensação depreciativa na qual estão muitos estabelecimentos de ensino.

¹⁰⁴ NIETZSCHE, 2011, p. 84.

Foi esse tipo específico de poder que Foucault chamou “disciplina ou poder disciplinar”. É importante notar que a disciplina nem é um aparelho nem uma instituição, à medida que funciona como uma rede que o atravessa sem se limitar suas fronteiras. Mas a diferença não é apenas de extensão, é de natureza. Ela é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder; são “*métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade-utilidade*”; é o diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e à manutenção da sociedade industrial, capitalista¹⁰⁵.

Se a educação é o espaço da criação e do cultivo, a superação da moral do tipo domesticadora é algo latente a ser superado por mestres e educadores. Portanto, a pedagogia do andarilho é uma hipótese para o futuro, um eterno devir daqueles que buscam a superação de si, uma travessia para tornar-se o que se é. E, como resultado do não fixo, caminharmos rumo às vivências do cotidiano que nos chegam sem maiores objetivos, salvo se atravessarmos os caminhos e fazer dos encontros ensinamentos para uma educação do futuro.

¹⁰⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 27. Edição. Petrópolis: Vozes, 2003

Mas o descaso com a educação, talvez, seja reflexo de uma pedagogia do ressentimento.¹⁰⁶ Assim, podemos indicar que a caminhada sugerida pela busca incessante do andarilho por suas vivências e experiências quer acrescentar para a contemporaneidade reflexão acerca do tipo de mestre e, conseqüentemente, a cultura que está sendo ancorada por esses mesmos valores basilares do contemporâneo. Portanto, o tipo de mestria que Nietzsche pareceu indicar aponta para um paradoxo: desaprender a escola como a conhecemos é complexo, por assimilarmos uma mudança tão profunda nas estruturas e pilares do pensamento contemporâneo, dado que não se trata literalmente de explodirmos instituições; não se trata de formarmos “bons militantes” da causa escolar, tampouco fundamentar nossas pedagogias em conceitos ora sem critérios de modo quase indigentes, ora indulgentes, perdendo todo tipo de falta de atenção e ignorando o cuidado com o outro. Mas como mencionado anteriormente, ao lançarmos mão dos valores que fundamentam esse asco ou a falta de perspectivas que orientam o olhar à

¹⁰⁶ A partir da leitura de Sergio Pereira da Silva, *Pedagogia do Ressentimento e otimismo nas concepções e nas práticas de ensino*. Podemos ter uma noção do que queremos dizer com “ressentimento”. Segundo, Silva “A história da educação brasileira no século 20 traz um exemplo pertinente do otimismo pedagógico. Nas décadas de 19(10) e 19(20), o liberalismo político, revelando seu entusiasmo pela educação, enfatiza as demandas sócias por representação e justiça. Juntamente pela via da educação foi buscada a consolidação dos ideais da democracia representativa e da industrialização. Estava posto o entendimento de que as transformações econômicas e culturais pelas quais o Brasil passava nos anos de 1910 condicionaram uma compreensão de educação e escola como instrumentos de difusão da cultura do progresso, mesmo porque, como se preconizava na época, “A escolarização é o motor da história”. A partir de 1910, “os Nacionalistas” e os “católicos” encontraram na educação seu terreno de luta. Aos primeiros, em especial à liga Nacionalista de São Paulo, caberia o argumento de que a luta pela alfabetização das massas como direito político visava à cidadania, inicialmente pelo sufrágio. Os católicos, por seu turno, viam a educação das massas como um instrumento da ampliação da influência do seu credo e do poder eclesiástico. (SILVA, 2011, p.117).

vida, possamos compreender que andar sobre esses escombros, deixados pela ruptura do andarilho, é a própria morte diária do pensamento, pois Zaratustra ensina o “adeus”!

Porque assim como o pensamento e a vida do homem estão em constante mudança, a ruptura encontra-se inerente à vida do mundo e não cessa de mudar, em que os valores sobre ela estão pautados no cultivo dela, longe de um objetivo meramente comum — o que talvez fosse importante revermos é a postura da vida. Assim, é plausível afirmar que o percurso do andarilho deseja ensinar que a vida não é um ato de reserva¹⁰⁷, e que o homem, em seu princípio comum, é fluído, é mutante por natureza, como nos ensina Heráclito¹⁰⁸ — que é impossível

¹⁰⁷ Mônica Cragolini escreve em seu artigo intitulado *Estranhos, muito estranhos ensinamentos* a respeito de uma não conservação em Nietzsche. Talvez, os estranhos ensinamentos sejam justamente os que ensinam a "amar" o estranho. Teseu sabia matar monstros, mas não podia reconhecer o monstro nele mesmo. Assim, Dioniso está mais próximo da figura do ultra homem, em que "chegar a ser o que se é" não supõe nenhuma ideia de "formação" (*Bildung*), como "resultado" de um processo de "construção de si mesmo". Dioniso e o ultra homem são figuras da *antibildung*, já que não existe uma ideia prévia de "homem", que possa ser cultivada mediante valores. Sempre que se quer "formar", sabe-se previamente o que se forma, qual essência de humano deve ser cultivada, para que *télos* avance a humanidade. Quando, no "Prólogo" do *Zaratustra*, é caracterizada a figura do ultra-homem a partir dos dezoito "eu amo" (NIETZSCHE, s./d., p. 32-33), o que se destaca é a característica da **não conservação de si: "Amo aquele que prodigaliza a sua alma, não quer que lhe agradeçam e nada devolve: pois é sempre dadivoso e não quer conservar-se"** (idem, *ibid.*, p. 32). (ESTRANHOS ENSINAMENTOS: NIETZSCHE-DELEUZE. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n.93, pp.

¹⁰⁸ Segundo a visão do princípio lógico de Heráclito, isto é, sobre “o princípio universal. Este espírito arrojado pronunciou pela primeira vez esta palavra profunda: “O ser não é mais que o não-ser”, nem é menos ou ser e nada são o mesmo (Aristóteles, *Metafísica*, IV,7,3), a essência é mudança. O verdadeiro é apenas como unidade dos opostos; nos eleatas, temos apenas o entendimento abstrato, isto é, que apenas o ser é. Dizemos, em lugar da expressão de Heráclito: O absoluto é a unidade do ser e do não-ser. Se

de não ser alterado por nossas travessias. Pois Zaratustra nos ensina: “Este — é o meu caminho, — qual é o vosso? Assim respondi aos que me perguntaram pelo ‘caminho’. Pois “o caminho” — não existe!”¹⁰⁹. O que existe são diversos caminhos para o pensar e criar em Nietzsche, ao propor diferentes máscaras, quer legitimar a verdade, tendo em vista afirmá-las de muitas maneiras. E que muitas verdades estão aí para serem desaprendidas e não mais conservadas.

As duas visões parecem de imediato contraditórias. Contudo, a figura do andarilho vai além do simples esquecimento, como algo banal, fora de razão. Esse tipo de esquecimento pede uma ruptura do modo como pensamos o mundo, dos velhos modos de valorar a humanidade. Pede uma “transvaloração de todos os valores”. Porque, de algum modo, as figuras de mestria estão na mesma direção. O mestre que deseja ensinar a linguagem adequada à cultura, e o mestre abandonando a escola comprometem-se com a arte de criar novos valores à humanidade. Zaratustra, nesse sentido, não é mestre, mas fundador de mestrias; não ensina, pois está buscando criar outra visão de ensino. Por isso ele diz adeus, dado que precisa do caminho aberto para a criação. O mestre andarilho parece transcender os muros e os ensinamentos da

ouvimos aquela frase “O ser não é mais que o não-ser”, desta maneira, não parece, então, produzir muito sentido, apenas destruição universal, ausência de pensamento. Temos, porém, ainda uma outra expressão que aponta mais exatamente o sentido do princípio. Pois Heráclito diz: “tudo flui (*Panta rei*), nada persiste, nem permanece o mesmo”. E Platão ainda diz de Heráclito: “Ele compara as coisas com a corrente de um rio – que não se pode entrar duas vezes na mesma corrente”; (Platão, *Crátilo*, 402; *Aristóteles*, *Metafis.*, I, 6; XIII,4.) O rio corre e toca-se outra água. Seus sucessores dizem até que nele nem se pode mesmo entrar, (*Aristóteles*, *Metaf.*, IV,5), pois que imediatamente se transforma; o que é, ao mesmo tempo já novamente não é. (HERÁCLITO, 1973, p. 99)

¹⁰⁹ NIETZSCHE, 2011, p. 186.

escola — porque questiona o que foi aprendido e pressupõe o que deve ser esquecido para, enfim, angariar transvaloradores ou espíritos livres!

Pois tal sou eu, no fundo e desde o início, a puxar, atrair, erguer, elevar, um puxador, preceptor e tratador, que um dia, não em vão, instou a si mesmo: “torna-te o que és! ” (Píndaro, *Odes píticas*, 2,72: “Torna-te o que és, tendo aprendido o que é isso”). Assim, que os homens agora subam até mim: pois anda espero pelos sinais de que é chegado o tempo para minha descida, ainda não desço eu próprio para o meio dos homens, como devo. Por isso espero aqui, astuto e zombeteiro nas altas montanhas, nem impaciente nem paciente, antes como alguém que desaprendeu a paciência-porque não mais “padece”. Pois meu destino está me dando tempo: Terá me esquecido? Ou estará sentado na sombra, atrás de uma grande pedra, apanhando moscas?¹¹⁰

Encontramos em toda a obra, a ideia de que Zaratustra é pescador de homens — e os homens assim como grandes peixes são fiscados por suas provocações. Essa é a intenção de um andarilho. Provocar! Chamar a atenção dos homens para o mundo em que vivemos. Assim, um mestre tão vigoroso, como supôs o Nietzsche jovem, servisse para provocar aos jovens o interesse pela leitura e a seriedade com a escrita, a seriedade com que devemos pensar a vida. Um mestre que com tal rigor mostraria toda a verdade do mundo, mas, também diria o quanto tais verdades são fabulosas, são ilusórias e questionáveis. O andarilho por ser itinerante teria um breve tempo para afirmar-se ou contar sua verdade, mas, serviria para as maiores divergências, em sua tarefa na construção de novos valores, olhares,

¹¹⁰ NIETZSCHE, 2011, p. 226-227.

auroras? Atrairia a atenção àquilo que deve ser exercitado como questionador crítico da escola.

Talvez provocasse a crítica necessária para desaprendermos os ideais que Nietzsche, ao sugerir o cancelamento da moral, o faz para o homem moderno, ou seja, lembrarmo-nos de esquecer é, talvez, a maior prova de superação da moral ou, como Nietzsche escreve em *Aurora*: “Temos que aprender a desaprender; para afinal, talvez muito tarde, alcançar ainda mais: mudar de sentir”¹¹¹. Talvez seja por isso que Zaratustra renuncia a palavra aos homens. Ele já não quer falar aos homens! Não quer mais ensinar, ser o grande profeta! Nietzsche parece propor, ao romper com a ideia de mestre, outro modelo de visão de mundo — um mundo como travessia. Portanto, o andarilho deve romper com aquilo que não cabe mais — é o criador em busca de “companheiros” e não de “discípulos”; quer caminho e companheiros que saibam solapar ideia da moral negadora da criação humana. Quer companheiros, para juntos, atravessar, explorar, inventar no mundo?

¹¹¹ NIETZSCHE, 1978, p 155

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche, ao introduzir os problemas da formação e cultura, através das caricaturas que representam “mestres distintos”, expõe problemas que desencadeariam, para o futuro, questões insólitas. Ao pressupor que sua filosofia era direcionada ao futuro, mostra-se visionário. Contudo, não nos moldes de profeta. Nota-se, ao interpretar suas nuances e metáforas, que Nietzsche intentou seriamente sustentar o problema da moral e dos valores da igreja, sugerindo que o homem do futuro pudesse atravessar tais conceitos suprimindo-os de suas vidas. Portanto, sugere uma escola ou instituições de ensino em que a moral não prevaleça como cultura, educação. Nietzsche preocupou-se com o problema degenerativo da civilização, ao que tudo indica está no cerne do ensino fomentando pelo Estado. Como vimos, coincidências à parte, à época atual não está muito além das previsões do autor. Portanto, ao analisarmos as figuras de mestria, constatamos que Nietzsche, ao elaborar seu pensamento, municiou-se contra as ideias que pretendia combater. Se, em vida travou algumas batalhas; ao morrer, legaria a grande luta conceitual para os homens do futuro.

Pois a questão do mestre andarilho que, como aludido por Nietzsche em *Ecce homo* é parte dessa luta, Zaratustra é um contra ideal. Entretanto, sabem-se quais eram seus maiores inimigos (como explicitado no texto). Nietzsche intentou combater os valores morais denominados decadentes, por isso Zaratustra é travessia, fluxo contínuo de pensamento, em que decidiu, com base em seus rascunhos, ensaiar, vivenciar outra vida. Pois o maior ensinamento de Zaratustra se revela como esquecimento. Nietzsche não pretendeu viver sem nenhuma

memória ou história, senão que, como aprendizes, deveríamos desaprender os valores castradores da vida, repassados pela tradição do terapeuta ascético, — mestre do passado que Zaratustra busca superar. Assim, deveríamos nos lembrar de esquecer “o caminho”. Esquecer o caminho é perde-se desses valores.

Com base na grande poética do mestre andarilho podemos concluir o seguinte: não retiraremos nenhum exemplo de escola, doutrina, tampouco exercício didático, método eficaz etc..., pois a grande contribuição de Nietzsche parece favorecer, como extemporâneo, não o ensino, senão de como desaprender o que não cabe mais levar para o futuro, ou seja, uma escola pautada nas concepções da moralidade e da utilidade. Tampouco versará de uma escola em que todos serão cultivados, embora busque ressaltar a escola como o espaço em que deveríamos aprender a ler e a escrever fundamentado no espelho dos gregos. Nietzsche talvez estivesse versando sobre uma escola para poucos — nesse sentido ele é um elitista. De qualquer maneira, não deixou de criticar os moldes da burguesia que, sob a capa da moral, buscava fingir uma cultura que não tinha, vivendo uma relação puramente mercadológica com o ensino e a cultura. Nietzsche rompe com suas próprias ideias, tornando-se um trasvalorador de si mesmo. (Andarilho). Zaratustra almeja romper essencialmente o espelho da civilização moderna, inventando uma nova versão de homem. O além-do-homem. No entanto, num primeiro momento, aqueles que, como Zaratustra buscarem inventar outros valores, deverão seguir seus próprios instintos, de modo que se não agreguem ou criem sociedades ideológicas, mas enfrentem a dinastia da moral rompendo coma ideia

essencial de humanidade. Quebrando os binarismos que definem o homem do “bem e mal”.

Ao lerem-se tais palavras, que sugere deixar morrer a ideia de homem presente e buscarmos outra versão de humanidade, o que se pressente é que estaríamos, segundo o filósofo, em péssimas condições de vida. Afinal, se tudo que conheço não passa de uma grande fábula, para onde mais posso ir; como aprender discernir o mundo, se devo inventar outra versão de mundo? Fatalmente, o filósofo abala as estruturas de nossas concepções, uma vez que nascemos e aprendemos que os valores que aceitamos são verdadeiros. Por isso, Nietzsche é considerado uma dinamite, por fazer explodir/implodir e evidenciar, através dos valores, o que somos na realidade. Somos a junção de nossas crenças e ideais. Contudo, mostrará, com o “último-homem”, que acreditamos em conceitos porque somos fracos — tal fraqueza também é parte de uma educação que possa com os valores, os anúncios e as reflexões do andarilho repensar suas trajetórias e a continuar buscar o estilo e aprimoramento do pensamento. A escola, especialmente a escola pública, parece sofrer desta falta de sentido. Há, na escola, muitas crenças, disputas de poderes relacionadas a ideologias, políticas administrativas e interesses com o mercado, mas, talvez, falte à escola reflexão sobre si mesma, uma busca verdadeira fundamentada em suas crenças e seus ensinamentos. Entretanto, não nos referimos a um olhar que deva buscar promessa de cura humana. A escola parece falir segundo a visão do andarilho, porque se baseia na cura pelo terapeuta ascético, na cura do homem pecador que deve pagar, ser castigado, por quem a humanidade foi segundo o escritor do anticristo afirmou ter sido amansada, por isso somos contrariados em nossa natureza (instintos).

Entretanto, Nietzsche dirá que o terapeuta ascético com tais mecanismos disciplinares, criou apenas um mecanismo de repressão ao homem, trancando seus lobos famintos no porão, porém, querem, a todo custo, liberta-se de suas amarras. Para Nietzsche, a questão da formação, educação e cultura parece ir além dessas condições, porque para ele a escola como espaço de formação da cultura é travessia da ideia de último-homens para além do homem. Nietzsche estava interessado em engendrar companheiros dispostos à travessia dessa ideia. Para tanto, é necessário torna-se um criador — um inventor de novas tábuas!

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita 2: a experiência limite. São Paulo: escuta, 2007.

NIEMEYER, Christian. Léxico de Nietzsche. São Paulo, ed. Loyola, 2014

DELEUZE, Gilles. GUATARI, Félix. O que é a filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.

Paschoal. Antonio Edmilson Kant e-Prints, Campinas, Série 2, v. 4, n. 2, p. 323-340, jul.-dez. 2009, p. 324

CRAGNOLINI, Mônica. Estranhos Ensinamentos: Nietzsche-Deleuze. **Educ. Soc.**, Campinas, n. 93, pp. 11951203, Set/dez. 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. NIETZSCHE: A boa forma de retribuir ao mestre, Rev. Filos. Aurora, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 337-350, jul. /dez. 2008

WEBER, José Fernandes. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche**. Paraná: Editora da Universidade estadual de Londrina, 2011.

LACOUÉ-LABARTHE, P. **Hölderlin e os Gregos**. Lisboa: Vendaval, 2005.

WOTLING, Patrick. Como ler Nietzsche? Sobre a interpretação de Patrick. **Cadernos Nietzsche**, n.26, 2010.

ALVES, Thaise Dias. **A ideia de mestre em Nietzsche**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014

VISENTEINER, Jorge Luiz. Aprender a ver, Aprender a pensar, Aprender a falar e escrever: condições do conceito de Bildung no

Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche. Artigo disponibilizado em palestra/UFSC, 2011.

FREZZATTI, A. Wilson. Educação (*bildung*) enquanto verniz: crítica ao Estado e psicofisiologia. Dossiê Nietzsche e a Educação, *Filosofia e Educação* – ISSN 1984-9605 Volume 6, número 1, fevereiro de 2014.

Alves, Alexandre. Estudos sobre Nietzsche. **Revista Trágica**, v. 1.1, nº2, 2008. pp.1-17.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: como se tornar o que se é (1888). Obras incompletas. 1ª Ed. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Victor Civita Ed., 1974.

SOBRINHO, N. **A pedagogia de Nietzsche**. In: Escritos sobre educação. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012. p. 7-39.

WOTLING, Patrick. Vocabulário de Friedrich Nietzsche, 1ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**: um romance-ideia. São Paulo: Iluminuras, 2010.

_____. CORRÊA, NOÉLI, Melo. “A pedagogia de Nietzsche”. In: Escritos sobre Educação. Rio de Janeiro/SP. Loyola, 2012.

DIAS, Rosa. Nietzsche educador. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. 2ª Ed. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. São Paulo: Victor Civita Ed., 1978.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, Tragédia Nietzscheana**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita. A palavra Plural**. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HÉBER- SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRITO, Maria dos Remédios. Rev. Signos: O ZARATUSTRA DE NIETZSCHE E SUAS INSPIRAÇÕES EDUCATIVAS: DESLOCANDO IDEIAS, PRODUZINDO INTERPRETAÇÕES, n 1, p. 87-107, 2014, ISSN 183-0378.

DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariadne segundo Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 20, 2006, pp. 07-17.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche filósofo da suspeita**. São Paulo: Casa do Saber, 2010.

GIACIOIA, J. O. **Nietzsche e a interpretação**. Vânia Dutra de Azeredo e Ivo da Silva Junior (Orgs.). Curitiba/São Paulo: Humanitas, 2012.

HARDT, Lúcia. A educação em Nietzsche e o enfrentamento das totalidades: **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 3, p. 344-351, set. /dez. 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **GENEALOGIA DA MORAL**. SÃO PAULO, COMPANHIA DA LETRAS, 2009.

COSTA, Gilcilene Dias da. Por uma educação leve - ao modo de Zaratustra, o “dançarino- destruidor”. **MORPHEUS**, publicação on-line semestral - ISSN 1676-2924

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 27. Edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

SILVA, Sergio Pereira da. Pedagogia do Ressentimento: o otimismo nas concepções e nas práticas de ensino. Rev. bras. Est. pedag. Brasília, v. 92, n. 230, p. 107-125, jan./abr.2011.

HERÁCLITO, OS PRÉ-SOCRÁTICOS. 1ª edição, SÃO PAULO, VICTOR CIVITA, 1973.